

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

FANY MARÍA MONTENEGRO PEÑAFIEL

IDEOLOGIA DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA:
Um Estudo de Casos Múltiplos em quatro
Organizações Não Governamentais de Florianópolis

FLORIANÓPOLIS

2005

Fany María Montenegro Peñafiel

IDEOLOGIA DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA:

Um Estudo de Casos Múltiplos em quatro

Organizações Não Governamentais de Florianópolis

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em Administração.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Curso de Pós-Graduação em Administração.
Área de concentração em Políticas e Gestão
Institucional.

Orientador: Hans Michael van Bellen, Dr.

FLORIANÓPOLIS

2005

A minha mãe, meu irmão e meu tata Dario

O Nelson (in memoriam)

Os meus filhotes Robin, Shagui, Dona, Sargon, Donald, Kali, Bebita, Bingo... e muitos mais

O meu anjo da guarda

*À ilha de Florianópolis, com o pôr do Sol nas suas praias forma uma das expressões mais
belas da natureza e o amor de Deus*

Agradecimentos

Em vários dos cantos de Gaia há alguém que faz parte desta aventura ...

Para minha mãe Maria sempre comigo. Com você eu aprendi a nunca desistir nas provas da vida. Te amo muito mãezinha!

Ao meu irmão Juan por sempre me brindar um sorriso, uma piada e um coração muito generoso. Adoro você meu repollito.

Ao meu tata Dario, por me dar o amor de “pãe” desde o início da minha vida e por estar sempre em meu coração.

Ao Rocio, Masayuki, e Stiwart sem vocês eu não estaria aqui. Obrigada de coração pela semente e apoio nesta aventura.

Ao professor Paulo Freire Vieira pelos valiosos comentários para o desenvolvimento desta pesquisa e sobretudo por ser o exemplo de seguir acreditando numa outra visão do mundo distinta da atual.

Às organizações APRENDER, Instituto Ambiental Ratonas, Associação Amigos do Parque da Luz e Fundação Lagoa por terem possibilitado a realização desta pesquisa.

A Graziela da equipe administrativa do Curso de Pós-graduação em Administração por seu apoio e generosidade.

Ao professor Hans Michael van Bellen por seu apoio e orientação no encontro da pesquisa.

Ao professor Aldo Oliva Ramos, por tudo seu apoio durante os estudos na Universidade Inca Garcilaso de la Vega e acreditar na minha capacidade profissional e acadêmica.

Ao Ricardo meu amigão e camarada nas boas e as más, mesmo longe ou perto. Valeu.

À galera de Petroperu, especialmente a Edgardo, Auria, Kike e Maricarmen pelos bons momentos compartilhados.

A tantos e tão bons amigos que conheci aqui em Florianópolis em especial Gislane, Marisol, Ayrol e Zacarias.

Flavia e Sonia por ter me ensinado descobrir na convivência o significado da paciência. Meninas obrigada pela valiosa lição de vida.

A minha turma do mestrado. Sou muito grata a vocês, em especial:

Maria José amigona franca, sincera, honesta e paciente nas suas “escutas” em meus momentos de duvida existencial. Valeu menina!

Aos amigos Carlos Everaldo, Roberto, Fernanda, Daniela, Luciana, Luciane, Clésar, Artur por ter sempre uma força e um sorriso para mim

Ao Antônio Roberto que nunca hesitou em dar uma força para mim, quando longe no Perú ou aqui nas minhas viagens de cigana pela ilha... valeu.

Aos amigos que fiz na Fortaleza de Barra cuidando de mim como uma família.

A minha galera da Barra da Lagoa pelos momentos de amizade compartilhados à beira do mar e fazendo a minha vida mais amena: Sol, Alejandra, Carolina, Melissa, Gabriela, Lia, Mateo, Pedro, Luca, Robye, Mauro e sobretudo o Shawn, por ter ficado do meu lado me dando força, carinho, compreensão e amor.

À praia Barra da Lagoa por me dar nas suas ondas, a tranqüilidade para estudar e refletir sobre a natureza, o amor pelo mar, e um dos melhores dias da minha vida sobre uma prancha de surf ... valeu Mauro.

*O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro:
o animal, a árvore, o homem.*

*[...] O que é o homem sem os animais? Se os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem.
Há uma lição em tudo. Tudo está ligado.*

*[...] Disto nós sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem é que pertence à terra.
Disto sabemos: todas as coisas então ligadas como o sangue que une uma família. Há uma
ligação em tudo.*

[...] Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa idéia nos parece um pouco estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

[...] Cada pedaço de terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência do meu povo.

[...] E o que resta de um homem, se não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite? [...] O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros.

(CARTA DO CHEFE SEATTLE, 1865)

RESUMO

MONTENEGRO PEÑAFIEL, Fany Maria. **Ideologia do movimento ambientalista:** Um estudo de casos múltiplos em quatro Organizações Não Governamentais de Florianópolis. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Orientador: Hans Michael van Bellen, Dr.
Defesa: 28/02/2005.

Este texto teve como objetivo investigar a ideologia que predomina em quatro Organizações Não Governamentais – ONG's consideradas como parte do movimento ambientalista da cidade de Florianópolis do estado de Santa Catarina e também complementá-la tentando identificar de que forma se leva a cabo passar da ideologia para a práxis, ou da teoria para ação. Trata-se de um estudo de casos múltiplos, que apresenta uma abordagem qualitativa. Nele é realizado o levantamento das características destas ONG's ambientalistas – missão, visão do mundo (ética ecológica), valores individualistas/práticos e estratégia de ação -, através de um conjunto de entrevistas com seus membros e dirigentes mais representativos para permitir realizar uma identificação com as distintas correntes do pensamento ambientalista consideradas para esta investigação e como é seu método de ação. As conclusões do estudo sugerem a identificação da existência de uma ideologia própria construída sobre as principais características das correntes do ambientalismo, a qual estas organizações tentam desenvolver na práxis de suas atividades.

Palavras chave: Movimento social; Ideologia; Ambientalismo.

RESUMEN

MONTENEGRO PEÑAFIEL, Fany Maria. **Ideologia do movimento ambientalista:** Um estudo de casos múltiplos em quatro Organizações Não Governamentais de Florianópolis. 2005. 178 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Orientador: Hans Michael van Bellen, Dr.
Defesa: 28/02/2005.

Este texto tuvo como objetivo investigar la ideología que predomina en cuatro Organizaciones No Gubernamentales – ONG’s consideradas como parte del movimiento ambientalista de la ciudad de Florianópolis, estado de Santa Catarina y también complementarla intentando identificar de que forma se lleva a cabo pasar de la ideología a la praxis, o de la teoría para la acción. Se trata de un estudio de casos múltiples, que presenta un enfoque cualitativo. En el es realizado el levantamiento de las características de estas ONG’s ambientalistas – la misión, la visión de mundo (ética ecológica), los valores individuales/prácticos y la estrategia de acción -, a través de un conjunto de entrevistas con sus miembros e dirigentes más representativos para permitir realizar una identificación con las distintas corrientes del pensamiento ambientalista consideradas para esta investigación y de como es su método de acción. Las conclusiones del estudio sugieren la identificación de la existencia de una ideología propia construida sobre las principales características de las corrientes del ambientalismo, la cual estas organizaciones intentan desarrollar en la praxis de sus actividades.

Palabras claves: Movimiento social; Ideología; Ambientalismo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ética ecológica e seus tipos psicológicos	39
Quadro 2: Ética ecológica: as linhas do pensamento ecocentrista e antropocentrista.....	41
Quadro 3: Definição operacional da ideologia	52
Quadro 4: Definição operacional da práxis.....	53
Quadro 5: Grau de Identificação das ONG's analisadas com a categoria delta.....	165
Quadro 6: Grau de Identificação das ONG's analisadas com as linhas do pensamento ecocentrista e antropocentrista.....	166

SUMÁRIO

SUMÁRIO	I
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Justificativa	5
1.2 Objetivo Geral	6
1.3 Objetivos específicos	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 Movimento social	8
2.1.1 Movimento ambientalista	13
2.1.2 Movimento ambientalista na América Latina.....	17
2.1.3 Movimento ambientalista no Brasil	21
2.1.4 Movimento ambientalista em Florianópolis – Histórico	23
2.1.5 Práxis	28
2.2 Ideologia	30
2.2.1 Tipologias do pensamento ambientalista	34
2.2.2.1 O multissetorialismo complexo de Eduardo Viola	34
2.2.2.2 Ética ecológica: os princípios de inclusão e exclusão de Hector Leis e - José D´Amato	38
2.2.2.3 Ética ecológica: linhas do pensamento ecocentrista e antropocentrista de - Guillermo Foladori	40
3 METODOLOGIA	47
3.1 Perguntas de pesquisa	47
3.2 Natureza da pesquisa	47
3.3 Delimitação do estudo.....	49
3.4 Categorias de análise	51
3.5 Coleta de dados	53
3.6 Análise de dados	55
3.7 Limitações da pesquisa	56
4 DESCRIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES PESQUISADAS.....	57
4.1 Ações para Preservação dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Econômico - Racional - APRENDER Entidade Ecológica.....	59

4.1.1	Histórico	59
4.1.2	Ideologia	60
4.1.2.1	Missão	60
4.1.2.2	Visão do mundo (Ética ecológica)	64
4.1.2.3	Valores individualistas/práticos	73
4.1.3	Práxis	74
4.1.3.1	Estratégia de ação	74
4.2	Instituto Ambiental Ratonos	80
4.2.1	Histórico	80
4.2.2	Ideologia	81
4.2.2.1	Missão	82
4.2.2.2	Visão do mundo (Ética ecológica)	85
4.2.2.3	Valores individualistas/práticos	100
4.2.3	Práxis	100
4.2.3.1	Estratégia de ação	100
4.3	Associação Amigos Parque da Luz	106
4.3.1	Histórico	106
4.3.2	Ideologia	106
4.3.2.1	Missão	107
4.3.2.2	Visão do mundo (Ética ecológica)	110
4.3.2.3	Valores individualistas/práticos	120
4.3.3	Práxis	121
4.3.3.1	Estratégia de ação	121
4.4	Fundação Lagoa	127
4.4.1	Histórico	127
4.4.2	Ideologia	128
4.4.2.1	Missão	128
4.4.2.2	Visão do mundo (Ética ecológica)	130
4.4.2.3	Valores individualistas/práticos	142
4.4.3	Práxis	143
4.4.3.1	Estratégia de ação	143

5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS ESTUDADOS	148
5.1 Ideologia	148
5.1.1 Missão	148
5.1.2 Visão do mundo (ética ecológica).....	151
5.1.3 Valores individualistas/práticos	158
5.2 Práxis	158
5.2.1 Estratégia de ação	159
5.3 Ideologia e práxis	160
6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	164
6.1 Conclusões	164
6.2 Recomendações	168
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169
APÊNDICE	
Apêndice A: Roteiro de entrevista	

1 INTRODUÇÃO

O modelo capitalista utilizado por nossa sociedade para atingir níveis de desenvolvimento, sobretudo na dimensão econômica, infelizmente, é um grande causador de impactos negativos na dimensão ambiental e social. Esses impactos fazem parte da chamada problemática ambiental e na busca de alternativas para sua solução é necessário o envolvimento dos diferentes atores sociais, principalmente da sociedade civil, a qual caracterizou-se por deixar a solução das distintas questões de seu dia a dia, nas mãos de um Estado “soberano” responsável pelo bem-estar da população que se desenvolve em seu território (LEIS, 1995).

Como exemplo, em nosso dia a dia, nos encontramos com fatos inegáveis como a poluição do ar, dos solos, a poluição sonora, a poluição marinha, a desertificação, o desmatamento das florestas, a contaminação nuclear, a chuva ácida, as queimadas, o degelo das calotas polares, etc., os quais têm um impacto negativo no funcionamento dos ecossistemas e em decorrência os efeitos sociais tais como a fome, as guerras, a pobreza, a falta de acesso aos serviços básicos de água e rede sanitária por parte da grande maioria da população; são uma amostra de que a resiliência ecológica do ecossistema não tem a mesma velocidade para absorver as mudanças (GUNDERSON, 2003).

Estes impactos negativos, refletidos nos mais distintos grupos sociais, levam os mesmos a fazer uma reavaliação do status da vida considerada “humana” e o que se quer na realidade. Foi através do surgimento dos distintos movimentos sociais como porta-vozes daquela inconformidade, daquele sentir, daquela ruptura com um sistema tradicional de normas, padrões de conduta e valores da sociedade.

Essa história da inconformidade com o “estabelecido” não é recente, a velocidade das mudanças e adaptações dos grupos humanos, o tamanho do desenvolvimento e crescimento econômico e seus efeitos, tornou-se muito mais dinâmica no século XX que nos períodos dos séculos XVIII, e XIX.

Como forma de expressão dessa inconformidade em meados do século XX, aparece em cena uma grande quantidade de movimentos sociais. Segundo Gonçalves (1989), preocupados com distintos temas, ainda não resolvidos, como os movimentos feministas, dos direitos dos camponeses, os movimentos reivindicatórios indígenas, os de reivindicação dos

negros, os dos homossexuais, o movimento ecológico, etc. Todos eles lutando pelo reconhecimento por parte da sociedade da qual fazem parte.

O movimento ambientalista é muito complexo, focalizando sua dinâmica de ação em duas questões muito fortes: o ambiental e o social ou natureza e humanidade, pois não se pode falar separadamente dos grupos sociais e da natureza, ambos são parte da mesma teia da vida, e o que acontece com um se reflete no outro.

Como expressou o chefe Seattle ¹ da tribo dos índios Duwanish na sua carta ao Presidente dos EUA. em 1865:

Lo que le sucede a la Tierra les acaece a los hijos de la Tierra. Cuando los hombres escupen a la Tierra, se están escupiendo a si mismos. Pues nosotros sabemos que la Tierra no pertenece a los hombres, que el hombre pertenece a la Tierra. Eso lo sabemos muy bien. Todo está unido entre si, como la sangre que une a una misma familia. Todo está unido. Lo que le sucede a la Tierra les acaece, también, a los hijos de la Tierra. El hombre no creó el tejido de la vida sólo es una de sus hilachas. Lo que hagáis a este tejido, os lo hacéis a vosotros mismos. No, el día y la noche no pueden convivir juntos. [...] Continúad contaminando vuestro lecho y alguna noche moriréis en vuestra propia caída. Pero al desaparecer brillaréis por el fuego del poderoso Dios, que os trajo a esta Tierra, para dominar al Piel Roja.

Este manifesto é só uma amostra de como a espécie humana, seja pela influência religiosa judaico-cristã, com o teor da determinação de um controle sobre a natureza, ou do pensamento capitalista de ver nela só um integrante das chamadas forças de produção, isolou-se do conceito de natureza², sendo ela pertencente a mesma natureza (GONÇALVES, 1989). A visão que se têm do mundo como mundo precisa ter uma revisão.

Como um dos primeiros passos do movimento ambientalista, considera-se os movimentos populares por reformas sociais durante os anos 50 e 60, nos quais ele se misturou por algum tempo aos protestos contra os testes nucleares, a injustiça racial e a guerra do Vietnã (McCormick, 1992). É a partir de 1968, com os protestos da juventude contra o totalitarismo, e pela reivindicação da igualdade nos direitos civis, que o movimento

¹ Disponível no site www.fotonatura.org acesso em julho, 1999.

² A natureza se define, em nossa sociedade, por aquilo que se opõe à cultura. A cultura é tomada como algo superior e que conseguiu controlar e dominar a natureza [...] Dominar a natureza é dominar a inconstância, o imprevisível; é dominar o instinto, as pulsões, as paixões (GONÇALVES, p.25).

ambientalista começa a se colocar dentro do pensamento coletivo da sociedade civil. Isso se dá como uma forma de apropriação por parte da sociedade civil, da causa ambientalista.

Nesse sentido, a humanidade começou a refletir sobre o “agir” do planeta Terra, e reconhece-se como parte integrante da biosfera. Assim, o conceito de ecossistema coloca-se com muita força nesta reflexão; a espécie humana faz parte da engrenagem dos ecossistemas e seus impactos sobre ele estão pondo em risco o funcionamento e sobrevivência do mesmo.

Embora o movimento ambientalista tenha surgido com diferentes interesses e propósitos de ação, com o avanço do tempo foi amadurecendo como ideário, e pensamento, passando a se preocupar com os efeitos da conduta anti-ecológica e predatória da espécie humana, realizando uma convergência dos distintos objetivos que apontam conseguir: a saúde humana, a qualidade de vida, o desmatamento, a extinção das espécies animais, a conservação das florestas, o direito à gestão autônoma por parte das comunidades tradicionais sobre os recursos naturais assentados nas terras onde moram há séculos, os usos da energia nuclear, à caça das baleias e focas, e tantos outros, chega-se ao que se conhece como problemática sócio-ambiental.

Também como força social mobilizadora da sociedade civil, o movimento ambientalista busca uma sensibilização com esta problemática sócio-ambiental num sentido mais vasto em distintas partes do mundo. A discussão está aberta para os diferentes atores sociais envolvidos nessa; e múltiplos são os interesses, diferentes opiniões, e formas de pensar que estão numa série de encontros e desencontros ao interior desta discussão.

Nesse sentido, compreender como as organizações ambientalistas pensam e agem torna-se motivo de discussão maior. Porque estas Organizações Não Governamentais (ONG) são cada vez mais ativas e dinâmicas na busca de um espaço social no interior da sociedade, voltando sua ação para diferentes setores, cumprindo tarefas que tradicionalmente foram parte das funções de governo e de mercado, ou primeiro e segundo setor respectivamente. Desvendar este conjunto de idéias, de crenças, de ideologia (BUNGE, 1980) pode contribuir para o fortalecimento das políticas de negociação e conciliação entre os diferentes atores sociais.

Ademais, como estas ONG's ambientalistas atingem concretizar seus objetivos levando da teoria para a práxis, sem se desvincular deles, pode complementar nesta busca por conhecer a ideologia própria de cada organização.

Frente aos argumentos expostos, é intuito dessa pesquisa investigar o seguinte

problema:

Qual é a Ideologia predominante em quatro Organizações Não Governamentais Ambientalistas de Florianópolis?

Para responder a esse questionamento foi realizada uma pesquisa teórico-empírica para identificar a ideologia predominante nas organizações pesquisadas.

Este trabalho está estruturado conforme a seqüência especificada a seguir.

O primeiro capítulo, a introdução, apresenta o tema de investigação, o objetivo e a justificativa para a realização da dissertação.

O segundo capítulo trata da fundamentação teórica. Este capítulo está dividido em duas partes: os movimentos sociais e a ideologia. Esses dois eixos de análise justificam-se em função do problema de pesquisa estabelecido, e tornam-se fundamentais na sua compreensão para confrontar a teoria e a prática.

No terceiro capítulo descreve-se a metodologia adotada para a realização deste trabalho, relatando-se como foram coletados, analisados e interpretados os dados necessários para a execução da pesquisa.

O quarto capítulo refere-se a descrição das organizações pesquisadas. Apresenta-se, primeiramente, o histórico, as manifestações de princípios, idéias, crenças (ideologia), e a maneira de levá-las à prática (de forma complementar) da APRENDER, o Instituto Ambiental Ratonos, a Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa.

No quinto capítulo apresenta-se a análise comparativa dos dados observados nas organizações pesquisadas. Na primeira parte aponta-se às correntes do pensamento ambientalista no qual inserem-se as organizações; na segunda se identifica como é a prática da ideologia, e na última parte deste capítulo, tenta-se determinar a relação entre a ideologia e a práxis ao interior das organizações analisadas.

O sexto capítulo apresenta as conclusões sobre a ideologia predominante e a possível relação com a práxis e também são feitas algumas recomendações para futuros estudos.

1.1 Justificativa

O movimento ambientalista nasceu com distintos interesses segundo a causa que pretende defender, mas conforme o tempo avança as idéias iniciais vão mudando porque integra o ser humano à natureza, ambos são um, e conforme cresce este pensamento espalha-se ao nível planetário. Isto gerou e gera, por parte dos distintos autores o intuito por conhecer os distintos grupos que formam o movimento ambientalista na atualidade, e como poderiam ser organizados ou caracterizados para uma melhor compreensão da sua ação, por parte do Estado, do Mercado e da Sociedade Civil (os atores sociais).

Do amplo conjunto dos movimentos sociais, vai se focalizar o trabalho no movimento ecológico, chamado aqui de movimento ambientalista ou ambientalismo, por razões de conveniência comunicacional, se bem que os termos num sentido conceitual estrito, denotam teorias e objetivos diferenciados, embora o uso vulgar dos termos tenda a ser assimilado indiferenciadamente segundo Viola e Leis (1992).

Uma das razões que levam para esta escolha, são as características da cidade de Florianópolis: 97% de seu território (quase totalidade) fica localizada em uma ilha oceânica, a chamada “ilha da magia”, é também considerada a capital com melhor “qualidade de vida” do Brasil. Além disso ela possui 424,4 km² e uma linha de costa de aproximadamente 172 km de extensão, mais de 100 praias (incluindo a parte continental), abriga uma população fixa de aproximadamente 370 mil habitantes, a qual triplica durante os meses da temporada de verão, e 46% do seu território é área de preservação permanente (KAISER, 2004).

Sua população, numa pequena parcela é composta por pescadores nativos da ilha, descendentes dos imigrantes açorianos, e os que vêm de fora e estabeleceram-se aqui. Ambos grupos humanos com distintas idéias, visões ou um outro olhar do mundo no qual vivem e que desenvolvem uma socialização não só entre eles, mas também com os representantes do Estado e do Mercado, o que leva muitas vezes a uma falta de diálogo ou a um diálogo ineficiente sobre o como criar diretrizes para uma adequada gestão participativa sobre a ilha como um todo sócio-ambiental, e não só econômico.

A cidade também se caracteriza por depender da atividade do turismo, isto é do setor dos serviços, e em decorrência disto, há uma grande especulação imobiliária, nesse sentido o acelerado desenvolvimento urbano vem trazendo graves conseqüências para a fauna e flora da capital, dada a ocupação desordenada, aliada a fatores como falta de estrutura,

planejamento, além da fiscalização ineficiente.

Florianópolis apresenta pois um interessante campo de encontros e desencontros de diferentes interesses por parte desses atores sociais: por um lado é inegável o fato de uma necessidade de crescimento e desenvolvimento econômico (o modelo capitalista faz pois a sua presença); e por outro há a necessidade de preservar e/ou conservar não só as belezas naturais da ilha, mas a saúde e sobrevivência dela mesma como um ecossistema complexo e não isolado das mudanças que afetam seu funcionamento natural. Existe o fato inegável de que ainda não se consegue equilibrar o crescimento ou desenvolvimento econômico da Grande Florianópolis, com a preservação e/ou conservação dela mesma, e ambos estão nas mãos dos grupos humanos que ficam na ilha.

Foi esta preocupação que estimulou a formação de ONG's ambientalistas na cidade de Florianópolis, as quais passaram a realizar trabalhos de conscientização, conservação e/ou preservação e defesa do meio ambiente, além de preocupações com a dimensão social. Estas organizações são consideradas como parte dos movimentos sociais. E que fazem parte do movimento ambientalista da região, as mesmas voltam suas ações para a sociedade civil e buscam ser reconhecidas como atores sociais por parte dela.

Nessa busca é fundamental conhecer seu pensamento ou conjunto de idéias que formam a ideologia que elas reconhecem como própria; que as impulsiona para executar tarefas que tradicionalmente corresponderiam ao governo e, numa menor magnitude, o setor de mercado. Nesse sentido, agrega-se a importância de conhecer qual é o pensamento das diferentes correntes ambientalistas que estão predominando na formação da ideologia interna dessas ONG's.

Ainda que apresente limitações quanto sua possibilidade de generalização, a contribuição da presente pesquisa para os estudos na área organizacional é pertinente devido a carência de pesquisas juntando ideologia e práxis (mesmo que de maneira complementar), o que mais adiante pode vir a se tornar no embasamento de diretrizes para gestão participativa dos recursos comuns.

1.2 Objetivo Geral

Frente ao problema de pesquisa exposto anteriormente, delineou-se como

objetivo geral para a presente pesquisa:

Identificar a Ideologia predominante em quatro Organizações Não Governamentais Ambientalistas de Florianópolis.

1.3 Objetivos Específicos

Diante do objetivo geral que se pretende alcançar, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- 1) Caracterizar o histórico das quatro Organizações Não Governamentais selecionadas na percepção de seus membros entrevistados;
- 2) Identificar qual é a ideologia predominante do ambientalismo de quatro organizações selecionadas, na percepção de seus membros entrevistados;
- 3) Identificar como é a práxis das ações das organizações selecionadas, na percepção de seus membros entrevistados;
- 4) Discutir a possível relação entre a ideologia predominante e a práxis das organizações pesquisadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-EMPÍRICA

Neste capítulo investiga-se a literatura sobre as categorias de análise que alicerçam este trabalho.

Uma reflexão sobre as distintas correntes do pensamento ambientalista e suas tipologias é apresentada, porque a ideologia predominante do pensamento ambientalista e sua práxis no interior das organizações selecionadas (de maneira complementar) é a protagonista desta pesquisa. Reconhecer suas semelhanças e diferenças é fundamental para analisá-las.

Uma corrente única do pensamento ambientalista existente dentro de uma ONG ambientalista é pouco provável de ser identificada, o bom senso aponta para o espalhamento de mais de uma, fazendo parte da ideologia que cada organização construiu, a partir da definição de sua missão, a visão de mundo baseada na ética ecológica e os valores individualistas/práticos que possuem na percepção dos membros de cada organização.

Para compreender o contexto de ação de cada organização é preciso uma literatura sobre o significado de movimento social, desde o nível macro até o nível micro de atuação. Isto é, como se constrói a definição de movimento ambientalista até chegar num ponto mais localizado.

Neste sentido a discussão sobre os movimentos sociais abre este capítulo, a seguir, a categoria de análise principal, a ideologia, será abordada.

2.1 Movimento social

Para refletir sobre movimento social é relevante que seja discutido o seu conceito. O termo sugere, num primeiro momento, a idéia de mudança, variação, evolução de idéia, e para isso acontecer, significa dizer que nem todas as pessoas estão satisfeitas com a forma do mundo social ou com suas condições de vida (e fazendo uma comparação interna a esse grupo, alguns têm motivos mais procedentes que outros). Essas insatisfações podem se dirigir a um objeto ou a vários, podem ser articuladas ou isoladas, constantes ou ocasionais, de origem antiga ou recente. São diversas essas situações, uma delas por exemplo a degradação do ambiente natural. Quando uma dessas situações vira objeto de questionamento, protesto, contestação e outras ações, tem recebido o nome de “causa”, e a maioria delas deu origem, na

sociedade civil, a um fenômeno histórico-social de protesto e mobilização que tem recebido o nome de “movimento social” (SOARES, 2003).

Durante a primeira metade da década de 80, o termo *movimento social* segundo Scherer-Warren (1993) começa a ser referência central para novas reflexões teóricas, de pesquisas e estudos de caso feitos na América Latina, porque se buscam os elementos inovadores nestas formas de organizações e em seu modo de fazer política, sugerindo-se que uma nova cultura política popular e de base que estaria sendo gerada no continente latino-americano.

A autora, em seu trabalho sobre os movimentos de base (*grassroots*) define:

a categoria de sujeito popular, (para uns), e de ator social, (para outros), passa a substituir a categoria de classe social, bem como a de movimento popular e/ou de movimento social substitui a de luta de classe, significando que, em lugar da tomada revolucionária do poder poder-se-ia pensar em transformações culturais e políticas substantivas a partir da cotidianidade dos atores envolvidos (ibidem, p.17).

Em outro extremo, encontra-se o enfoque que considera o movimento social como um número limitado de ações coletivas de conflito: aquelas que atuam na produção da sociedade ou seguem orientações globais, tendo em vista a passagem de um tipo de sociedade a outro. Para Touraine (1989, apud Scherer-Warren, 1993) *movimentos sociais seriam aqueles que atuam no interior de um tipo de sociedade, lutando pela direção de seu modelo de investimento, de conhecimento ou cultural.*

Segundo Vigevani (1989) o movimento social é portador da idéia de uma sociedade nova, e se caracteriza: *pela reação às formas autoritárias e de repressão política, avançando propostas de democracia direta e de base ou representativa, pelo questionamento da distribuição do poder, pela reação à centralização do poder, avançando idéias de autonomias locais e de autogestão, pela oposição ao modelo econômico e pelo encaminhamento de novas formas de vida comunitária.*

Entende-se como a existência de questionamentos à sociedade tal como ela está construída; das bases, à estrutura e a maneira de relacionamentos dos atores sociais ao interior dela, alicerçado no modelo capitalista de desenvolvimento, o qual segundo Ramos (1989) mimetizou-se na sociabilização dos grupos humanos.

Com fins heurísticos de contrapor orientações emergentes às formas tradicionais do agir político, freqüentemente estas ações coletivas contemporâneas têm sido denominadas “novos movimentos sociais”.

Tavolaro (1998, p.59), afirma que *os novos movimentos sociais são os atores sociais e políticos que nos apresentam levantando questões e sugerindo novos modelos de sociabilidade em resposta à dinâmica que as sociedades ganharam no seu período de modernização avançada.*

Como uma maneira de identificar os **novos movimentos sociais**, cujas características foram o rompimento com a continuidade dos movimentos emancipatórios dos séculos XVIII, XIX e XX, Tavolaro avalia os novos movimentos sociais a partir de quatro aspectos-chave baseados na sugestão metodológica de Offe (1987, apud Tavolaro, 1998, p.60): os *valores* a partir dos quais se dinamizam, os *atores* que deles fazem parte, as *questões centrais* por eles levantadas, e seu *modo de ação/organização*.

- Valores; as continuidades dos novos movimentos sociais em relação àqueles que os precederam parecem estar fundamentalmente vinculadas aos valores sobre os quais se dinamizam. Como os **antigos** movimentos, aqueles que emergem a partir da segunda metade do século XX também valorizam a liberdade individual, a autonomia, as possibilidades de emancipação e os princípios universalistas humanistas, ou seja, valores em sua essência, modernos.

No enfoque de Tavolaro (1998) o que ocorre é uma mudança de ênfase e um novo direcionamento, isto é, a partir deles é que esses valores são levados adiante. Entende-se que essas conquistas não podem ser mais conseguidas apenas através do progresso técnico-científico, mas também através da recuperação da noção da importância das relações sociais normativamente reguladas, ainda que sobre bases não mais tradicionais e através da redefinição das relações da sociedade civil com o mercado e com o Estado numa perspectiva **auto-limitada**, evitando com isso processos de reificação (INGLEHART, 1990).

- Atores; não se pode mais falar que os novos movimentos sociais sejam levados adiante por indivíduos que se identificam com uma classe e que lutam em nome dessa classe da qual fazem parte. Como foi o caso dos movimentos burgueses e proletários, ou o movimento dos operários, dos camponeses, dos indígenas, das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos jovens, entre outros, que se organizam e lutam. Todos esses movimentos compartilham de um traço comum: emergem a partir de determinadas condições sociais de

existência que lhes dão substância (GONÇALVES, 1996).

Os membros desses novos movimentos sociais compartilham **carências**, estas que são percebidas como injustas, sem importar a qual classe eles fazem parte.

- Questões; os problemas em torno dos quais os novos movimentos sociais se organizam segundo Tavolaro (1998), dão amostras também da descontinuidade que representam em relação aos **antigos** movimentos. Offe (1987, apud Tavolaro, 1998) define genericamente, que tais questões são aquelas vinculadas ao medo e ansiedade resultantes das violações ou ameaças à integridade física e simbólica do corpo, da vida ou do modo de vida, por parte de arranjos institucionais da sociedade industrial avançada, por parte de sua produção material e pela inovação científico-tecnológica a ela vinculada. E nessa mesma linha Habermas (1990, p.556), assinala que *os novos conflitos se desencadeiam não em torno de problemas de distribuição, mas em torno de questões relativas à gramática das formas de vida.*

Para o caso dos novos movimentos sociais na América Latina, Costa (1994, apud Tavolaro, 1998), coloca que ao lado de grupos de mulheres e preservacionistas, convivem associações de trabalhadores fora das estruturas partidárias e sindicais **tradicionais**, grupos de ajuda mútua dos pobres e desempregados, comunidades eclesiais de base étnica, movimentos regionais, além de iniciativas nos campos de uma educação e uma arte populares.

No parecer de Tavolaro (1998), isto significaria, portanto, que a novidade no caso latinoamericano se vincula ao fato de que *questões relativas à distribuição de riquezas aparecem efetivamente entrelaçadas às questões próprias à gramática das formas de vida.* Isto concordaria de um lado, com o argumento de Durham (1984), segundo o qual, os movimentos sociais lutam, sim, pelos benefícios do desenvolvimento econômico mas também pela ampliação do acesso ao espaço público.

Então, entende-se porque no Brasil, os movimentos ambientalistas se definiam como defensores de reservas florestais, da qualidade do ar dos centros urbanos, ao mesmo tempo em que reivindicam saneamento básico para bairros inteiros de grandes cidades. Aqui o *entrelaçamento* entre questões ligadas à distribuição de riquezas e questões ligadas à gramática das formas de vida fica evidente.

- Forma de organização/modo de ação; do ponto de vista organizacional, segundo Offe (1985) lhes é característica, num momento inicial de constituição, a indiferenciação de **status** entre seus membros, porque existe uma confiança nessa

“*desdifferentiation*” do processo de tomada de decisões entre aqueles que dela participam, predominando, por isso, uma pobre e transitória demarcação entre funções de “membros” e de “líderes”.

Conforme os movimentos vão se fortalecendo e ampliando as atividades e número de membros, sente-se a necessidade de uma auto-transformação em direção a maior organização, momento em que ocorre maior formalização dos papéis de líderes e membros segundo Offe (1990, apud Tavolaro, 1998).

Sobre o modo de ação, salienta a postura de auto-limitação por eles adotada porque, evita-se a institucionalização de elos entre eles e a chamada **política oficial**, isto é, a formalização de laços com partidos políticos e o aparelho do Estado, pois entendem que não devem tomar para si tarefas que são próprias ao aparato político-administrativo e ao mercado segundo Cohen e Arato (1985, apud Werle, 1998).

Na América Latina, esses movimentos sociais segundo Calderón (apud Scherer-Warren, 1993, p.19) agrupam em torno de cinco pares as orientações coexistentes no interior das práticas coletivas, e cada um destes pares expressando uma tensão entre possibilidades antagônicas, a saber:

- a) democracia versus verticalismo e autoritarismo dentro dos próprios movimentos;*
- b) valorização da diversidade societal versus a tendência ao reducionismo e a monopolização da representação;*
- c) autonomia diante de partidos e Estado versus heteronomia, clientelismo e dependência;*
- d) busca de formas de cooperação, de autogestão ou co-gestão da economia diante da crise versus a dependência estatal e ao sistema produtivo capitalista;*
- e) emergência de novos valores de solidariedade, reciprocidade e comunitarismo versus individualismo, lógica de mercado e competição.*

Dentro do vasto conjunto das causas que conformam o movimento social, o movimento ambientalista, com seus atos buscando a sensibilização do homem para a questão ambiental, a mudança de visão que tem o ser humano sobre si mesmo, sobre a natureza e sociedade; inclui-se dentro dos movimentos reivindicatórios de direitos e múltiplas formas de protesto político. Nesse sentido conhecer e refletir sobre o histórico do movimento ambientalista é de fundamental importância e por isso este tópico é abordado a seguir.

2.1.1 Movimento ambientalista

O movimento ambientalista, foi sendo construído ao longo de sua história, aos poucos, conforme o aparecimento dos primeiros sinais de preocupação com questões que para o período, de alguma maneira tinham algum relacionamento com o conceito de meio ambiente.

Uma característica desse início é o fato de aparecer de maneira local, contudo, espalhado em distintas regiões do planeta, e com preocupações muito variadas, pois não emergiu como movimento voltado para um só setor de ação.

O ambientalismo teve sua origem em meados do século XIX e supõe-se que a preocupação do homem com sua condição de vida vem de um considerável tempo atrás. Somente perto de 1850, que os distintos ambientalistas se organizaram e institucionalizaram na forma de grupos e associações, para promover a apreciação da natureza e dar conta de casos específicos (LEÓN, 2001).

Para McCormick (1992) a origem do ambientalismo é identificada na Grã-Bretanha Vitoriana, e considerada como uma primeira influência na formação do pensamento ambiental britânico, tendo duas visões: uma surgiu com o aparecimento do livro “*The Natural History of Selbourne*”, da autoria de Gilbert White em 1788. Neste livro, o autor condensou a visão arcadiana de natureza, a qual advogava simplicidade e humildade de modo a restaurar a convivência pacífica do homem com a mesma. A outra, aparece nesse mesmo século, com o botânico sueco Carl von Linné (Linnaeus), cujo trabalho em taxonomia botânica foi a “infância da ecologia”, pois aqui se promove uma visão taxonômica e racionalista, menos compromissada com qualquer ética ecológica.

A segunda maior influência foi a cruzada contra a crueldade com os animais, sendo destacados as associações *Society for the Protection of Animals* e *A East Riding Association for the Protection of the Sea Birds* (McCormick, 1992).

Estes grupos e associações são caracterizados por León (2001) como grupos absolutamente apolíticos e até o século XX, nos anos 60, permaneceram basicamente sociais em suas atividades. Geralmente essas “sociedades naturais” são melhores compreendidas como clubes ou sociedades para pessoas com um interesse comum no campo. O movimento pela proteção da vida selvagem foi somente uma conseqüência dessa tardia reação vitoriana

ao desenvolvimento.

McCormick (1992) identifica que também as condições sociais urbanas passaram por um exame minucioso, a partir da revisão dos trabalhos de Charles Dickens e Friedrich Engels³. Isto é, não se pode dissociar a relação meio ambiente-sociedade.

A crença otimista numa prosperidade sem limites foi substituída pelo pessimismo quanto às perspectivas para o desenvolvimento social e econômico, a autoconfiança tem sido minada pela depressão econômica da década de 1880 e pela crise intelectual da era pós-Darwin. A depressão sublinhava a crença crescente de que a indústria não era necessariamente a Grande Provedora; a fonte do poder econômico e político, era agora retratada como destruidora da moral e da ordem social, da saúde humana, dos valores tradicionais, do meio ambiente físico e da beleza natural. Isto é, de fonte do desenvolvimento a indústria tornou-se fonte da degradação.

McCormick (1992), também assinala outras áreas geográficas nas quais houve manifestações sobre a conservação como foi na Índia, Austrália e África do Sul. No caso da Índia, no final do século XVIII, teve a influência dos experientes alemães em manejo das florestas, como Dietrich Brandis de origem prussiana e seu assistente alemão William Schlich.

O autor afirma ainda que na Austrália deu-se com lentidão a manifestação contra a deterioração ambiental, no final do século XVIII e começo do XIX, inúmeras quantidades de animais nativos como os cangurus, marsupiais, focas, baleias, foram dizimados, em alguns casos pela caça indiscriminada, em outros por ter tinham que concorrer com a entrada de novas espécies animais como o coelho, o cão e o gato.

Uma característica da caça desenvolvida na Austrália foi o fato de que sendo uma sociedade jovem e nova, (na Grã-Bretanha a caça estava reservada para os proprietários da terra), a caça era considerada um direito de todos. Isto é, criou-se um reconhecimento social do indivíduo, por causa da sua prática.

Na África meridional, caracterizou-se a deterioração ambiental pela derrubada de florestas na procura de lenha por parte da população, abate a tiros nos pingüins para comida, as focas pelas peles e elefantes pelo marfim, originando uma lei em 1658 para tentar impor controle.

A caça indiscriminada dos animais selvagens foi o que motivou a preocupação das

³ Friedrich Engels, *The Condition of the Working Class in England* (Stanford: Stanford University Press, 1958).

autoridades locais, a partir do momento que foi cada vez mais notória a diminuição das populações de elefantes, zebras, avestruzes, rinocerontes e hipopótamos, e a morte do último quaga em agosto de 1883, no zoológico de Amsterdam.

Este primeiro sinal registrado na história do ambientalismo foi caracterizado por representar fatos locais e de interesse exclusivo para os governos que dirigem as políticas públicas nessa área geográfica.

Também se considera relevante para a história do movimento ambientalista, seu surgimento nos EUA, sendo encontradas suas raízes em diversos escritos, como os do escocês Alexander Wilson, e a publicação em Londres entre 1827 e 1838 de *The Birds of America*, de John James Audubon mostrando pássaros em seu habitat natural, seguem logo os escritos de Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, este último advertiu sobre as conseqüências da derrubada das florestas e da plantação de centeio com fins de lucro imediato (McCORMICK, 1992).

A publicação em 1864 de *Man and Nature*, de George Perkins Marsh, onde o autor demonstrava que a destruição arbitrária e o desperdício estavam tornando a terra inabitável para os seres humanos, e em última análise ameaçando a existência do homem, o qual *há muito esqueceu que a terra lhe foi dada somente em usufruto e não para consumo, e menos ainda para desperdício despuadorado*. Esta publicação constituiu um dos acontecimentos seminais do ambientalismo norte americano.

Outro acontecimento foi o decreto do Congresso em 1864, transferindo o Vale Yosemite e o Mariposa Grove de Big Trees para o Estado da Califórnia, à condição de que *os espaços serão mantidos para utilização, lazer e recreação públicos, e deverão ser mantidos inalienáveis em qualquer tempo*, sendo esta a primeira delimitação de uma área para fins de recreação como o elemento de administração da terra nos EUA.⁴

Um segundo dispositivo legal, em 1872, designava uma área de 800 mil hectares no Wyoming como Parque Nacional de Yellowstone, o 1º parque nacional do mundo.

Na virada do século XVIII ao XIX, o ambientalismo nos EUA dividiu-se em dois campos: de um lado estavam os **preservacionistas**, apresentando John Muir como seu porta-voz; estes buscavam preservar as áreas virgens de qualquer uso que não fosse recreativo ou educacional. Além disso, possuíam uma visão talvez filosoficamente mais próxima do ponto

⁴ George Catlin durante suas viagens no Oeste norteamericano (1829-32) escreveu que índios, búfalos e áreas virgens poderiam ser iguais e efetivamente protegidos se o governo estabelecesse um **parque nacional que contivesse homens e animais, em toda rusticidade e frescor de sua beleza natural** (MC CORMICK, 1992).

de vista do protecionismo britânico. Do outro lado estavam os **conservacionistas**, com Gifford Pinchot, que buscavam explorar os recursos naturais do continente, mas de modo racional e sustentável, se fundamentavam na tradição de uma ciência florestal racional da variedade alemã.

Houve também uma preocupação com a questão da vida selvagem africana no período de 1895-1933. Os animais selvagens que se prestavam à caça iam diminuindo conforme o número de caçadores visitantes crescia, na região da África Oriental. Esta “moda” da caça decaiu devido ao fluxo permanente de colonos brancos. Devido a esta decaída, foi reduzida também a área dos territórios públicos de caça. Houve um extermínio por parte das autoridades coloniais britânicas, de animais selvagens encarados como pestes agrícolas ou portadores de epidemias para a criação doméstica. Preocupada com tais resultados, a iniciativa britânica organiza a Conferência Internacional para a Proteção da Fauna e da Flora, em Londres, em 1933, que resultou na assinatura de uma convenção sobre a Preservação da Fauna e Flora em seu Estado Natural, a qual estabeleceu o precedente de ONG’s desempenhando um papel técnico consultivo em iniciativas desse tipo (McCORMICK, 1992).

Nos EUA, logo depois que Roosevelt assumiu o poder em 1933, começa uma mudança da atitude frente à administração racional dos recursos naturais. Em 1936 foi interrompida a matança de todos os predadores em parques nacionais. Esta mudança é refletida na publicação póstuma em 1949 de Sand County Almanac, obra de Aldo Leopold, que conclamou à criação de uma nova ética da terra, baseada na crença de que o homem não era um conquistador da “terra-comunidade”; mas um membro e cidadão dela. O autor advertiu sobre a inadequação da conservação do solo como uma questão unicamente econômica. Segundo ele, *abusamos da terra porque a vemos como uma mercadoria que nos pertence; quando a virmos como um recurso ao qual pertencemos poderemos começar a utilizá-la com amor e respeito.*

Tais exemplos dão uma medida dos antecedentes das associações ambientalistas que surgiram em meados do século XIX, e fazem refletir a respeito de um momento em que situações de incerteza, ameaças ambientais, catástrofes ecológicas, temores quanto às possibilidades de sobrevivência, não chegavam perto da magnitude dos fenômenos que passaram a dar sentido ao ambientalismo do final dos anos 50.

Há também que ressaltar a importância do Relatório Meadows ou Limits to Growth (1972), que fora preparado na reunião do Clube de Roma. Tal relatório enfatiza a

perspectiva do esgotamento dos recursos naturais no quadro de persistência de curva de crescimento econômico predatório e de crescimento populacional ascendente. Para McCormick (1992) a principal contribuição reside no fato de ter incitado as pessoas a pensarem sobre essa preocupação.

León (2001) assinala que o tema anti-nuclear foi o maior estímulo para o começo do movimento ambientalista dos anos 70, cujo interesse fundamental foi promover alternativas à expansão nuclear. A autora também aponta o surgimento e existência de grupos que fazem pressão para mudanças específicas na prática industrial ou doméstica, como na Grã-Bretanha, da Sociedade Nacional pelo Ar Limpo, cujo intuito se focalizava no problema urbano do “*smog*”. Ainda há outros grupos que consideram-se como tangencialmente ambientalistas: a Sociedade para animais selvagens, agrupados na World Wildlife Fund - WWF até os grupos de localização de pássaros.

Na década dos anos 70, uma nova faixa dos grupos ambientalistas entra em cena, mais ativos em seu método e mais radicais nas suas campanhas. Esses novos grupos ambientalistas atraíram jovens membros mais enérgicos, e muito mais dispostos a seguir uma ação direta nas campanhas, os quais fizeram da organização ambientalista o centro político de atividade das suas vidas.

Esses referenciais históricos sobre o início do movimento ambientalista permitem fazer uma reflexão sobre como foram sendo dadas as manifestações da sensibilidade por parte da sociedade civil para a problemática sócio-ambiental. *Não há pois para o movimento [...] essa base objetiva, produzida e instituída socialmente através de lutas* (GONÇALVES, 1996, p.21), ele é em aparência caracterizado de não ter conexão, por exemplo, por um lado a preocupação com a vida selvagem na África, ou na Austrália, e pelo outro a criação dos parques, as reservas nos EUA, mas o fato é que todas essas preocupações fazem parte de um todo muito mais complexo; e que sai do nível localista, e transpassa as fronteiras dos países, isto é, atinge cada vez mais um nível planetário.

2.1.2 Movimento ambientalista na América Latina

Para ter uma idéia sobre o que significa o movimento ambientalista num nível mais local como na América Latina, temos de compreender algumas das distintas linhas de

trabalho desenvolvidos por diversos autores.

Num primeiro momento, o trabalho desenvolvido por Leis (1991), intitulado *A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*, fornece uma visão diferenciada da perspectiva tradicionalista do movimento ambientalista, denominada pelo autor (1991, p. 53) como:

- *grupo de pressão ou interesse;*
- *novo movimento social e*
- *movimento histórico.*

Para o autor, na primeira perspectiva, o ambientalismo seria um grupo que se constitui basicamente como lobby, para exercer suas demandas dentro do sistema político, igual a outros grupos de diferentes interesses. Neste caso, se presume que as demandas de proteção ambiental não representam um grande desafio para o funcionamento da sociedade, nem uma ameaça do ponto de vista normativo.

Na segunda perspectiva, como novo movimento social, o ambientalismo é percebido como um ator crítico e alternativo em relação à ordem capitalista existente, tendo em suas ações uma orientação fortemente ética e normativa (diferenciando-se, neste sentido, dos movimentos e grupos sociais tradicionais e aproximando-se dos movimentos pacifistas e feministas). Além disso, esta segunda perspectiva fornece um destaque especial aos setores radicais do ambientalismo (auto-identificados normalmente como ecologistas) e associa seu desenvolvimento político à emergência dos partidos verdes.

A terceira perspectiva caracteriza o ambientalismo como movimento histórico, assumindo a sociedade atual como insustentável a médio ou longo prazo. Isto significa que não apenas se considera insustentável o modelo de desenvolvimento econômico, mas também as instituições e valores predominantes.

De acordo com este enfoque, o ambientalismo aponta na direção de mudanças em várias dimensões da vida social. Leis (1991) afirma que esta interpretação é a que mais se aproxima da compreensão de sua complexidade, estabelecendo uma clivagem, no conjunto da sociedade contemporânea, entre forças conservadoras predatória-perdulárias e forças transformadoras que apontam na direção de um mundo ecologicamente sustentável.

Nesse sentido, a criação do movimento ambientalista na América Latina passa por uma adaptação à realidade dos múltiplos povos que nela vivem, como assinalam Viola e Leis (1989, apud Scherer-Warren, 1993, p.108):

a cultura ecológica elaborada no Norte (e sobretudo nos EUA), expressa a experiência da desordem da biosfera no âmbito de sociedades capitalistas avançadas e seria incorreto transferi-la sem mediações para o Sul. Esta cultura tem uma visão conservadora da presente realidade do Terceiro Mundo, com ênfase na preservação ambiental, e descuida da situação sócio-política (e das raízes culturais) da cada país. A garantia para que o traço conservador não acabe predominando no ecologismo do Terceiro Mundo reside na possibilidade de este último desenvolver estruturas autônomas e nutrir-se, simultaneamente, de sua própria experiência e da experiência internacional.

A outra linha de trabalho que assume uma posição mais radical no que se refere ao movimento ambientalista na América Latina, segundo Leff (2001) em *Saber Ambiental*, aponta a distinção sobre o sentido que tem o surgimento do movimento ambientalista nos países do Norte (industrializados, de primeiro mundo), e nos países do Sul (em vias de desenvolvimento, do terceiro mundo); para o qual coloca a seguinte série de reflexões:

- da problemática ambiental do desenvolvimento, surge um movimento, para compreender suas causas e resolver seus efeitos na qualidade de vida e nas condições de existência da sociedade. Nesse sentido emergem **novos atores sociais**, mobilizados por valores, direitos e demandas, estimulados pela preocupação do custo social da destruição ecológica e da degradação ambiental, gerada pela maximização do lucro e dos excedentes econômicos a curto prazo (LEFF, 2001);

- a partir da Declaração de Cocoyoc (1974) e do Informe sobre o Desenvolvimento e a Cooperação Internacional da Fundação Dag Hammarskjöld (1975), manifestam-se os diferentes interesses e preocupações dos países do primeiro e do terceiro mundo diante da problemática ambiental.

Os países industrializados do primeiro mundo privilegiam uma perspectiva conservacionista da natureza e uma política de remediar os efeitos contaminantes dos processos de produção; promovem novas soluções técnicas, a partir de uma *distribuição mais equitativa das indústrias contaminantes em nível internacional* (NAÇÕES UNIDAS, 1971), até a inovação de **tecnologias descontaminantes**, sujeitas à sua rentabilidade no mercado (LEFF, 2001).

De uma perspectiva latino-americana, coloca-se ênfase nas mudanças sociais, políticas e institucionais necessárias para aproveitar racionalmente os recursos existentes e o

potencial produtivo das regiões subdesenvolvidas, a fim de satisfazer as necessidades básicas de suas populações.

Os movimentos ecologistas do Norte surgem como uma ética e uma estética da natureza, como uma busca de novos valores que surgiriam das condições de “pós-materialidade” (INGLEHART 1991, apud LEFF, 2001), que produziria uma sociedade da abundância, livre das necessidades básicas e da sobrevivência.

São os **movimentos de consciência** que desejam salvar o planeta do desastre ecológico, recuperar o contato inicial com a natureza, mas que não questionam a ordem econômica dominante segundo Leff (2001).

Do outro lado, os movimentos ambientalistas nos países pobres do Sul, surgem em resposta à destruição da natureza, ao esbulho de suas formas de vida e de seus meios de produção. Estes são movimentos desencadeados por conflitos, como por exemplo: 1) sobre o acesso e o controle dos recursos; 2) reapropriação social da natureza, vinculada a processos de democratização, 3) defesa de seus territórios, 4) defesa de suas identidades étnicas, 5) defesa de sua autonomia política; 6) necessidade de autogerir suas formas de vida e seus estilos de desenvolvimento, 7) de definição às condições materiais de produção, 8) defesa dos valores culturais das comunidades locais (LEFF, 2001).

O ambientalismo como movimento social segundo Leff (2001), logo não pretende restabelecer as condições ecológicas de inserção da espécie humana na natureza. São grupos sociais que incorporam em suas formações ideológicas um conceito de meio ambiente mais complexo que o conceito de ecologia que está na base do conservacionismo dos países do hemisfério Norte. Na incorporação das condições ecológicas em novas formas de significação cultural e de organização social constituem novos valores e sentidos existenciais; que fundam novas estratégias de produção e orientam os diferentes tipos de desenvolvimento de cada comunidade.

Para mobilizar esses grupos sociais, o autor fornece uma definição de racionalidade ambiental, na qual ela não é a expressão de uma lógica, mas o efeito de um conjunto de práticas sociais e culturais diversas e heterogêneas, que dão sentido e organizam os processos sociais por intermédio de certas regras, meios e fins socialmente construídos e que ultrapassam as leis derivadas da estrutura de um modo de produção. Isto é, o ordenamento de um conjunto de objetivos, de meios e instrumentos, de regras sociais, normas jurídicas e valores culturais, de sistemas de significação, de conhecimento, de teorias e conceitos, de

métodos e técnicas de produção.

Para fins didáticos assinala-se que esta racionalidade ambiental constrói-se mediante a articulação de quatro níveis de racionalidade:

- substantiva; que é o sistema axiológico de valores que normatizam as ações e orientam os processos sociais;
- teórica; que constrói os conceitos que articulam os valores da racionalidade substantiva com os processos materiais que dão suporte a uma racionalidade produtiva;
- técnica (ou instrumental); que produz os vínculos funcionais e operacionais entre os objetivos sociais e as bases materiais do desenvolvimento sustentável;
- cultural; entendida como um sistema de significações que produzem a identidade e a integridade internas de diversas formações culturais.

Desenvolver uma racionalidade dessas características e com embasamento nos fundamentos da racionalidade substantiva, poder-se-ia vir a tornar uma alternativa possível para reformular principalmente diretrizes, leis e normas do Estado (ente regulador da sociedade).

2.1.3 Movimento ambientalista no Brasil

Os primeiros antecedentes do ambientalismo no Brasil são de caráter preservacionista e remontam ao ano de 1958, data de criação da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, mas a escassa importância de seu desempenho no espaço público leva para os anos 70 o processo de constituição do ambientalismo brasileiro quando começou a configuração de propostas provenientes por parte do Estado e da sociedade civil (VIOLA e LEIS, 1996).

Esta emergência do ambientalismo no Brasil, não surgiu como um fenômeno isolado, mas como parte de um amplo processo de mudanças políticas, econômicas e sociais, que modernizaram o país nos anos 70, o qual não permanece como seus pares latino-americanos num estado de adormecimento, mas que presta um pouco mais de atenção para as novas questões ambientais da época.

Circunstâncias estas que caracterizam a etapa de formação do ambientalismo

brasileiro como um movimento bissetorial constituído por: 1) associações ambientalistas e 2) agências estatais de meio ambiente. Esses dois setores são caracterizados por uma relação simultânea de tipo complementar e contraditório, a que tem um lado conflitivo e outro cooperativo. Este “conflito” é dado pelo questionamento recíproco que agências e entidades fazem de suas atuações na dinâmica sócio-ambiental, confluindo ambos na definição da problemática ambiental recortada pelo controle da poluição urbano-industrial e agrária e pela preservação dos ecossistemas naturais (VIOLA e LEIS, 1996).

Os anos compreendidos entre 1971 a 1985 são apontados por Viola e Leis (1992) como os da fundação do movimento ambientalista brasileiro. Caracterizada *principalmente pela atividade de denúncia e criação de consciência pública sobre os problemas de deterioração sócio-ambiental*. Destaca a criação das associações ambientalistas, como a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural- AGAPAN, de 1971, de perfil ambientalista mais amplo, influenciada pelo movimento ambientalista americano e europeu da segunda metade da década de 1960.

Na segunda metade da década de 80, a progressiva disseminação da preocupação pública, interna e externa ao Brasil, com a deterioração ambiental transforma o ambientalismo num movimento multissetorial e complexo (VIOLA e BOEIRA, 1990) com a inclusão de mais seis novos atores em cena além das associações ambientalistas e agências estatais do meio ambiente, que são: o sócio ambientalismo, o ambientalismo dos cientistas, o ambientalismo empresarial, o ambientalismo dos políticos profissionais, o ambientalismo religioso, o ambientalismo dos educadores.

Isto é só uma tipificação durante o período de 1986-1991, o movimento se torna mais ativo, com a criação de grupos ambientalistas que participam diretamente da conservação da flora e fauna, restauração ambiental e melhoria da qualidade de vida da população através da implementação de projetos específicos. Além disso, verifica-se uma maior preocupação por parte da sociedade civil, a qual reflete-se numa cobrança sobre a iniciativa privada em relação a questões ambientais, o mesmo acontecendo em relação aos programas do governo (Relatório sobre Desenvolvimento Sustentável do MMA).

Com o intuito de caracterizar o ambientalismo brasileiro na pesquisa coordenada por Samyra Crespo, para o Instituto de Estudos da Religião e o Ministério do Meio Ambiente no período compreendido entre Maio e Junho de 2002, utilizou-se o modelo explicativo construído por Eduardo Viola.

Viola coloca a partir dos segmentos da sociedade que incorporam o ambientalismo, como um movimento multissetorial complexo. De acordo com este modelo, devido à legitimação crescente da problemática ambiental, tanto no nível internacional como no nacional, os vários atores sociais foram não só tomando conhecimento da sua *racionalidade e ideário*, mas se sentiram paulatinamente compelidos a responder social e politicamente às demandas por ela criadas.

Na fase inicial os mais ativos eram o próprio Estado, com os insumos de regulação e o movimento ambientalista *strictu sensu*, formado pelos militantes que foram criando centenas de entidades de defesa da natureza pelo país, ao longo dos anos 70 e 80, disseminando suas teses, idéias e propostas de ação.

O que ao início tinha como característica ser um ideário importado em sua gênese dos atos de protesto dos jovens norte americanos e europeus da década dos anos 60, foi sendo incorporado primeiro por um setor da sociedade civil. Já o fator social incorpora-se ao fator ambiental, o que pode ser interpretado como o reflexo de uma sensibilização e incorporação da questão sócio ambiental, por parte da maioria da população que faz parte da sociedade brasileira.

2.1.4 Movimento ambientalista em Florianópolis - Histórico

No fim dos anos 80 ocorre no Brasil a emergência de muitos atores sociais com uma visão de mundo ambientalista. Viola e Boeira (1990) apresentam um trabalho sobre o movimento ambientalista na microrregião de Florianópolis, partindo do fenômeno de que o ambientalismo é do tipo complexo multissetorial, constituindo um movimento histórico, conforme Touraine (1987, apud Viola e Boeira, 1990), de transformação civilizatória.

O contexto global da década de 80 acrescentava um processo de despolarização entre capitalismo e socialismo, nas esferas econômicas, sociais, políticas e ideológicas. Aos impasses do capitalismo soma-se o colapso do comunismo. Para Viola e Boeira (1990), com esses precedentes, o ambientalismo complexo multissetorial emerge nesse período da história com uma visão de mundo, um sistema aberto de valores e práxis, constituído por setores sociais caracterizados por não se reconhecer como partes de um todo.

Ambos autores partem de um pressuposto teórico que consiste na dualidade entre as forças conservadoras da civilização predatória-perdulária e as forças emergentes de uma

civilização ecologicamente sustentável.

O histórico do movimento ambientalista em Florianópolis no final da década de 80 aqui apresentado é classificado conforme o modelo construído por Eduardo Viola do multissetorialismo complexo.

No ano de 1989 a microrregião de Florianópolis compreende onze municípios, além da capital: Biguaçu, Garopaba, Governador Celso Ramos, Palhoça, Paulo Lopes, Porto Belo, Santo Amaro de Imperatriz, São José e Tijucas; conforme os dados do IBGE da época, os autores agregaram Águas Mornas e Antônio Carlos, baseados numa forte vinculação econômico-alimentar com o centro da microrregião.

No total, este conjunto tem 3,282 km², a altitude média é de 20 metros; está a 27 graus de latitude sul e 49 graus de longitude oeste. A população, no fim dos anos 80, era de aproximadamente 600.000 habitantes. Florianópolis é constituída por um ecossistema interfacial, mar e terra, ou seja, a Ilha de Santa Catarina com 410 km², mais de 20 ilhotas e 42 praias e uma parte do continente. Lago (1978, apud Viola e Boeira, 1990).

Nessa data, Florianópolis constituiu uma exceção, entre as cidades brasileiras por ter todo o seu território submetido a um Plano Diretor, o qual não foi suficiente para evitar um processo de urbanização predatória e graves desequilíbrios sócio-ambientais. Agora a especulação imobiliária estimulada por um turismo massivo, em sua maioria pouco ordenado e sazonal, tem proporcionado uma irracional ocupação e mesmo destruição de dunas, mangues, praias, áreas de restinga, morros, parques, lagoas, rios, arroios e nascentes, além de um impacto social decorrente desta ocupação de morros, mangues e dunas caracterizado como um processo de favelização segundo Viola e Boeira (1990).

Das entidades ambientalistas, tem-se a Associação do Movimento Ecológico Livre – MEL; a Associação Catarinense de Proteção dos Animais – ACAPRA, o Grupo Arquipélago, o Grupo Pró-Vida, a Associação de Preservação e Equilíbrio do Meio Ambiente de Biguaçu – APREMA, a Associação de Surf, o Movimento Ecológico Humanitário Universal – MEHU, o Grupo Natureza, a Comissão de Preservação do Mangue do Itacorubi, o SOS Fauna, o Grupo Ecológico do Cambirela, a Associação dos Moradores da Lagoa de Conceição – AMOLA, a Fundação Barddal e a Associação Ecológica de Paulo Lopes.

De todas entidades, a mais destacada foi o MEL, grupo formado em fins de 1983 e que em 1984 aparece com destaque na imprensa, em defesa do Parque da Lagoa do Peri.

Com um perfil político-cultural, o grupo passa a influenciar todo o ambientalismo

de Santa Catarina, manifestando-se inúmeras vezes na imprensa escrita e televisiva, organizando seminários interdisciplinares na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, palestras e mostra de “slides” em escolas e em debates públicos. Tem influência na formação de uma opinião pública contrária à ocupação prédio-intensiva da orla marítima e organiza manifestações criativas contra a utilização irracional de agrotóxicos, contra o militarismo e pela preservação do Country Club.

O MEL, como entidade apartidária, participa da discussão sobre a formação democrática do Partido Verde, da elaboração do programa ambiental do Partido dos Trabalhadores e de manifestações eleitorais de outros partidos; participa do 1º Encontro Nacional de Entidades Ambientistas e do Encontro das Entidades da Região Sul do país.

Há um destaque para a luta do MEL a favor da reciclagem do lixo. Em 1987, numa estratégia de ação para conseguir disseminar esta problemática em todo o estado, e como resultado prático consegue impedir inicialmente o depósito de lixo hospitalar sobre o mangue de Itacorubi. Em 1989 o MEL ficou ausente da discussão pública, uma vez que a Prefeitura da época aprofunda a derrota dos ambientalistas, ao retomar a idéia de aterro sanitário. A partir de então é perceptível no MEL um sentimento de impotência diante da complexidade técnica e política da questão.

Nesta problemática, o MEL encontra uma oportunidade de introduzir, na opinião pública, algumas idéias sobre ecodesenvolvimento com um relativo êxito, e por outro lado, vê-se diante de limitações técnicas mal combinadas com sua escala de valores e com sua força política (VIOLA e BOEIRA, 1990).

Num outro momento, em dezembro de 1988, formou-se em Florianópolis, a Federação das Entidades Ecologistas Catarinenses (FEEC), que atua como instância coordenadora e estimuladora do intercâmbio político-cultural entre as entidades do estado.

A antiga Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente - FATMA, a Companhia de Águas e Saneamento – CASAN (ambas sob a gestão da então Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – SEDUMA) e o IBAMA, ao lado de órgãos municipais deveriam, a princípio, tratar das múltiplas faces da problemática ambiental no Estado de Santa Catarina (VIOLA e BOEIRA, 1990).

Algumas dessas organizações governamentais apresentam certas características. A SEDUMA não conta com equipamentos adequados, conta com poucos funcionários e estabelece poucos contatos com os demais órgãos. A FATMA também possui carência de

equipamentos, técnicos e fiscais; possui 220 funcionários, dos quais 70% concentram-se na capital. A CASAN caracteriza-se por ser uma companhia fechada. Além disso, não mantém uma relação de colaboração com a SEDUMA (VIOLA e BOEIRA, 1990).

A Companhia de Melhoramentos da Capital – COMCAP, órgão encarregado da limpeza pública, se destaca nesse período, através de um projeto inteiramente ecológico o “Beija-Flor”, de triagem e reciclagem comunitária do lixo. Conta com o trabalho de dez técnicos, que mesmo sem o apoio material adequado, trabalham com dedicação sem igual, porque há uma visão de mundo ambientalista subsidiando sua rotina segundo Viola e Boeira (1990). Isto é, há uma identificação com os novos valores para esta data.

O IBAMA é de implantação recente e precária, e ademais é resultado da fusão da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca e do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e estava sob intervenção, por motivos de corrupção presente na primeira gestão do órgão.

A pesquisa científica, no Estado, nesse período, concentra-se na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, tendo destaque pela importância da orientação ambiental as atividades departamentais: ciências sociais, geografia e engenharia sanitária. Nessas atividades departamentais, convém destacar:

- em Ciências Sociais, atinge maior institucionalidade no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política; com pesquisa e docência nas áreas de: emergência de valores pós-materialistas, movimentos ambientalistas, impactos sócio-ambientais de barragens e prospectivas de ecodesenvolvimento. (VIEIRA, 1989, apud VIOLA e BOEIRA, 1990).

- em Geografia, sua maior institucionalização está no Programa de Pós-Graduação em Geografia; com pesquisa e docência nas áreas de conservação de dunas e mangues, educação ambiental e planejamento ambiental.

- em Engenharia Sanitária, o curso tem um perfil ambientalista na problemática de engenharia sanitária, com pesquisa e docência sobre lixo, abastecimento de água, efluentes líquidos e manejo integrado de bacias hidrográficas.

Viola e Boeira (1990) assinalam que na época os esforços para criar um núcleo interdisciplinar de pesquisa ambiental estavam na faixa de uma formulação de intenções, por uma série de obstáculos como: uma lógica particular dos departamentos, os enfoques particulares sobre a questão ambiental, e aos personalismos próprios da universidade brasileira.

Também destacaram-se os grupos e/ou indivíduos orientados para o desenvolvimento do potencial humano. Como os grupos de médicos, professores de educação física, psicólogos (que se identificam como bioterapeutas, fisioterapeutas ou psicoterapeutas), os quais enfatizam geralmente o aspecto holístico de seus trabalhos, em aberta dissidência com relação ao ensino clássico do meio universitário (VIOLA e BOEIRA, 1990).

São poucos e frágeis os movimentos sociais na microrregião. Neste setor destacam o movimento comunitário em torno do projeto “Beija-Flor”, o movimento pacifista e o movimento estudantil.

Conforme Viola e Boeira (1990), nove comunidades põem em prática o projeto “Beija-Flor”, de triagem e reciclagem comunitária do lixo: Campeche, Rio Tavares, Morro do Horácio, Morro do Mocotó, Morro da Mariquinha, Morro das Pedras, Tapera, Caminho da Cruz e Monte Verde. Uma característica central deste movimento foi a combinação da educação ambiental com a busca de justiça social.

No movimento pacifista, destaca-se o Serviço de Paz e Justiça – SERPAJ, sendo duas suas atividades principais: formação de quadros e influência direta sobre lideranças e entidades da sociedade civil. Tem como reivindicação central, uma reforma agrária justa, pacífica e ecológica.

No movimento estudantil, os autores assinalam que as polêmicas sobre a destruição do mangue de Itacorubi (sob responsabilidade da UFSC), a reciclagem de lixo e a defesa do Country Club, além dos cortes de árvores para edificação no campus universitário tem propiciado uma conscientização ambientalista no meio estudantil.

Destacam-se como empresas ambientalistas nesse período, os restaurantes e entrepostos naturistas, as farmácias homeopáticas, a aquicultura, a construção civil com tratamento dos esgotos, a indústria da reciclagem de plástico e a produção de coletores solares (VIOLA e BOEIRA, 1990).

Os autores afirmam que a empresa Artplast de reciclagem de plástico caracteriza-se por ter uma mentalidade ambientalista, transparência e relação democrática com seus empregados. Trata-se de um sistema cooperativo-privado, em que o lucro coletivo, a eficiência econômica e a eficiência ecológica são fatores relevantes.

Historicamente, os pescadores artesanais constituem parte fundamental da população, mas a partir da década de 60 perdem sua importância relativa e na década de 80 declinam em números absolutos (VIOLA e BOEIRA, 1990).

A agricultura sustentável caracteriza-se por ser fraca, sendo que a experiência-modelo da Fazenda Girassol que obtinha a mais alta produtividade na agricultura ecológica brasileira, por motivos pessoais foi vendida em 1989, finalizando com o projeto.

Das macroestruturas, os autores apontam sinais tênues de dissidência ou reorientação ambientalista. Destacou-se a Eletrosul pelo surgimento no início dos anos 80, de um grupo de técnicos preocupados com a sustentabilidade do desenvolvimento energético e que com o avanço do tempo representou uma significativa ambientalização da Eletrosul.

A Souza Cruz também destacou-se com o projeto “Hortas Escolares”, o qual inclui a participação dos pais na construção de hortas, sem adubação química e com reaproveitamento parcial do lixo orgânico. Nesta busca de “integração com a comunidade”, a empresa abre espaço para uma minoria dissidente promover educação ambiental-participativa e contribuiu com a saúde e a economia de várias comunidades.

Viola e Boeira (1990) destacam Pedro Ivo Campos, ex-governador do estado de Santa Catarina, que em sua gestão criou a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, a qual sob o comando de Werner Zulauf implementou o programa de despoluição do rio do Peixe.

O Partido Verde não tem maior relevância dentro do âmbito da política local, só existe em Florianópolis de maneira frágil na sua estrutura organizacional. O partido não dispõe de condições de fazer um trabalho de formação política e teórica; os conflitos pessoais têm prevalecido sobre os interesses mais amplos (VIOLA e BOEIRA, 1990).

Até o ano de 2003 a situação das ONG's na capital catarinense, caracteriza-se por não existir uma entidade que agrupe as ONG's ambientalistas da cidade. Em relação às redes extra-municipais, nove ONG's municipais são associadas à Federação de Entidades Ecologistas Catarinenses - FEEC, quatro fazem parte da Rede de ONG's da Mata Atlântica, nenhuma é filiada na Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais e seis estão cadastradas no Cadastro Nacional de Entidades Ambientais do Ministério do Meio Ambiente (SOARES, 2003).

2.1.5 Práxis

Mesmo que seja no sentido de complementar o intuito da investigação – a qual

prioriza o tema “Ideologia” predominante em quatro organizações ambientalistas de Florianópolis - Santa Catarina, é importante fornecer uma visão do significado de “Práxis” nesta pesquisa.

O termo práxis em grego antigo, significa *uma ação que tem seu fim em si mesma e que não cria ou produz um objeto alheio ao agente ou a sua atividade* (SANCHEZ, 1990, p.4). Na linguagem, pode-se empregar práxis ou prática indistintamente, mas o uso do primeiro libera o conceito de prática do sentido utilitário e pejorativo que envolve-a por seu uso cotidiano. Conforme Sanchez (1990, p.5), se justifica “práxis” *para designar a atividade humana que produz objetos, sem que por outro lado essa atividade seja concebida com o caráter estritamente utilitário que se infere do significado “prático” na linguagem comum.*

Sanchez (1990), em seu trabalho *Filosofia da Práxis*, faz acréscimo ao conceito quando conclui que a práxis nos é apresentada como uma atividade material, transformadora e **ajustada a objetivos**. Isto é, há um marco teórico referencial para que a mesma se desenvolva e que em uma organização essa seria a ideologia.

Levar a concepção ideológica à práxis nas organizações pesquisadas implica num trabalho de aprofundamento teórico maior. Nesse sentido, a práxis aqui definida, cumpre uma função de complemento do propósito central da pesquisa.

Das múltiplas organizações ambientalistas que compõem o 3º setor⁵ no Brasil, as ONG’s são as categorias sobre as quais centraliza-se o interesse da pesquisa. Pretende-se num primeiro momento identificar seu método de ação.

Salomon (1998, p.10) afirma que *o relacionamento entre o Estado e o 3º setor tem sido caracterizado mais por cooperação do que por conflito, na medida em que o Estado se voltou a esse setor para assistí-lo no atendimento de necessidades humanas*. Nesse sentido, para o autor, estas organizações têm que *encontrar um modus vivendi com o governo que propicie suficientes suportes legais e financeiros, preservando o grau significativo de independência e autonomia*.

Focando essa atuação das ONG’s no Brasil, a partir do início da década de 90, estas entidades *buscam com maior freqüência estabelecer relações de complementaridade e parceria com o governo* (FISCHER e FALCONER, 1998, p.15). Complementa-se que nas

⁵ Há controvérsias a respeito de que tipos de organizações constituem o primeiro e o segundo setor. Alguns autores, como Cardoso (1997) e Kisil (1997), por exemplo, categorizam o setor público como primeiro setor e as atividades lucrativas como segundo setor. Outros autores, tais como Coelho (2002) e Fernandes (1994), afirmam ser o primeiro setor o mercado e o segundo setor o governo (SALLES, 2004, p. 11).

parcerias não se exclui a participação do 2º setor, pois *o setor privado [...] é também um doador importante para programas sociais e ambientais* (BAILEY, 2000, p.94).

Uma forma desse relacionamento ou elo entre as organizações e o governo é o denominado **projeto social**⁶ (RODRIGUEZ, 1998). Nesse sentido, o método de ação das ONG's se dá através do desenvolvimento deste tipo de projetos.

Agora, para transformar aquilo que a organização quer fazer, ela precisa de estratégias segundo a visão de Drucker (2002). Para esta investigação são consideradas como estratégias de ação mais relevantes das organizações pesquisadas, os conceitos de: planejamento, diversificação de objetivos, viabilidade de projetos, parcerias, autonomia e comunicação.

Nesse sentido, o planejamento das ações, vem a ser o planejamento estratégico que se ocupa da direção da organização como um todo e da alocação de recursos para os diversos serviços e atividades (HUDSON, 1999). A diversificação de objetivos, permite identificar se os interesses que estão por trás deles, encontram-se inseridos na missão da organização. A viabilidade de projetos indica a possibilidade de “levar ou não a cabo” o projeto, isto é, obter resultados tangíveis. Parcerias, porque como estratégia permite estabelecer alianças com outras organizações, ou pessoas, para atingir um fim de interesse comum. Autonomia, porque permite identificar a independência como organização, mantém sob pressões externas que influenciariam seu normal funcionamento. E Comunicação, porque divulga tanto interna como externamente os resultados das ações da organização.

2.2. Ideologia

Ao introduzir o tema da ideologia mister se faz a busca de uma melhor compreensão acerca de suas origens. Conforme o trabalho desenvolvido por Chaui (1984, p. 22) o termo apareceu pela primeira vez em 1801, no texto *Eléments d'Ideologie*, da autoria de Destutt de Tracy, o qual *pretendia elaborar uma ciência da gênese das idéias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Elabora uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas idéias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção)*

⁶ No projeto social, as particularidades de cada realidade social têm um papel determinante no desenho do projeto, enquanto nos projetos econômicos as realidades são muito passíveis de padronização.

e recordar (memória).

Também foi empregado por Augusto Comte (1983), em seu Discurso sobre o espírito positivo. Para o autor o termo possui dois significados:

1) a ideologia continua sendo aquela atividade filosófico-científica que estuda a formação das idéias a partir da observação das relações entre o corpo humano e o meio ambiente, tomando como ponto de partida as sensações; e

2) ideologia passa a significar também o conjunto de idéias de uma época, tanto como “opinião geral” quanto no sentido de elaboração teórica dos pensadores dessa época.

Comte (1983) afirma que o termo ideologia, além de significar o estudo da formação das idéias, também é o conjunto de idéias num momento do tempo e espaço da história da humanidade e que faz sentido para um grupo social.

Para Chauí (1984, p.27), sendo o conhecimento da formação das idéias, tanto do ponto de vista psicológico quanto do ponto de vista social, o conhecimento científico das leis necessárias do real e sendo o corretivo das idéias comuns de uma sociedade, *a ideologia, enquanto teoria, passa a ter um papel de comando sobre a prática dos homens, que devem submeter-se aos critérios e mandamentos do teórico antes de agir.*

Isto é, a ideologia, seja ela de qualquer espécie, exerce um papel dominante no pensamento de algum grupo social e sobre a forma de governá-lo. Compreende-se o perigo da ideologia quando os teóricos a colocam no pensamento dos indivíduos como a solução de seus problemas. Acreditar nela como uma tábua salvadora leva os distintos grupos sociais ao caminho de ações de cunho fundamentalista.

Para Durkheim (1976) em seu trabalho “Regras para o Método Sociológico”, ideologia é todo conhecimento da sociedade que não respeita o critério da objetividade científica, sendo assim da separação entre sujeito do conhecimento e objeto do conhecimento. Separação que garante a objetividade porque garante a neutralidade do cientista.

Dito assim, para Durkheim, os fatos sociais são interiorizados pelo cientista social e perdem sua objetividade científica, o qual não permite encarar a realidade social com neutralidade. Entende-se na sua concepção, que a ideologia é aquele fato social interiorizado pelo pesquisador ou cientista social.

Bunge (1980) tipifica à ideologia em dois tipos: religiosa e sócio-política.

Destaca-se aqui a ideologia do tipo sócio-política que é definida por Bunge como uma visão do mundo social. É um conjunto de crenças referentes à sociedade, ao lugar do indivíduo na sociedade, à organização da comunidade e ao controle político da mesma. O autor (1980, p.148) as agrupa em quatro classes:

(a) afirmações ontológicas acerca da natureza da pessoa e da sociedade: que classes de entes são as pessoas (materiais, espirituais, ou mistos), de que modo se combinam para formar comunidades e o que são estas últimas (animais, culturais, ou mistas);

(b) afirmações acerca dos problemas econômicos, culturais e políticos das comunidades de diversos tipos: em que consistem tais problemas e quais são suas prioridades.

(c) juízos de valor, sobre as pessoas e seus atos sociais, bem como sobre suas organizações e suas metas: o que é bom e o que é mau para a sociedade.

(d) um programa de ação (ou de inação) para a solução (ou manutenção) dos problemas sociais e a obtenção de um conjunto de metas individuais e sociais.

Nesta definição de Bunge sobre ideologia, as crenças de algum grupo humano conformam a visão que eles tem do mundo e de si mesmos, que os leva à emissão dos juízos de valores (ética) sobre seus atos e as decorrentes conseqüências dos mesmos e de como operacionalizam esses atos na realidade (ação).

Segundo a concepção marxista de ideologia, considera-a um “fato social” porque é produzida pelas relações sociais e possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um “amontoado” de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das idéias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas pelas relações sociais.

Pode-se falar de ideologia em geral, no entanto, as formas ou modalidades dessa ideologia encontram-se determinadas pelas condições sociais particulares em que se encontram os diferentes pensadores burgueses.

Como produto da análise em seu trabalho sobre “A Ideologia Alemã”, Marx conclui que a ideologia é o sistema ordenado de idéias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores (os teóricos, os ideólogos, os intelectuais) não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou

separação através de suas idéias.

Para Chauí (1984, p.65), estas:

idéias aparecem como produzidas somente pelo pensamento, porque os seus pensadores estão distanciados da produção material. Assim, em lugar de aparecer que os pensadores estão distanciados do mundo material e por isso suas idéias revelam tal separação, o que aparece é que as idéias é que estão separadas do mundo e o explicam. As idéias não aparecem como produtos do pensamento de homens determinados mas como entidades autônomas descobertas por tais homens.

A ideologia logo, não é um processo subjetivo ou consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos. Nas relações de classe, a partir do momento em que a relação do indivíduo com sua classe é de submissão a condições de vida e de trabalho pré-fixadas, essa submissão faz com que cada indivíduo não possa se reconhecer como “construtor” de sua própria classe. Isto é, os indivíduos não podem perceber que a ”realidade” da classe decorre da “atividade” de seus membros.

Chauí (1984) faz uma reflexão do ponto de vista de Marx sobre o que ele considera a idéia da história, que a ideologia burguesa tenta explicar através da idéia de progresso. A autora interpreta que o historiador-ideólogo constrói a idéia de progresso histórico, concebendo-o como a realização, no tempo, de algo que já existia antes de forma embrionária e que se desenvolve até alcançar seu ponto final necessário. Visto que a finalidade do progresso já está dada e visto que o progresso é uma “lei” da história, esta irá alcançar necessariamente o fim conhecido. Assim, os homens tornam-se instrumentos ou meios para a “história” realizar seus fins próprios e **são justificadas todas as ações que se realizam em nome do progresso.**

Para Marx, em termos do materialismo histórico e dialético, é impossível compreender a origem e a função da ideologia sem compreender a luta de classes. Pois a ideologia é um dos instrumentos de dominação e forma da luta de classes. A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida pelos dominados.

A autora conclui que nesta concepção de ideologia, seu poder e sua eficácia aumentam quanto maior for sua capacidade para ocultar a origem da divisão social e luta de

classes.

2.2.1 Tipologias do pensamento ambientalista

Para fins da presente pesquisa, faz-se necessário escolher dentre os múltiplos trabalhos desenvolvidos por diferentes autores, os construtos teóricos sobre a ideologia do movimento ambientalista mais adequados para os objetivos desta pesquisa. Dos diferentes autores destacam-se Eduardo Viola e o modelo de multissetorialismo complexo, Héctor Leis e José D'Amato e a ética ecológica desde os princípios de inclusão e exclusão (visão: ser humano-natureza e ser humano-sociedade), e Guillermo Foladori e a ética ecológica desde as linhas do pensamento do ecocentrismo e antropocentrismo.

2.2.1.1 O Multissetorialismo Complexo de Eduardo Viola

A primeira das características próprias dos atores sociais, no trabalho desenvolvido pelo cientista social Eduardo Viola sobre o caráter do ambientalismo brasileiro, é a hipótese do “multissetorialismo complexo”.

Viola (1992), assinala que até o ano de 1985, o ambientalismo brasileiro tem um caráter bissetorial: grupos de base e agências estatais ambientais. E sua luta é orientada para o controle da poluição urbano-rural e a preservação de ecossistemas naturais.

A progressiva disseminação da preocupação pública com a deterioração ambiental transforma o ambientalismo num movimento multissetorial e complexo na segunda metade da década de 80 (VIOLA e BOEIRA, 1990; VIOLA e LEIS, 1992). Para o autor (1995, p.135) este ambientalismo está constituído por oito setores principais:

- *o ambientalismo stricto sensu: as associações e grupos comunitários ambientalistas, que diferenciam-se em três tipos: profissionais, semi-profissionais e amadoras;*
- *o ambientalismo governamental: as agências estatais do meio ambiente no nível federal, estadual e municipal;*
- *o sócio-ambientalismo: as organizações não governamentais, sindicatos e*

movimentos sociais que têm outros objetivos precípuos, mas incorporam a proteção ambiental como uma dimensão relevante de sua atuação;

- o ambientalismo dos cientistas: as pessoas, grupos e instituições que realizam pesquisa científica sobre a problemática ambiental;

- o ambientalismo empresarial: os gerentes e empresários que começam a pautar seus processos produtivos e investimentos pelo critério da sustentabilidade ambiental;

- o ambientalismo dos políticos profissionais: os quadros e lideranças dos partidos existentes que incentivam a criação de políticas específicas e trabalham para incorporar a dimensão ambiental no conjunto das políticas públicas;

- o ambientalismo religioso: as bases e representantes das várias religiões e tradições espirituais que vinculam a problemática ambiental à consciência do sagrado e do divino;

- o ambientalismo dos educadores: da pré-escola, primeiro e segundo graus, jornalistas e artistas preocupados com a problemática ambiental e com a capacidade de influir diretamente na consciência das massas.

A emergência de um movimento ambientalista complexo quebrou o isolamento e a relação “especular” que caracterizava o bissetorialismo da fase anterior, afetando a cada um desses setores, que passam de agora em diante, a intercambiar e receber influências e demandas de atores com dinâmicas mais profissionalizadas. Assim, esses setores vão apresentar as seguintes características:

Associações ambientalistas; cria-se um movimento generalizado de institucionalização, na segunda metade da década de 80 que traslada o centro de gravidade do setor do voluntarismo para o profissionalismo (VIOLA, 1992).

Esse processo se dá sob duas formas: a) a emergência de novas organizações com um perfil profissional; e b) a profissionalização parcial de um setor das organizações que tinham sido anteriormente amadoras (VIOLA e LEIS, 1992).

Durante a etapa de formação das entidades ambientais seu objetivo implícito ou explícito foi a denúncia da degradação ambiental. Estas organizações profissionais não têm como objetivo a denúncia. Seu objetivo central é a afirmação de uma alternativa viável de conservação ou restauração do ambiente danificado (VIOLA e LEIS, 1992).

Estas organizações capacitam-se para exercer uma certa influência sobre as agências estatais de meio ambiente, sobre o Legislativo, a comunidade científica e o empresariado e também constituem um agente social de introdução de um novo estilo

administrativo (combinando a eficiência e o interesse social de longo prazo) no Brasil (VIOLA e LEIS, 1992).

Em decorrência desta profissionalização muda a imagem que a sociedade tem dos ambientalistas. Com a conquista de legitimidade no período 1992-2002, vinculada ao profissionalismo (movimento endógeno) e ao crescimento da consciência ambiental (movimento exógeno), o ambientalista passa a ser reconhecido como um sujeito portador de méritos, aumentando de um lado a auto-estima dos militantes e do outro a respeitabilidade e o prestígio social (CRESPO, 2002).

Na evolução do ambientalismo governamental, no ano de 1987, organiza-se o bloco parlamentar verde com o intuito de ser um articulador dos diferentes setores do ambientalismo e para atuarem como força de apoio no processo de ecologização da nova Constituição.

A partir de 1986, a então Secretaria Federal de Meio Ambiente muda seu padrão de atuação nas seguintes dimensões: 1) viabiliza o funcionamento do Conselho Nacional de Meio Ambiente que passa a cumprir um papel normativo e avaliador; 2) promove a disseminação da problemática ambiental pelo conjunto da estrutura do Estado e estimula o debate sobre a relação entre desenvolvimento e meio ambiente; 3) promove a interação entre as agências ambientais estatais e a comunidade científica através dos seminários “Universidade e Meio Ambiente”; 4) apóia a interação entre as agências ambientais estaduais.

Em janeiro de 1989, no auge das críticas nacionais e internacionais à gestão ambiental, provocadas principalmente pelas queimadas na Amazônia e pelo assassinato de Chico Mendes, o governo cria o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA fundindo a SEMA com os órgãos florestais, da pesca e borracha. Esta criação implica uma reforma conceitual-organizacional na definição da problemática ambiental, já que pela primeira vez associa-se a proteção ambiental com o uso conservacionista de alguns recursos naturais (VIOLA e LEIS, 1992).

O Ministério do Meio Ambiente – MMA foi criado em 1993, para complementar um desenho institucional que visava fortalecer o Sistema Nacional de Meio Ambiente – SISNAMA, que orientava a criação do Ministério, a tese de que a agência que formula não pode ser a mesma que executa e que avalia as suas ações.

O balanço do período 1992-2002 reconhece, segundo Crespo (2002), um avanço em termos de institucionalização na área ambiental dentro do setor governamental (estadual,

federal, municipal), mas o ponto fraco continua sendo que, por um lado o marco legal brasileiro é um dos melhores e por outro, há uma aplicação deficiente das leis existentes, sendo a falta de fiscalização o principal problema, além disso, uma superposição de competências administrativas e a insuficiente qualificação dos quadros.

O sócio-ambientalismo: abrange um grande número de organizações não governamentais, de movimentos sociais e sindicatos, que têm visto a questão ambiental como uma dimensão importante de sua atuação. Este amálgama de entidades de um e de outro setor, tem trazido muitas dificuldades em razão de sua heterogeneidade organizacional e ideológica, mas seu mérito é de tentar levar as reflexões para um ponto de encontro e de debate entre suas diferentes preocupações e posições. Na Rio 92 esse ponto foi o desenvolvimento sustentável (VIOLA e LEIS, 1992).

Este setor aspira realizar grandes mudanças para os próximos anos. É da sua própria natureza utópica e militante, assim o desejar. Conquistar o território do ambientalismo no Brasil significou reforçar e “unir os progressistas” a favor de um projeto de sociedade mais justa e solidária. Esta sociedade pode ser a “sociedade sustentável” segundo Crespo (2002).

O ambientalismo científico: que forma-se com os grupos científicos, dentro de universidades e institutos de pesquisa e que abordam a problemática ambiental de um modo interdisciplinar. Segundo Viola e Leis (1992) ainda carece de um espaço permanente de caráter interdisciplinar para que possa canalizar e maximizar corretamente os diversos esforços que vem sendo realizados, entretanto há de se reconhecer que com respeito da Rio 92 houve mais avanços que retrocessos.

Conforme Crespo (2002) o setor experimentou a expansão da pesquisa científica na área das ciências e estudos ambientais não só no Brasil, mas também no mundo. Os centros universitários e de pesquisa criaram programas que não existiam antes, sendo uma mudança de peso no setor a ampliação do universo das ciências ambientais. Também cresceu o engajamento das ciências sociais na problemática ambiental.

O ambientalismo empresarial: pretende conciliar o lucro individual com o interesse social de longo prazo percebendo que existem muitas oportunidades vinculadas à proteção ambiental. Embora, a natureza de um negócio é gerar riqueza, os empresários argumentam que as questões social e ambiental são apropriadas pelas estratégias empresariais com impactos que vão muito além do retorno financeiro imediato (CRESPO, 2002).

2.2.1.2 Ética ecológica: os princípios da inclusão e exclusão (relação homem-natureza, homem-sociedade) de Hector Leis e José D'Amato

Para Leis e D'Amato (1996) a crise ambiental não tem alternativas realistas fora de um ambientalismo sustentado em uma ética complexa e multidimensional que recupere o sentido da fraternidade, o sentido espiritual da vida social e natural, porque ela é apenas um resultado indesejado e conjuntural, é um desencontro dos mortais com suas raízes.

Os autores desenvolvem seu trabalho sob o ponto de vista da ética ecológica, o qual fazem a construção de uma tipologia ideal que leva em conta as relações entre as dimensões histórico-social, ética e vivencial-psicológica dos seres humanos com a sociedade e com a natureza. Nos dois casos interessa a maior aproximação e identificação dos valores e das práticas com as perspectivas definidas por dois princípios gerais: o de **inclusão** e o de **exclusão**.

Ao combinar as dimensões da sociedade e da natureza com esses dois princípios, Leis e D'Amato (1996) obtém cinco subdivisões, que tipificam estas polaridades conforme às relações: por um lado temos da relação ser humano – sociedade, o comunitarismo como princípio de inclusão e o individualismo como princípio de exclusão; na relação ser humano – natureza, o antropocentrismo como princípio de exclusão e o biocentrismo como princípio de inclusão. Logo, eles associam o resultado dessa combinação com os tipos psicológicos de Carl Jung, chegando a quatro tipos derivados e um integrativo da dimensão vivencial psicológica dos indivíduos envolvidos com o ambientalismo.

Objetivamente, faz-se uma integração dos dois quadros feitos pelos autores (ibidem:123 e 132) em um só.

Relação Homem-Sociedade	Relação Homem-Natureza	Princípio de Exclusão: <i>Antropocentrismo</i> <i>Princípio masculino (yang)</i>	Princípio de Inclusão: <i>Biocentrismo</i> <i>Princípio feminino (yin)</i>
Princípio de Inclusão <i>Comunitarismo</i> (ou Coletivismo)		“beta” pensamento	“delta” intuição
Princípio de Exclusão: <i>Individualismo</i>		“alfa” percepção	“gama” sentimento

Quadro 1: Ética Ecológica e seus tipos psicológicos

Fonte: Leis Hector e D’Amato José Luis, O labirinto (1996, p.123 e 132)

Estas categorias caracterizam-se por:

Alfa: introduz o fator ecológico como uma adjectivação branda que lhe permite, ser a “porta de entrada” dos atores dominantes do sistema económico e político que manifestam preocupações ambientais.

Os descobrimentos da ecologia e a emergência do ambientalismo, não demandam uma revolução ética, demandam pensamentos e atitudes mais bem informados e precisos para ampliar e complementar os já existentes direitos e obrigações morais segundo McCloskey (1983, apud Leis e D’Amato, 1996). Não existem valores e motivações fora de uma perspectiva individual e antropocêntrica.

Percepção: aprende e privilegia o ser momentâneo e manifesto das coisas, aos objetos concretos e aos sentidos. É hedonista e realista.

Beta: ainda que mantenha uma orientação antropocêntrica prefere a cooperação à competição dentro da sociedade. Os autores e tendências que se identificam com “beta”, reivindicam a necessidade de mudar todos os valores associados ao individualismo. O ambientalismo é incompatível com a lógica de competição inerente ao individualismo, a

crítica atinge o tecnicismo, a racionalidade instrumental e o patriarcalismo.

Pensamento: capta a realidade na medida em que se pode conceituá-la, pode ser indutivista ou dedutivista.

Gama: constitui um avanço evolutivo em direção a um maior equilíbrio ético dos vários aspectos envolvidos nas relações homem-natureza-sociedade. Radicaliza o princípio da exclusão questionando-o apenas na natureza, com uma tendência a ecologia profunda.

Sentimento: nutre e protege o que está em desenvolvimento, o fraco e diminuído, preocupa-se com as gerações futuras, apresentando uma racionalidade sensível.

Delta: vertente espiritualizada e utópica da ética ecológica. Mais próxima de uma cosmovisão pré-moderna, inscreve-se mais nas das tradições religiosas ou filosóficas do que na ciência, porque define valores e comportamentos próprios de uma concepção finalista. Precisa da ajuda (externa) de atores governamentais ou econômicos para projetar-se na realidade segundo Eckersley (1992, apud Leis e D'Amato, 1996).

Intuição: procura novas saídas e possibilidades usando a percepção dos objetos, sem se orientar por eles. Com pouca capacidade comunicativa, ensina mais por gestos e antepõe o dever ao que é (seja para restituir ou para criar valores).

Ômega: pode ser interpretada como um núcleo integrador e sinérgico que valoriza o equilíbrio e integração entre todas as vertentes, para a cooperação e complementação em relação à oposição e ao conflito, aproximando-se mais do Tao e de Gaia.

Self: realiza a integração entre as características internas do indivíduo utilizando as contradições e oposições e deflaciona a personalidade para ter energia para esse equilíbrio.

2.2.1.3. Ética Ecológica: as linhas do pensamento ecocentrista e antropocentrista de Guillermo Foladori

Guillermo Foladori em seu trabalho intitulado “Una tipología del pensamiento ambientalista: sustentabilidad desacuerdos sobre el desarrollo sustentable”, apresenta uma tipologia a partir do ponto de vista ético e o caráter histórico das distintas posições ambientalistas, como é destacado no Quadro 2.

Segundo este autor, as principais características de cada posição do ambientalismo conforme seus eixos centrais são:

Ponto de partida Ético		Tipo	Autores	Causas da crise ambiental	Alternativa para a “sustentabilidade”
Ecocentristas		Ecologia Profunda	Naess, N., 1973 „The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary“. Inquiry . Vol. 16	Ética antropocêntrica e desenvolvimento industrial	Igualitarismo biosférico Frear o crescimento material e populacional Tecnologias de pequena escala
		Verdes	1. Neomalthusianos. Ehrlich, P. Holdren, J., 1971 „Impact of population growth“ Science, Vol. 171 . 2. “mainstream“. Commoner, Barry 1972 <i>The Closing Circle</i> . Knopf. New York. Porrit, J., 1986 <i>Seeing Green</i> . Blackwell. Oxford.	Crescimento populacional e produção ilimitada e orientada a bens supérfluos Uso de recursos não renováveis	Frear o crescimento populacional Contra artigos suntuosos. Tecnologias limpas. Controle estatal Orientação energética em direção ao uso recursos renováveis
Antropocentristas	Tecnocentristas	Ambientalismo moderado	Pearce, D. e Turner, R., 1995 Economía de los recursos naturales y del medio ambiente . Celeste Ediciones. Madrid.	Políticas erradas, desconhecimento, falta de participação estatal.	Políticas econômicas e instrumentos para corrigir o mercado. Tecnologias limpas ou verdes.
		Cornucopianos	Simon, Julian; Kahn, Herman (ed.), 1984 The Resourceful Earth. A Response to Global 2000 . Basil Blackwell. New York.	Não há crise ambiental	Livre mercado sem participação estatal Não há restrições à tecnologia, o mercado se encarrega
	Marxistas	Enzensberger, Hans M., 1974 „A Critique of Political Ecology“. New Left Review No. 84	Da crise contemporânea: relações sociais capitalistas (existem causas genéricas à sociedade humana)	Mudança das relações capitalistas de produção Meios de produção controlados pelos trabalhadores.	

Quadro 2: Ética Ecológica: principais linhas do pensamento ecocentrista e antropocentrista

Fonte: Foladori, Guillermo 2001, “Una tipología del pensamiento ambientalista”. *Sustentabilidad, desacuerdos sobre el desarrollo sustentable*

a) Ecocentristas, constituídos por um lado pela vertente da ecologia profunda (deep ecology) e os preservacionistas da natureza e pelo lado dos “verdes” de uma maneira muito mais ampla incluindo os neomalthusianos.

a.1) *Ecologia Profunda, Preservacionistas*; é uma ecofilosofia baseada na atribuição de valores intrínsecos à natureza. Segundo o conceito moderno, o cuidado da natureza não deve derivar-se dos interesses humanos. A questão aqui não é se a biodiversidade significa algumas vantagens econômicas, biológicas, ou estéticas para o ser humano, mas se de fato faz parte da biosfera e por isso ter um valor intrínseco. Naess e Sessions (1998, apud Foladori, 2001, p.12) publicaram uma série de princípios assumidos como principais características desta posição:

- *o bem-estar e florescimento da vida humana e não humana sobre a Terra tem valor por si mesmos (valor intrínseco, valor inerente). Estes valores são independentes da utilidade do mundo não humano para propósitos humanos.*
- *a riqueza e diversidade das formas de vida contribuem à realização destes valores e também são valores por si mesmos.*
- *os humanos não tem direito nenhum a reduzir tal riqueza e diversidade, com a exceção de satisfazer necessidades vitais.*
- *o florescimento da vida e das culturas humanas são compatíveis com uma população humana substancialmente menor. O florescimento da vida não humana requer uma população mais pequena.*
- *a atual interferência do mundo humano com o mundo não humano é excessiva, e a situação piora cada vez mais.*
- *portanto, devem modificar-se as políticas. Estas políticas afetam estruturas, econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas. O estado de coisas resultantes vai ser profundamente distinto ao atual.*
- *a mudança ideológica consistirá principalmente em apreciar a qualidade de vida, mas que em aderir-se a um nível de vida cada vez mais alto. Haverá uma profunda consciência da diferença entre o grande e o grandioso.*
- *quem concorda nos pontos anteriores, tem a obrigação direta ou indireta de tentar que se produzam as mudanças necessárias.*

Destas, as mais radicais promovem uma “volta ao passado”, orientadas a comunidades autosuficientes e com uma relação mais estreita com a natureza.

Na defesa de uma natureza “virgem”, a *deep ecology*, concorda com as posições

preservacionistas. Segundo Primack (1993, apud Foladori, 2001, p.12) parte de uma série de suposições não discutíveis, isto é, um fundamentalismo naturalista que atribui a leis naturais o caráter de bons ou melhores do que as atividades humanas e que estão apoiadas na biologia conservacionista. Entende-se que: 1) a biodiversidade é boa; 2) as extinções que aconteceram naturalmente são boas, enquanto, as produzidas pelo homem não; 3) a complexidade ecológica é boa; 4) a evolução é boa; e 5) a biodiversidade tem valores intrínsecos porque as espécies tem um valor intrínseco, independentemente do valor material que possam ter para a sociedade.

a.2) *Verdes e neomalthusianos*; o termo “verde” aqui é só um critério de identificação. O autor considera por “verdes”, os da corrente principal (mainstream) apresentada pelos partidos verdes de Grã Bretanha e Alemanha, a revista *The Ecologist*, os movimentos ecologistas Greenpeace e Friends of the Earth. Há distinção de certas características comuns apesar de algumas diferenças como:

o [objetivo verde] mais radical pretende nada menos que uma revolução não violenta que derrube a totalidade de nossa sociedade industrial poluidora, saqueadora e materialista e, no seu local, crie uma nova ordem econômica e social que permita aos seres humanos viver em harmonia com o planeta. Segundo isto, o movimento verde pretende ser a força cultural e política mais radical e importante desde o nascimento do socialismo (PORRIT e WINNER 1986, apud FOLADORI, 2001, p.14).

Uma outra é baseada em Capra e Spretnak (1985, apud Foladori, 2001, p.14)

“A política verde” apresenta “a manifestação política da mudança cultural” rumo um novo “paradigma”. Ambos autores concluem que “O que nós precisamos é uma nova dimensão global da política. A política verde oferece dita dimensão, uma política que não é de esquerda, nem de direita, senão que esta mais adiante”.

Foladori (2001, p. 14) apresenta uma síntese das principais características desta posição do movimento ambientalista:

- o ponto de partida ético, que outorga valor intrínseco à natureza;
- a utilização da ecologia como ciência que explica as relações entre a sociedade e a natureza;

- a concepção de que existem limites físicos ao desenvolvimento humano; e
- a confiança no individualismo liberal como instrumento para transformar a sociedade.

Já para os “neomalthusianos” a principal causa de crise ambiental estaria num aumento incontrolado da população mundial. Esta vertente reivindica a “Lei de Malthus”, mas é atualizada: o incremento populacional faz pressão para uma atividade econômica crescente que provoca escassez de recursos naturais e geração de dejetos, com a conseqüente deteriorização ambiental (FOLADORI, 2001). Politicamente o autor interpreta que é uma posição conservadora que busca um controle da natalidade e expansão da propriedade privada.

b) *Tecnocentristas (Antropocentristas)*: o autor coloca que esta linha de pensamento abrange dois grandes grupos muito diferenciados. Por um lado os cornucopianos e pelo outro o “ambientalismo moderado”.

b.1) *Cornucopianos (tecnocentristas)*; são aqueles ambientalistas que consideram que é possível superar os problemas ambientais com soluções técnicas⁷. Trata-se de uma posição **antropocentrista já que é o interesse humano** quem conduz o critério de valor da relação entre a sociedade e seu ambiente. Atualmente os tecnocentristas estão estreitamente ligados a defesa da economia do livre mercado.

A posição cornucopiana considera que o livre mercado consegue solucionar os problemas ambientais **restringindo o consumo** de recursos não renováveis ou em extinção, pelo aumento dos preços na medida em que os estoques diminuem, **substituindo matérias primas e fontes energéticas**, ou **melhorando a tecnologia para um uso mais eficiente** dos mesmos (TURNER, PEARCE e BATEMAN, 1993, p.30-31).

b.2) *Ambientalismo moderado (tecnocentristas)*: a política ambientalista levada pela maioria dos governos insere-se nesta corrente. Reconhecem a existência de problemas entre o desenvolvimento capitalista e o meio ambiente, mas possíveis de melhorar com políticas específicas. Apesar de, não questionar o crescimento ilimitado da produção ou o tipo de produção suntuosa ou supérflua. Consideram que a produção humana é contaminante, e a produção capitalista a única possível. Busca atingir níveis razoáveis ou ótimos de contaminação, que são obtidos através de correções técnicas no processo produtivo. Logo,

⁷Por “cornucopianos” se faz referência ao “corno da abundância” (O’Riordan, 1981). Uma abundância dos recursos naturais, sem finitude.

não se questiona, o caráter da produção capitalista, senão seu nível de contaminação e depredação.

Estas políticas ambientais são de dois tipos: de comando e controle que regulam a utilização de recursos e dejetos de resíduos a partir de normas. Se tem: 1) os limites máximos de contaminação; 2) controle no equipamento; 3) controle sobre os processos para impedir ou substituir insumos; 4) controle sobre os produtos, a proibição de alguns ou estabelecendo limites de produtos contaminantes em outros; 5) proibição de atividades em determinadas zonas; 6) controle de uso (quotas) de recursos naturais. De instrumentos de mercado; para incorporar ao mercado elementos da natureza sem preço, incidir seus preços, a maneira de interiorizar as externalidades. Os principais instrumentos são: 1) taxas; 2) subsídios; 3) sistemas de devolução de depósitos; 4) criação de mercados artificiais para quotas de poluição, materiais secundários, etc.

c) Marxistas (Antropocentristas): os marxistas são antropocentristas, mas Foladori (2001), os coloca numa grande distância com respeito as demais posições ecocentristas assim como as tecnocentristas. A diferença está em:

i) a natureza inclui a sociedade humana, mas não é vista de fora como acontece nas concepções ecocentristas e tecnocentristas;

ii) a relação entre a sociedade humana e seu entorno é dialética e histórica, na medida em que a sociedade transforma a natureza e transforma-se, e as possibilidades de transformá-la estão dadas ao qual chegaram as gerações passadas.

Não existe para Marx, a natureza de um lado e a sociedade do outro. A natureza é a totalidade do existente, e ao mesmo tempo, um momento da práxis humana (SCHMIDT 1977, apud FOLADORI, 2001 e LEIS, 1999). Isto é, a natureza tem sentido para o homem enquanto âmbito da sua atividade. Fora do interesse humano a natureza não tem sentido nenhum. Daí o antropocentrismo, Marx manifestou que *a propriedade do homem sobre a natureza tem sempre como intermediário sua existência como membro de uma comunidade, família, tribo, etc, uma relação com os demais homens que condiciona sua relação com a natureza* (DUSSEL, apud FOLADORI, 2001, p.23).

Isto é, o ser humano estabelece uma relação histórica com a natureza. Porque a cada período de seu desenvolvimento sócio-econômico surgem novas relações sociais de produção que criam regularidades que conduzem o comportamento em relação ao meio ambiente.

Esta maneira em face à relação da sociedade com a natureza faz da exposição marxista não só antropocêntrica, senão prioritariamente classista. Aqui está outra diferença radical a respeito das posições ambientalistas. Porque uma característica que agrupa os ecocentristas aos antropocentristas é o fato de considerar à sociedade humana como um bloco com iguais responsabilidades em face à natureza. O marxismo considera a sociedade diferenciada em classes.

A existência de tão diferentes interesses ou objetivos de ação dos diversos grupos sociais que conformam o movimento ambientalista dificulta a tentativa de colocá-los numa só posição dentro das distintas correntes do pensamento ambientalista. Nesse sentido as distintas abordagens no trabalho dos autores que são marco teórico, nos fornecem um horizonte mais amplo para o propósito da investigação.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, mais que uma descrição dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica-se as opções e a leitura operacional que se fará do quadro teórico (MINAYO, 1998). Pois o objetivo da metodologia é auxiliar na compreensão do processo de pesquisa.

Gil (1991) considera dois fatores importantes para a escolha da metodologia: a explicitação do problema através da maior familiaridade proporcionada pela metodologia e o aprimoramento de idéias que a mesma deve facilitar.

De acordo com Olivera (1997) método é um *conjunto de processos pelo quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos.*

3.1 Perguntas da pesquisa

1. Como é o histórico em quatro organizações não governamentais selecionadas?
2. Qual é a ideologia predominante em quatro Organizações Não Governamentais ambientalistas selecionadas, na percepção dos membros entrevistados?
3. Como é a práxis das ações das organizações selecionadas, na percepção dos membros entrevistados?
4. Como é a possível relação da ideologia e a práxis das ações das organizações pesquisadas?

3.2 Natureza de pesquisa

De acordo com Gil (1994) uma pesquisa é *um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, que tem como objetivo fundamental descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.*

Na elaboração desta pesquisa, será adotada a abordagem qualitativa, pois busca-se respostas a questões particulares.

Segundo Godoy (1995a) a pesquisa qualitativa é aquela que parte de questões ou focos de interesse amplos que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. E envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos, procurando compreender os fenômenos segundo as perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Para Richardson (1989), justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza como um fenômeno social.

Nesta pesquisa, o estudo a ser aplicado será de natureza exploratória e descritiva conforme Godoy (1995, p.63) porque *quando estamos lidando com problemas pouco conhecidos a pesquisa de cunho exploratório, neste tipo de investigação parece ser o mais adequado. Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada.*

Logo, o estudo a ser aplicado é de natureza exploratória descritiva. Exploratória porque proporciona ao pesquisador uma visão geral do fenômeno e descritiva, pois o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade. Pretende-se detalhar com maior exatidão possível os fatos e fenômenos da situação em estudo.

Para Triviños (1994), o estudo de caso é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Esta definição determina suas características que são dadas por duas circunstâncias: por um lado, a natureza e a abrangência da unidade, e pelo outro, sua complexidade.

Para Vergara (1990), o estudo de caso é o estudo circunscrito a uma ou poucas unidades entendidas como uma pessoa, uma família, um produto, uma empresa, órgão público, uma comunidade ou mesmo um país. Tem caráter de profundidade e detalhamento, pode ou não ser realizado no campo.

Outrossim, Godoy (1995b, p.26) assinala que *quando o estudo envolve duas ou mais instituições, pode-se falar de casos múltiplos [...] [no qual pretende-se] estabelecer comparações.*

Logo, em um estudo desta natureza conforme Bruyne, Herman e Schoutheete (1977) para o estudo das organizações, o tipo comparativo permite estudos como uma “totalidade”, sob o ângulo de sua forma e de seu total funcionamento e permite estudar as relações entre um grande número de variáveis de uma amostra de organizações. De acordo

com os autores (1977), passa da unicidade para a totalidade, permitindo verificar regularidades ou constantes entre várias organizações através da análise das semelhanças e das diferenças existentes entre elas.

Não se verifica no estudo comparativo os objetos em si, mas sim, suas propriedades e as relações entre elas (BLAU 1965, apud BRUYNE, HERMAN e SCHOUTHEETE, 1977). Para Bruyne, Herman e Schoutheete (1977), o estudo comparativo das organizações pode variar, dentre outros aspectos, de acordo com o número de organizações estudadas, com a natureza e o tratamento dos dados e com o espaço de tempo em que ocorrem os fenômenos estudados.

Os estudos comparativos apresentam também uma flexibilidade, pois conforme estes autores (1977), possibilitam combinar o estudo de uma amostra de organizações em que se analisam as variáveis mais significativas, com uma investigação mais cuidadosa de alguns casos selecionados na própria amostra, permitindo assim um maior aprofundamento das observações ou um refinamento das conclusões.

Babbie (1998) como outros autores, menciona que as pesquisas podem ser realizadas em períodos de tempo diversos. Ele apresenta dois tipos de classificação da pesquisa em relação ao tempo: corte transversal e estudo longitudinal. Os estudos longitudinais caracterizam-se por investigar um evento num longo período de tempo.

Frente ao exposto, este trabalho é definido como pesquisa qualitativa do tipo estudo de casos múltiplos, que preocupa-se em descrever qual é a ideologia predominante do pensamento ambientalista e sua relação com a práxis das ações de quatro organizações ambientalistas da cidade de Florianópolis. Por ser um estudo de casos múltiplos, pretende estabelecer comparações entre as realidades investigadas. Também pode-se argumentar que se caracterizou por ser um estudo longitudinal.

As unidades de análise do presente trabalho foram quatro organizações ambientalistas selecionadas para investigação e as unidades de observação foram os membros pertencentes a estas organizações que tinham maior representatividade ou conhecimento entre seus pares em relação ao assunto investigado.

3.3 Delimitação do estudo

Como se trata de uma pesquisa qualitativa, a qual não se baseia no critério

numérico para análise de dados, o universo foi investigado utilizando uma amostragem não-probabilística por tipicidade, segundo Vergara (1998).

Este trabalho teve como universo de pesquisa as organizações ambientalistas de Florianópolis em função do objetivo geral da pesquisa. Ressalta-se que a questão ambiental vem adquirindo nos últimos anos o reconhecimento da sociedade. Na cidade de Florianópolis – SC a questão ambiental tem uma importância significativa por possuir uma área geográfica limitada para o crescimento e os distintos impactos sócio ambientais gerados pela especulação imobiliária e o turismo sazonal.

Foram utilizados como critérios de seleção das organizações: possuir sede em Florianópolis, possuir membros voluntários, ter mais de quatro anos de constituição e executar ações relacionadas à preservação/conservação do meio ambiente natural. Com esta definição de critérios, utilizou-se pesquisa de levantamento realizada por Flach (2003), e o projeto “Cadastro das ONG’s Ambientalistas de Florianópolis” publicada no site www.paucampeche.pop.com.br, as quais objetivaram identificar as organizações ambientalistas da cidade de Florianópolis, das quais selecionou-se aquelas que atendiam aos critérios desta pesquisa e estabeleceu-se contato telefônico para verificar a possibilidade de realizar o estudo.

As organizações selecionadas foram:

- 1) Ações para Preservação dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Econômico Racional - APRENDER Entidade Ecológica;
- 2) Instituto Ambiental Ratonos – IAR;
- 3) Associação Amigos do Parque da Luz - AAPLuz;
- 4) Fundação Lagoa.

As pessoas selecionadas para as entrevistas foram identificadas conforme ao ordem da organização na pesquisa:

- na APRENDER: o entrevistado 1 exerce o cargo de Presidente-Executivo, e o entrevistado 2 o cargo de Presidente Diretor;
- no Instituto Ambiental Ratonos: o entrevistado 3 exerce o cargo de Presidente, e o entrevistado 4 o cargo de Secretário (temporário);
- na Associação Amigos do Parque da Luz: o entrevistado 5 exerce o cargo de

Presidente, e o entrevistado 6 o cargo de Conselheiro;

- na Fundação Lagoa: o entrevistado 7 exerce o cargo de Presidente, e o entrevistado 8 designou-se como participante (membro fundador);

3.4 Categorias de análise

Com base no problema estabelecido para essa pesquisa, avaliou-se a influência das diferentes correntes do pensamento ambientalista no funcionamento de organizações ambientalistas da cidade de Florianópolis. Dessa forma, a ideologia define-se como a principal categoria de análise e a práxis como a categoria complementar.

Uma vez feita a análise dos elementos, se faz necessário sua classificação o que se denomina categorização. Esta categorização pode ser realizada de duas maneiras segundo Bardin (1979, apud Richardson, 1989): na primeira as categorias são estabelecidas previamente e seus elementos são distribuídos da melhor forma possível entre elas. Na segunda, o sistema de categorias não é dado, resulta da classificação progressiva dos elementos. Estas categorias devem apresentar as seguintes características de acordo com Bardin (1979, apud Richardson, 1989, p.194):

- 1) *exaustividade: deve permitir a inclusão de todos os elementos levantados relativos a um determinado tema;*
- 2) *exclusividade: nenhum elemento pode ser classificado em mais de uma categoria;*
- 3) *concretitude: que permitam fácil classificação dos elementos;*
- 4) *homogeneidade: devem basear-se em um mesmo princípio de classificação; e*
- 5) *objetividade e fidelidade: definir variáveis e os indicadores que determinam a classificação de um elemento em uma determinada categoria.*

Segundo Kerlinger (1980) existem dois tipos de definição das categorias de análise: constitutiva e operacional. Para o autor, a definição constitutiva é definição de dicionário. Mas esta definição nem sempre é suficiente para esclarecer como as variáveis serão operacionalizadas na pesquisa. Assim, é necessária a definição operacional, a qual *atribui significado a um constructo ou variável especificando as atividades ou operações necessárias para medi-lo ou manipulá-lo* (KERLINGER, 1980, p.46).

As categorias de análise da presente pesquisa são: ideologia e práxis, que são

definidas constitutivamente a seguir:

Ideologia: ciência da formação das idéias; tratado das idéias em abstrato; sistema de idéias, convicções religiosas ou políticas. Sistema de idéias peculiar a determinado grupo e condicionado, em última análise, pelos interesses desse grupo.

Práxis: termo grego que significa “ação”, “realização”, “transação”, “negócio”, por oposição a passividade e contemplação; é a pratica que se contrapõe à teoria.

A categoria analítica ideologia foi operacionalizada por meio das seguintes dimensões: missão, visão do mundo (ética ecológica), e valores individualistas/práticos. No quadro três apresentam-se as dimensões desta categoria e seus indicadores.

CATEGORIA DE ANÁLISE	DIMENSÕES	INDICADORES	DESCRIÇÃO
IDEOLOGIA	Missão	Contexto de ação	Setor de atuação
		Evolução	Mudança no tempo dos princípios iniciais
		Independência	Identificação com atividades próprias do governo ou do mercado
	Visão do mundo (Ética Ecológica)	Princípios de inclusão e/ou exclusão	Relação homem-natureza, homem-sociedade
		Princípios de ecocêntrismo e/ou antropocêntrismo	Identificação com alternativas propostas para superar o risco de crise ambiental
	Valores individualistas/práticos	Retorno	Tipo de retribuição para os membros da organização
Trabalho		Voluntário ou assalariado	

Quadro 3: definição operacional da ideologia

A categoria analítica complementar práxis foi operacionalizada por meio da dimensão de estratégia de ação. No quadro quatro apresentam-se a dimensão desta categoria e seus indicadores.

CATEGORIA DE ANÁLISE	DIMENSÕES	INDICADORES	DESCRIÇÃO
PRAXIS	Estratégia de Ação	Planejamento	Plano previo de ação
		Diversificação de objetivos	Alternativas independentes ou não ao meio ambiente
		Viabilidade de projetos	Tipo de valoração para a escolha do projeto
		Parcerias	Alianças para atingir os objetivos
		Autonomia	Influência externa ao funcionamento normal da organização
		Comunicação	Divulgação das atividades da organização

Quadro 4: definição operacional da praxis

3.5 Coleta de dados

As pesquisas qualitativas de campo exploram particularmente as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que estas penetram na complexidade de um problema segundo Richardson (1985, p.41).

Neste trabalho foram levantados dados de fontes primárias e fontes secundárias, de acordo com Mattar (1994). Os dados primários com intuito de atender as necessidades específicas de pesquisa e os dados secundários são *aqueles dados que já foram coletados, tabulados, ordenados e, às vezes, até analisados, com propósitos outros ao de atender as necessidades da pesquisa, e estão catalogados a para disposição dos interessados.*

Os dados primários desta pesquisa foram gerados pelas entrevistas aplicadas e pela observação. Foi utilizada a entrevista semi-estruturada, onde havia um roteiro de itens relacionados ao foco de interesse da pesquisa para guiar a entrevista (LAKATOS e MARCONI, 1991). Afim de permitir um maior controle das informações planejou-se por realizar a coleta de dados em quatro etapas: primeiro as entrevistas com os membros da APRENDER, depois com os membros do Instituto Ambiental Ratores, logo com os membros da Associação Amigos do Parque da Luz e por fim com os integrantes da Fundação Lagoa. Esta dinâmica implicou num período de coleta de dados maior que o previsto.

É relevante ressaltar que, em função dos membros de algumas das organizações

não possuem um local de trabalho e horário regular, houve ainda maior lentidão no processo de coleta de dados. As entrevistas de aproximadamente uma hora e meia cada, foram realizadas nos mais diversos lugares, sempre atendendo às necessidades dos entrevistados.

Antes de realizar as entrevistas com os membros das organizações, fez-se um primeiro contato durante a realização do Seminário Gestão Cidades Costeiras Sustentáveis Intercâmbio Brasil e Austrália, sediado na cidade de Florianópolis durante os dias 12 a 16 de outubro de 2004, com o objetivo de conhecer a organização e a partir das informações levantadas desta conversa selecionou-se os membros a serem entrevistados.

Na primeira etapa, onde foi investigada a Ações para Preservação dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Econômico Racional - APRENDER, duas pessoas foram entrevistadas. Esse número de entrevistas foi julgado adequado pela pesquisadora porque as pessoas entrevistadas tinham grande conhecimento das informações pertinentes ao propósito da pesquisa, organização das idéias e facilidade de expressão.

Na segunda etapa, que tinha como objetivo conhecer o Instituto Ambiental Ratonos, foram necessárias duas entrevistas para compreender a organização. Houve bastante colaboração por parte dos entrevistados, pois os mesmos tinham conhecimento das informações pertinentes à instituição, organização das idéias e facilidade de expressão, sendo que um dos entrevistados foi bastante questionador, o que no parecer da pesquisadora contribuiu para enriquecer a pesquisa.

Na terceira etapa, foram necessárias duas entrevistas para conhecer a Associação Amigos do Parque da Luz. Um dos entrevistados forneceu bastante informação sobre o contexto de ação da organização desde o início do movimento ambientalista na cidade, o qual considerou-se muito enriquecedor. Entre todas, esta foi a entrevista mais longa.

Por fim, duas entrevistas foram satisfatórias para conhecer a Fundação Lagoa, pelo fato de ser um dos entrevistados de nacionalidade estrangeira e a pesquisadora também. Houve uma preocupação em tomar muito cuidado na exposição das perguntas e durante a entrevista para evitar enganos de interpretação e significado das palavras.

A observação pessoal foi realizada durante a etapa das entrevistas. A observação livre *destaca de um conjunto algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características* (TRIVIÑOS, 1994, p.153) foi de importância para confrontar os fatos observados com as informações obtidas por meio das entrevistas aplicadas e com a literatura pesquisada.

Os membros entrevistados foram selecionados de acordo com a sua representatividade em relação ao objeto da pesquisa e sua disponibilidade. A finalidade das entrevistas foi captar a percepção dos envolvidos sobre o fenômeno de investigação.

Os dados secundários foram coletados das publicações das organizações selecionadas para a pesquisa (VERGARA, 1998). Inclui-se no levantamento documental, realizado internamente nas organizações, os estatutos, histórico da instituição, relatórios sobre a participação em parcerias e outros documentos pertinentes. Duas organizações têm material escrito por meio eletrônico no site institucional; outra possui pouco material escrito, e a última das organizações não possui material escrito organizado, principalmente em relação a seus históricos.

As perguntas foram direcionadas em função do conhecimento dos membros entrevistados acerca da organização a qual pertenciam, isto é, nem todos os membros entrevistados responderam aos mesmos questionamentos. Procurou-se obter o maior número de informações a partir das mesmas perguntas.

3.6. Análise dos dados

Os dados também foram analisados e interpretados através das referências teóricas com a aplicação do método de análise de conteúdo porque *é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens* (BARDIN 1977, apud TRIVIÑOS, 1994, p.160).

Isto porque fez-se uma análise do conteúdo nas mensagens escritos (livros, revistas, relatórios, jornais, dissertações, sites da Internet), de acordo com Bardin (1977, apud Triviños, 1994, p.161): a primeira etapa é de pré-análise, a organização do material coletado; a segunda etapa é a descrição analítica: quando o material de documentos é submetido a um estudo aprofundado, sendo os procedimentos como a codificação, a classificação e a categorização fundamentais; e a terceira etapa é de interpretação referencial: quando atividades de reflexão e a intuição, com embasamento nos materiais empíricos, estabelecem relações. O que buscou-se desvendar é o *conteúdo latente* que eles possuem. Assim, os dados

coletados nesta pesquisa por meio das entrevistas foram transcritos e posteriormente interpretados seguindo os procedimentos da análise de conteúdo.

Após a transcrição das entrevistas, buscava-se no texto encontrar fragmentos relacionados às categorias de análise, e logo reuniu-se todos os fragmentos de todas as entrevistas da mesma organização relativos a mesma dimensão da categoria de análise num único documento. Este procedimento permitiu unir as informações, descrever a realidade de cada organização em relação a cada dimensão e interpretar os dados, resultando nas conclusões apresentadas neste trabalho.

3.7 Limitações da pesquisa

Por ser um estudo de casos múltiplos, a investigação foi restrita às organizações analisadas. Nesse sentido, os resultados deste trabalho referem-se apenas às realidades observadas. As conclusões deste estudo não podem ser generalizadas a todas organizações ambientalistas. Também os resultados do presente estudo estão limitados a definição operacional das categorias de análise adotadas nesta pesquisa.

Outrossim, a categoria de análise de práxis foi desenvolvida de maneira complementar à categoria principal de análise a ideologia, ainda tem mais dimensões para explorar no futuro.

Finalmente a data mais antiga sobre o surgimento do movimento ambientalista corresponde com a do artigo de Viola e Boeira (1990), sendo que a pesquisadora procurou nos arquivos da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina e na qual não foram encontradas referências mais antigas.

4. DESCRIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES PESQUISADAS

No presente capítulo objetiva-se apresentar as quatro organizações ambientalistas da cidade de Florianópolis analisadas nesta pesquisa. Foi realizada a descrição de seus históricos, sua ideologia e sua práxis.

A categoria analítica principal ideologia está conformada por três blocos: missão, visão do mundo (ética ecológica), e valores individualistas/ práticos.

Em relação à análise da missão, os indicadores foram delineados segundo as características da tipologia construída por Eduardo Viola (1992) “O multissetorialismo complexo”, nesse sentido pretendeu-se desvendar o interesse de criação da ONG, isto é saber qual setor da sociedade civil ela pertence. Para entender seu processo de evolução que se avalia pelas mudanças no tempo, dos seus interesses iniciais de criação e para identificar os seus níveis de independência, buscou-se conhecer se as ONG’s possuem algum grau de identificação com interesses do governo ou de mercado.

Para compreender a visão do mundo desde uma abordagem da ética ecológica buscou-se saber num primeiro momento, segundo a tipologia construída por Hector Leis e José D’Amato (1996), se na relação homem-natureza e homem-sociedade, esta visão parte dos princípios de inclusão ou de exclusão. Num segundo momento conforme a tipologia construída por Guillermo Foladori (2001), se ela tem como ponto de partida a linha de pensamento do ecocentrismo ou antropocentrismo, mediante a identificação com as possíveis alternativas propostas para reduzir ou incrementar o risco de crise ambiental, pelas múltiplas correntes do ambientalismo consideradas nesta tipologia.

Com os valores individualistas/práticos, procura-se saber como os membros percebem e sentem o trabalho que realizam através do tipo de retorno que eles recebem.

Na categoria analítica complementar da práxis buscou identificar como estas ONG’s põem em prática sua ideologia através de estratégias de ação, como planejamento, diversificação de objetivos, viabilidade de projetos, parcerias, autonomia e a comunicação de suas atividades.

Conforme descrito anteriormente, no capítulo da metodologia, constituem o universo desta pesquisa as organizações ambientalistas com sede na cidade de Florianópolis. Dentre este universo foram selecionadas as seguintes organizações: 1) Ações para Preservação dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Econômico Racional - APRENDER

Entidade Ecológica, 2) Instituto Ambiental Ratonés – IAR, 3) Associação Amigos do Parque da Luz - AAPLuz, e 4) Fundação Lagoa.

A seguir serão apresentados os dados de cada uma das organizações, com base nas informações coletadas nas entrevistas realizadas com os membros das respectivas organizações, assim como do material documental fornecido por elas mesmas.

4.1 Ações Para Preservação dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Econômico Racional - APRENDER Entidade Ecológica

4.1.1 Histórico

A “Ações Para Preservação dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Econômico Racional” – APRENDER é uma organização ambientalista de interesse público, fundada em 22 de abril de 2000, Dia do Planeta Terra. Trata-se de uma associação civil sem fins econômicos de caráter ambientalista, científico, esportivo, cultural e educativo. Tem como objetivo a defesa do meio ambiente e dos direitos difusos e coletivos, a preservação dos recursos naturais e o desenvolvimento econômico racional. Suas ações visam a educação ambiental, a participação em políticas públicas ambientais, o apoio à gestão de Unidades de Conservação, a melhoria da qualidade de vida e o incentivo ao exercício da cidadania ecológica e do voluntariado.

Tem como missão: promover ações para a preservação dos recursos naturais e desenvolvimento econômico racional.

Seu fundador é o advogado ambientalista Rafael Goidanich Costa, atual Diretor-Presidente que junto a dois colegas, Luís Henrique Valim Rodrigues e Ney Bitencourt Fontes, que viabilizaram a redação do estatuto e os custos do cartório, criando a APRENDER Entidade Ecológica. O Estatuto da entidade foi assinado pelo também advogado ambientalista Mauro Figueiredo, atual Diretor-Executivo da organização. Atualmente a organização é formada por nove membros que nela atuam diretamente.

O nome APRENDER reflete sua principal característica: a troca de conhecimentos e de experiências proporcionada pelo caráter de multidisciplinaridade das questões ambientais. Após uma mudança estatutária e da análise por parte do Ministério da Justiça dos balanços e projetos da organização, a organização obteve a qualificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP em dezembro de 2003, o que significa uma grande conquista principalmente na facilitação dos trabalhos no que tange à obtenção de recursos, à formalização de termos de parcerias com instituições públicas e à facilitação da captação de recursos de organizações privadas.

As parcerias mais relevantes são com IBAMA, Petrobrás, Fundo Nacional do

Meio Ambiente, Associação Catarinense de Surf Universitário, Fundação Ford. Os projetos mais relevantes são: o plano de manejo Reserva de Arvoredo, o projeto Surf em Unidades de Conservação e o projeto Proteção Integral.

A organização é filiada à Federação das Entidades Ecologistas Catarinenses - FEEC, à Rede de ONG's da Mata Atlântica e cadastrada no Cadastro Nacional das Entidades Ambientais do Conselho Nacional do Meio Ambiente - CNEA/CONAMA. Além disso é reconhecida como de utilidade pública pela lei municipal 5.974/2001.

4.1.2. Ideologia

A ideologia da organização APRENDER foi analisada por meio de três dimensões: missão, visão do mundo (ética ecológica) e valores individualistas/práticos.

4.1.2.1 Missão

A missão da organização toma como primeiro ponto de referência o interesse ou motivação para sua criação e seu contexto de ação, que é o setor do cenário social que vai desenvolver suas atividades e se o interesse evoluiu com o tempo; e se há a existência de algum grau de identificação com atividades próprias do primeiro ou segundo setor.

Considera-se esses indicadores para determinar a missão objetiva da organização, porque vai permitir a identificação do real interesse para a criação da organização, a finalidade de existência da organização e se a organização possa estar assumindo interesses próprios do primeiro e/ou do segundo setor?

Na opinião dos entrevistados, a ONG ambientalista APRENDER nasceu em primeiro lugar da inquietude pessoal de um deles, fato esse mencionado pelo entrevistado 1: *“foi um desejo pessoal [...] de poder dar uma parcela de contribuição para a causa ambiental [...] trabalhar na preservação do meio ambiente, conseguir dar sua contribuição para a preservação do meio ambiente, pela melhoria da qualidade de vida e [...] conciliar a sua atividade profissional realizando uma atividade que tem prazer de fazer”*.

Mesmo que a participação do entrevistado 2 no ato da fundação fosse de outra

maneira, isso não significou que não estivesse envolvido nos mesmos ideais, conforme relatou sobre o fato: “*ele [o membro fundador] queria reunir um grupo de pessoas que tivessem os mesmos objetivos de trabalhar na defesa do ambiente e tal e que pudessem estar contribuindo com essa causa. [A organização] foi fundada em 2000 [...] e eu assinei o estatuto como advogado na época e já comecei desde aí a me integrar*”.

Embora a participação desses dois membros tenha um início diferente, não significa que não compartilhem o mesmo interesse para a existência da organização existe, a qual é identificada de “preservação” com o meio ambiente, isto é, gestão adequada e planejada dos recursos naturais, melhoria da qualidade de vida e incluir à atividade profissional no trabalho da ONG.

A organização foi evoluindo com o passar do tempo. Observa-se que a APRENDER teve duas etapas; uma primeira de ativismo e outra de uma profissionalização de atividades. No entanto, não mudou seus objetivos iniciais, o que aconteceu foi uma mudança dos meios para atingí-los. Segundo o entrevistado 1:

Há um segundo momento [...] o objetivo de conseguir ter algum tipo de remuneração para continuar trabalhando e ampliando a linha de trabalhos da ong em vez de tu fazer um projeto voluntário tu não consegue atingir 100% os objetivos. No momento que tu tem recurso que tu começa há ter outros profissionais mais gente na equipe tudo mundo precisa ser remunerado então até os princípios da ong, os objetivos começam a ser atingidos em maior escala, começam a ter uma maior amplitude então isso aí mudou um pouco que com passar do tempo desses 4 anos de amadurecimento da ONG e já com uns resultados realizados começam a surgir novas oportunidades novos projetos coisas maiores para desenvolver então nesse sentido a coisa vai tomando um outro rumo.

Este parecer é corroborado pelo entrevistado 2, o qual manifestou que: “*não*”; mudaram com o avanço do tempo os objetivos da organização

Isto pode ser corroborado com a atuação da ONG. Conforme seu estatuto a organização tem como objetivos: 1) defender o meio ambiente, lutando pela preservação dos recursos naturais, pelo desenvolvimento sustentável e pela melhoria da qualidade de vida como um todo; 2) defender os interesses difusos, bens e direitos de valor arqueológico, ecológico, estético, paisagístico e turístico, bem como os demais direitos do cidadão; 3) promover o intercâmbio e a colaboração com entidades, grupos e indivíduos afins; 4)

promover atividades e ações orientadas para os fins a que se propõe, tanto individualmente como em conjunto com a sociedade e/ou poder público.

Na história oficial da organização, reconhecem-se duas etapas: um primeiro ano e meio de muito ativismo, organizando eventos como mutirões de limpeza, mutirões de plantio de mudas nativas, caminhadas ecológicas, palestras educativas e muito trabalho voluntário realizado em parceria com instituições públicas de Florianópolis, como por exemplo, a Companhia Melhoramentos da Capital – COMCAP, Fundação Municipal do Meio Ambiente - FLORAM, Polícia Militar – PM, Grupamento de Busca e Salvamento - GBS e Federação Catarinense de Surf – FECASURF.

Nesta fase, além de ações e projetos como o Mutirão de Limpeza Subaquático da Lagoa da Conceição e Caminhadas Ecológicas APRENDER com a Natureza, a APRENDER participou do Fórum de ONG's da Lagoa da Conceição e do Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica da Lagoa nos anos de 2000 e 2001, quando ainda funcionava em sua primeira sede na Lagoa da Conceição em Florianópolis.

Na segunda etapa, a partir de 2001, a organização começou a desenvolver projetos mais complexos, contando desde então com uma importante parceria com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA e a Petróleo Brasileiro S.A. - Petrobrás, no apoio à gestão da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (Rebio do Arvoredo). Neste ano, firmou-se um convênio entre as três organizações envolvidas, formalizando o envolvimento da organização neste projeto e direcionando a aplicação dos recursos advindos da Petrobrás por meio de um Plano de Trabalho.

Na opinião dos entrevistados, no que se refere a identificar o que os mesmos acham sobre qual dos atores sociais dos distintos setores deve ser o responsável pelo cuidado ao meio ambiente do depoimento do entrevistado 1:

É obrigação e um dever de toda a sociedade, dos órgãos governamentais, das empresas [...] através da responsabilidade social [...] investir nessa área de meio ambiente de educação de melhoria social esse é até um princípio da constituição federal que garante o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado para todos os cidadãos. Faz o acréscimo de que essa responsabilidade incumbe um dever do poder público [...] dos órgãos governamentais e de toda a sociedade [...] preservar o meio ambiente [...] é um dever de uma ação conjunta entre os órgãos governamentais, da contribuição da empresa privada.

Para o entrevistado 2: *“a responsabilidade é da coletividade em geral [...] de todos, o governo, as empresas e a sociedade, o 1º, o 2º e o 3º setor [...] é de todos nós, inclusive de cobrar do governo aquele trabalho”*.

Os dois entrevistados manifestaram que os três setores são responsáveis pelo meio ambiente e para esclarecer qual o grau de participação ou envolvimento de cada um deles. O entrevistado 1 manifestou que: *“principalmente da organização da sociedade civil que também está participando nessa”*. O entrevistado 2 manifestou que: *“o poder público tem uma responsabilidade maior por ele ser o gestor fundamental dos recursos naturais, principalmente o governo que cuida em todos os níveis, tanto municipal, estadual e federal. É ele que tem a responsabilidade de abrir o espaço da gestão para a sociedade. Então o governo tem prioritariamente o poder de polícia também então o governo tem prioritariamente essa obrigação”*.

Da informação analisada, ao fazer um elo inicial com a tipologia construída por Eduardo Viola do “multissetorialismo complexo“, a organização APRENDER encaixa-se dentro do ambientalismo do tipo *stricto sensu* por sua orientação de ação para o meio ambiente e ter passado de uma etapa inicial de voluntarismo para a profissionalização, mas também pelo fato de estar constituída como uma organização não governamental poderia ser considerada no perfil de sócio-ambientalismo.

Também identifica-se que os responsáveis pelo cuidado do meio ambiente são: o governo, as empresas e a sociedade civil. A maior magnitude corresponde ao governo e é responsabilidade da coletividade exigir do governo que cumpra com sua função. Isto é, dentro do cenário social de atuação, a organização tem um papel que a identifica com atividades do 3º setor, e não se identifica com funções próprias dos outros dois setores. Entende-se que ela concretiza um ideal através da institucionalização e sobretudo nasce por uma vocação de serviço à comunidade. Mas há um fato a assinalar nessas declarações, quando os entrevistados manifestam que o Estado teria *“a responsabilidade de abrir o espaço da gestão para a sociedade”* e o grau de envolvimento é *“principalmente da organização da sociedade civil que está participando nessa”*, poderia ser interpretado como um sinal de questionamento e tentar assumir funções próprias do 1º setor.

4.1.2.2 Visão do mundo (ética ecológica)

Desde a abordagem da ética ecológica, busca-se conhecer qual é a posição sobre a problemática ambiental por parte dos membros entrevistados.

Na relação homem – natureza, **deveria ser** para o entrevistado 1: “*o homem é integrado à natureza faz parte do grande ecossistema, é uma visão que seria biocentrismo, ecocentrismo*”. O entrevistado 2 expressou: “*ser [...] partidário do biocentrismo. [...] Por a compreensão que se tem da relação dos seres vivos que todos dependem da sobrevivência do outro então [...] basta saber de que [...] exista essa interdependência*”.

A relação homem-natureza é muito diferente desta posição do **deveria ser**. Segundo os entrevistados, hoje o ser humano está longe de acreditar e sobretudo pôr em prática as mesmas idéias, pois a sociedade é muito antropocêntrica, como manifestou o entrevistado 1: “[o princípio do biocentrismo] *não é o que rege na sociedade como um todo, regem outros princípios é isso que a gente procura tentar mostrar com as atividades de educação ambiental mudar esses valores*”. O entrevistado 2 teve um parecer similar, porque ele achou que a visão atual: “*com certeza [...] é totalmente antropocêntrica*”.

Foi também importante desvendar se o pensamento dos entrevistados tem de alguma maneira reflexo na organização. O entrevistado 1 comentou: “*a gente faz parte de todo e esse é um princípio da organização também por entanto não é o que rege na sociedade como um todo, regem outros princípios é isso que a gente procura tentar mostrar com as atividades de educação ambiental mudar esses valores*”. E o comentário do outro membro, demonstrou que a organização é homogênea porque compartilha os mesmos princípios. O entrevistado 2 expressou:

Os princípios que APRENDER tem são basicamente os princípios de parceria, de cooperação, de integração, que são baseados nos princípios da ecologia que o Capra define então a gente tem de ser baseado em organizações naturais para trabalhar com as organizações humanas então nesse novo paradigma que em vez da competição há cooperação, em vez daquela rigidez há flexibilidade, então todos esses princípios a gente tenta botar em nosso dia a dia. Claro que não é fácil é porque a final de contas a gente também é humana e temos que evoluir.

Na relação homem - sociedade, para o entrevistado 1: “*estão prevalecendo os*

direitos do indivíduo em detrimento aos da coletividade”. Mas o que ele acredita é que: *“primeiro tem que priorizar os valores da comunidade, os direitos coletivos serem priorizados em relação ao direito individual, mas na prática a gente vê o contrário é o indivíduo quem está no primeiro lugar”.* Para o entrevistado 2:

Toda a doutrina jurídica do Brasil a própria constituição ela tem o princípio da supremacia do interesse público pelo interesse privado [e na realidade o que acontece] é que [...] o interesse privado muitas vezes [...] sobressai ao interesse público tal porque o público, a comunidade, não tem conhecimento para defender seu interesse; as vezes algumas organizações privadas que tem poder econômico podem manipular o conhecimento e acabam tendo seu interesse privado prevalecendo. E não teria que ser assim.

Na relação homem-natureza, os entrevistados acreditam no princípio de Inclusão sendo expressado no Biocentrismo, considerando a existência de uma interligação do homem com a natureza como parte de um todo. Este princípio é também refletido na organização APRENDER, a qual assume-se como o construto real desse pensamento.

Na relação homem-sociedade identificou-se também o princípio de Inclusão, manifestado através da preocupação com a priorização dos valores da comunidade, dos direitos coletivos sobre os interesses individuais.

Fazendo um cruzamento destes dois princípios de Inclusão obtidos sob óticas diferentes, conclui-se que a categoria na qual encaixam é delta. Idéia esta reforçada pelo princípio de parceria e cooperação expresso tanto no estatuto, como na opinião dos entrevistados, isto é, precisa de ajuda externa para poder projetar-se na realidade.

Como um tipo psicológico, seria o tipo da intuição porque antepõe o dever ser, isto é, tenta restituir ou colocar novos valores aos já existentes.

Fica estabelecido uma posição com a linha do pensamento ecocentrista e/ou antropocentrista, mediante a identificação com as possíveis alternativas propostas para reduzir ou incrementar o risco de crise ambiental pelas múltiplas correntes do ambientalismo, através da visão dos membros entrevistados.

a) O entrevistado 1 não tinha um conhecimento específico sobre o que significava “tecnologias de pequena escala”, sendo a ele fornecido um exemplo simples para esclarecer um pouco a idéia. No caso do entrevistado 2 sua opinião foi similar.

b) Diante da “limitação do crescimento populacional”, o entrevistado 1

comentou: “A explosão demográfica é o principal problema ambiental que a gente tem, enquanto mais gente tiver mais demanda de consumo, de recursos naturais vai ter. Por outro lado é mais uma oportunidade de mercado, mercado é interessante quanto mais seres humanos”. O entrevistado 2 expressou que: “o aumento populacional gera consumo, gera necessidade de habitação, energia elétrica; quanto mais pessoas no mundo, mais recursos naturais vão ser necessários, quanto menos pessoas no mundo a gente vai precisar usar menos recursos naturais”.

O controle populacional teria um impacto positivo no uso dos recursos naturais, significando menos agressão à natureza. Essa é uma característica da vertente da ecologia profunda e de um ponto de vista político seria identificado com a corrente dos neomalthusianos.

c) Sobre uma “subordinação da sociedade humana às leis da natureza” o entrevistado 1 manifestou: “Acho que as coisas teriam um ciclo mais natural, o desenvolvimento do ser humano seria dentro de outro contexto. Mudaríamos nossa visão antropocêntrica para uma visão biocêntrica”. O entrevistado 2 opinou que: “a verdadeira lei teria que ser a natureza, se a gente observa-se a lei da natureza com certeza se reduz”.

Uma valorização da natureza distinta à atual é o que se observa com o respeito e com a submissão da sociedade à natureza, sendo esta uma outra característica da ecologia profunda.

d) Sobre “ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes” o entrevistado 1 opinou que: “modificar os padrões individualmente não se tem muito resultado mas se vários indivíduos começarem a mudar seus padrões acho que reduz”. Para o entrevistado 2: “Se cada cidadão se conscientizar que não deve pegar alimento transgênico, que deve pegar um alimento com menor número de embalagem possível, usar plástico a papel, separar o lixo em casa, todas essas atitudes [...] vai radiar num resultado muito maior.”

São características da corrente dos verdes, ter atitudes próprias, iniciativa e fazer a sua parte para com a natureza.

e) Sobre a alternativa de ter um “controle da economia pelo Estado” pertencente à corrente do marxismo, o entrevistado 1 expressou: “Se o Estado começar a colocar novas diretrizes de diminuição de consumo, de racionalização de uso de recursos, de limitação, de repente colocar o estabelecimento de quotas, de repente em um futuro próximo a gente vai

precisar essa intervenção do Estado, como por exemplo no uso da água, racionamento de energia". Nesse sentido, esse controle é para colocar diretrizes que vão além da economia tradicional, porque os recursos naturais como a água, com o tempo vai ter um preço pelo que significa e não pelo serviço de traslado como é atualmente. Depoimento que mostra uma característica do ambientalismo moderado. E que não foi corroborado pelo entrevistado 2 que colocou: *"hoje na verdade o Estado tem um certo controle mas também acho que não da por ai, acho que não é o Estado controlando o mercado controlando tudo sozinho acho que tem que mudar tudo o paradigma da sociedade mesmo não é só um controle de um, um controle do outro"*.

f) Sobre se um "livre mercado sem participação estatal" seria uma alternativa, o entrevistado 1 expressou: *"o Estado apesar de suas precariedades, de suas dificuldades para funcionar ainda é um instrumento regulador, se tu deixa o mercado livre ai vira um caos, não tem solução"*. E para o entrevistado 2: *"só analisando bem, mas em princípio nem sempre quando a gente teve um Estado liberal mesmo teve crise ambiental então não vai ser agora que vai reduzir"*.

Esta alternativa é uma das principais características dos cornucopianos. Para eles é o mercado quem manda, e é ele que conseguirá solucionar os problemas ambientais. Esta corrente também acredita num bem-estar, consequência desse livre mercado, mas como o entrevistado 1 manifestou é:

para uma minoria, porque são princípios equivocados e injustos [...] princípios que o mercado impõe que é a competição, dominação, quantidade, são princípios que são insustentáveis não tem como viabilizar esses benefícios que o mercado prega para toda a sociedade enquanto uns ganham muito ganham as custas de muita mais gente que não tem benefícios e isso tudo os valores que deveriam reger a cooperação, integração, parceria, os benefícios disso tudo poderiam ser socializados para toda a coletividade.

E o entrevistado 2 corroborou:

o desenvolvimento do livre mercado seria o liberalismo econômico, a verdade se a gente for acompanhar a historia de um estado liberal ate hoje não deu certo mas em termos de cuidado social etc, até porque visa muito o paradigma econômico, bota o paradigma econômico em primeiro lugar e na verdade não é assim que tem que ser numa questão de biocentrismo é o paradigma ecológico é que tem que ser

superior a isso daí, o estado liberal não tem contribuído para que o paradigma ecológico sobressaia ao econômico, então acho que não esta funcionando não.

g) Em referência ao uso de “tecnologias limpas ou verdes” o entrevistado 1 opinou que: *“em principio reduz mas tem ai muito marketing”*. E para o entrevistado 2: *“Se for uma tecnologia limpa séria, porque às vezes tem tecnologia limpa que acabam criando com os componentes, como por exemplo a constituição das placas para captar a energia solar às vezes podem ter componentes que são resíduos perigosos [como] um metal pesado essa tecnologia tem que ser realmente limpa”*.

É também uma característica dos cornucopianos acreditar que a tecnologia vai solucionar todos os problemas ambientais, mas em menor grau essa posição é compartilhada com a corrente do ambientalismo moderado e dos verdes. Os entrevistados tem suas dúvidas sobre esta tecnologia chamada de limpa. Um deles considera uma influência dos mecanismos do mercado para o consumo como o marketing, o outro acha que seria uma tecnologia limpa, só se ela fosse séria. Então não poderíamos considerar que esse pensamento esteja encaixado em alguma das correntes mencionadas.

h) Sobre uma “orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis” seria uma alternativa, o entrevistado 1 opinou: *“Têm que reduzir. O problema está na escala de consumo, disso ai mas é importante que se tenha outras fontes alternativas de energia”*. E o entrevistado 2 manifestou que: *“é um bom caminho se a gente conseguir gerar energia de uma maneira mais ambientalmente correta”*.

Esta alternativa é uma característica dos verdes, que acreditam numa busca de fontes alternativas de energia às atuais e faz parte de uma sustentabilidade. Os dois entrevistados consideram que é um outro caminho, mas não é o prioritário.

i) Diante da colocação do princípio básico da corrente da ecologia profunda de um “retorno à natureza selvagem” e sua realização, o entrevistado 1 considerou-a como: *“uma utopia [porque] o ser humano está condicionado seu habitat é a cidade. Só se fosse uma mudança radical”*. E o entrevistado 2 opinou: *“é uma utopia. O ser humano não sobrevive num estado natural, não tem condições”*.

j) Se a sociedade atual se visse impelida a conformar “comunidades auto-suficientes”, isto refletiria segundo o entrevistado 1 como: *“padrões de vida de consumo em menor escala de forma auto sustentável [dos quais] não sei se daria certo, mas acho que seria*

interessante". E para o entrevistado 2: "*acho que é uma das grandes saídas, trabalho com agricultura de subsistência, com condomínios bem planejados [...] Sem influência do mercado e do Estado*".

Este também é outro princípio da corrente da ecologia profunda, construir uma sociedade distinta da atual. Só que seria preciso avaliar os resultados dessas experiências e que poderiam ser refletidos em toda sociedade. Interpreta-se da opinião dos entrevistados que a consideram boa, mas não há uma grande identificação com esta corrente.

k) Ao fazer um questionamento à estrutura do atual modelo de desenvolvimento que é o capitalismo, com a alternativa "mudança das relações capitalistas de produção" o entrevistado 1 opinou que: "*reduz o nível de consumo, reduz as escalas de distribuição, acho que modificar os princípios de capitalismo seria a coisa mais justa, mais eqüitativa, mais equilibrada acho que beneficiaria mais a coletividade*". E para o entrevistado 2: "*é fundamental isso, porque bota ai um ícone do Estado capitalista como o Estado norte americano. O consumo deles, se todo o mundo for consumir como eles consomem, vai precisar de alguns planetas. Se todo o mundo seguir aquele padrão aí acaba*".

É o marxismo que declara que as atuais relações de produção sob um modelo capitalista têm de mudar. Para os entrevistados modificar esse padrão seria fundamental e beneficiaria toda coletividade. Mas, por isso não seriam considerados de marxistas, pois o marxismo coloca-se dentro da visão antropocêntrica, distinta da visão ecocêntrica dos entrevistados.

l) E colocando o outro modelo tradicional, alternativo ao capitalismo como a alternativa de uma "revolução socialista" do depoimento do entrevistado 1: "*No Brasil [...] as mudanças pregadas pelo socialismo, acho que não estão preparadas para América Latina. Muita gente não gostaria de dividir aquilo que já conquistou*". Para o entrevistado 2: "*não influenciaria muito porque se a gente for observar os Estados socialistas lá da época da guerra fria, eles também foram grandes degradadores. Chernobyl a gente vê que é o modelo da Rússia totalmente antiecológico*".

Esta outra alternativa pertencente ao marxismo não teve eco nas entrevistas. Os entrevistados acharam que aquele modelo como um possível substituto ao atual, não deu certo nos lugares onde foi levado à prática. Mesmo assim, tentar aplicar esse modelo em nosso continente poderia levar a uma série de conflitos pela idiosincrasia da população local. Um dos entrevistados exemplificou o que é considerado causa de crise ambiental: ter em

andamento um modelo totalmente antiecológico.

m) Uma influência muito forte da crise ambiental provém dos níveis de desenvolvimento atingidos pela espécie humana. Sobre “frear o desenvolvimento tecnológico”, o entrevistado 1 considerou que: *“depende para o rumo que esse desenvolvimento está sendo direcionado [e] depende da ética de quem está promovendo esse desenvolvimento”*. Também de que “frear o desenvolvimento econômico”, seria viável porque: *“o atual é extremamente insustentável [...] e mudar um pouco os princípios”*.

O entrevistado 2 corroborou que: *“não é frear o desenvolvimento tecnológico, é ordenar o desenvolvimento tecnológico baseados numa ética”*; e que o desenvolvimento econômico: *“é a grande equação que esta posta no mundo hoje em dia, desenvolvimento econômico, conservação do meio ambiente [...] realmente buscar aquele desenvolvimento tecnológico com uma ética e desenvolver a nossa sociedade de uma maneira mais planejada e com mais participação a gente pode atingir um desenvolvimento econômico com conservação dos ecossistemas”*.

Nesse sentido, esta tecnologia teria de ser desenvolvida para garantir a sobrevivência dos ecossistemas, na opinião do entrevistado 1: *“se forem bem utilizados sim, com princípios éticos se forem utilizados em prol da coletividade eu acredito que sim [...] temos aí o exemplo da biotecnologia [...] se isso aí for canalizado em prol da coletividade eu acho que podem garantir a perpetuidade da biodiversidade. Agora se for canalizado em prol de alguns interesses mais econômicos de monopolização de patentes isso aí eu acho que só vai ter sobre-exploração e vai gerar benefícios para poucos”*. E para o entrevistado 2: *“depende o que você avalia como avanço da tecnologia [...] Eu acho assim tem que se colocar muito a tecnologia ao lado da ética, o problema é que o avanço tecnológico se dissociou de uma ética então não dá para desenvolver tecnologia sem ter um padrão ético entendeu”*.

Os homens tem a capacidade endógena de aprender. Um dos topos do aprendizado é o desenvolvimento da tecnologia, que no início surgiu para resolver as necessidades básicas humanas como alimento e abrigo, mas com o passar do tempo o princípio inicial de tecnologia foi deturpado para favorecer um conseqüente desenvolvimento econômico. Os entrevistados consideram que frear o desenvolvimento tecnológico e/ou desenvolvimento econômico não seria a solução, mas que depende mais da ética de quem está comandando este desenvolvimento, para o rumo que ela possa traçar.

n) “Desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural”, seria ideal conforme o depoimento do entrevistado 1 porque: *“tu vai manter o funcionamento e o equilíbrio do ecossistema”*. E para o entrevistado 2: *“é o ideal, se tem que desenvolver significa desembrulhar. No momento que tu estas desenvolvendo tu estas tirando em volta de uma coisa, então não pode tirar dos ambientes mais necessários”*.

Esta característica é própria da corrente conservacionista, a qual não é contra o desenvolvimento sempre e quando ele seja responsável, racionalmente ambiental e respeite as características essenciais do habitat natural.

o) Há um fator social considerado muito importante que é a “redução significativa dos níveis de pobreza”, sobre ele, o entrevistado 1 opinou: *“a pobreza eu acho que é um dos principais impactos negativos à natureza, a pobreza expõe em principio uma ignorância, uma falta de informação, de desconhecimento das coisas, acaba tornando as pessoas um pouco selvagens para lutar pela sua sobrevivência”*. Para o entrevistado 2: *“tem que eliminar a pobreza também desenvolvimento econômico não é esse paradigma que tem hoje de desenvolvimento econômico que beneficia a uma meia dúzia. Tem que ser esse desenvolvimento econômico para a sociedade inteira [...] A pobreza também contribui para a devastação dos ecossistemas”*.

Os marxistas baseiam-se na distribuição do lucro gerado (a riqueza) entre os trabalhadores, com o conseqüente lógico de eliminar a pobreza, próprio de classes menos favorecidas. A corrente marxista reivindica uma igualdade de classes. Os entrevistados consideram que acabar com a pobreza é fundamental porque é ela um dos principais fatores dos impactos ambientais negativos a natureza. E aliás, essa pobreza vem junto com uma falta de educação. O indivíduo perde a valorização subjetiva dos elementos do ambiente natural e só tem uma valorização objetiva para um uso imediatismo dos mesmos, sem se preocupar com as conseqüências de seus atos para o futuro.

p) Sobre o “cuidado da biodiversidade”, para o entrevistado 1: *“de certa forma [...] vai conseguir garantir o equilíbrio do ecossistema todo, o equilíbrio do clima [...] evita a degradação ambiental, evita os efeitos maiores da poluição”*. E o entrevistado 2 considerou que: *“a crise ambiental é a degradação da biodiversidade”*.

Este princípio é um dos fundamentos da corrente da ecologia profunda, um cuidado com a vida independentemente se ela tem um valor utilitário para o homem. A vida é valiosa por si só.

q) Com respeito a “Mudança da ideologia de crescimento atual”, o entrevistado 1 considerou que: *“Os princípios que regem são insustentáveis, modificar um pouco a ideologia do desenvolvimento [também vai] depender para que rumo [...] modificar. [Significando esta ação] uma ruptura com nosso atual modelo, acredito que esse é o caminho, há muitos que não aceitam”*. E o entrevistado 2 especificou que: *“Se for para melhor, com certeza reduz porque a mudança pode ser para pior”*.

Finalmente, outro dos postulados da ecologia profunda, pressupõe uma mudança ideológica, na qual há de privilegiar-se a qualidade de vida, muito mais do que ter um padrão de vida mais alto. Isto é, o que o homem considera um ícone do progresso e crescimento. Para o entrevistado 1 esta mudança depende para qual rumo irá tomar, porque como corroborou o entrevistado 2, poderia ser para piorar as coisas.

Pela linha do pensamento ecocentrista, os dois entrevistados com tênues diferenças expressam que, a princípio tem que se respeitar os ciclos naturais (ou leis da natureza) sobre o desejo humano. Que temos que atuar como indivíduos que promovem mudanças e pensar que uma única pessoa não consegue muito, mas muitas delas conseguem refletir o efeito de suas ações, o que considera-se que cada um faça a sua parte. Que as fontes de energia atuais poluidoras como os combustíveis fósseis não renováveis tem que ser mudados para fontes que sejam menos poluidoras, menos agressivas ao meio ambiente natural e sejam renováveis; e que é uma utopia acreditar numa volta ao passado, pois o caminho dos homens já está percorrido. Além de ser ele mesmo condicionado a considerar que sem as tecnologias modernas não poderia sobreviver e que construa-se sociedades com uma estrutura distinta da atual, seria uma escolha que não se tem certeza se é certa ou errada, mas que vale a pena tentar e arriscar. E sobretudo, uma valorização da vida muito distinta à vida atrelada aos interesses humanos como o econômico ou reconhecimento social é fundamental e que para isso ocorrer é preciso uma mudança nos valores da sociedade humana.

Referente à linha do pensamento antropocentrista, os dois entrevistados também consideram que a pobreza deve ser eliminada. O que há de ser feito para a existência de uma sociedade justa, solidária e fraterna é uma mudança nas bases do atual modelo de desenvolvimento, isto é, levantar um questionamento da mesma estrutura do sistema no qual a organização APRENDER, conjuntamente com seus membros está inserida. Propor modelos de desenvolvimento distintos aos já experimentados em outros períodos e lugares e que não deram certo. Que a tecnologia tem de ser cuidadosamente aplicada quando trata-se de intervir

nos processos naturais, seja ela em menor, média ou grande escala e um desenvolvimento tecnológico e econômico seja baseado numa ética com valores muito distintos dos atuais que submetem-se aos de mercado. O Estado como instituição tem seus limites e deficiências, ainda considera-se um ente regulador das relações do 2º setor com os demais atores sociais e no futuro pode tornar-se o gestor do sistema de quotas sobre o uso dos recursos naturais e que uma limitação do crescimento populacional é necessária para um menor consumo dos recursos naturais.

E sob a ótica da corrente conservacionista consideram que poderia se desenvolver, mas considerando, em primeiro lugar, as condições básicas que fazem um ecossistema natural seguir funcionando.

Desde o ponto de vista do pensamento ecocentrista, os entrevistados têm uma visão de mundo (ética ecológica) sobre o que deveria ser e o que é. Sobre **o que deveria ser**, pelas características poderiam ser considerados dentro de uma corrente da ecologia profunda, mas também fazendo parte da corrente dos verdes. São conseqüentes sem tendências radicais em relação à justiça social, o que lhes confere um tom marxista, porque demonstram ter sensibilidade para com a necessidade da comunidade, do semelhante. Sobre **o que é**, eles questionam os tecnocentristas que acreditam numa tecnologia e um livre mercado para garantir nossa sobrevivência e para o funcionamento da sociedade.

Dessas sínteses, identifica-se que os membros entrevistados da organização APRENDER, tem uma visão de mundo (ética ecológica) ecocêntrica geral.

4.1.2.3 Valores Individualistas/Práticos

Nesta dimensão procura-se identificar como os membros avaliam seu desempenho dentro da organização APRENDER e em que termos ele é mensurado. O entrevistado 1 expressou que:

primeiramente o retorno é pessoal [...] conseguir dar sua contribuição para a preservação do meio ambiente, pela melhoria da qualidade de vida e também conciliar a sua atividade profissional realizando uma atividade que tem prazer de fazer aquilo que tu gostas, tu realmente faz então isso num inicio é o maior retorno, satisfação de trabalhar com uma coisa importante como é a causa ambiental de preservar a

natureza melhorar a qualidade de vida e também um retorno que tu procura conseguir fazer aquilo que tu gostas de fazer profissionalmente, e aí um segundo momento que é bem recente nos quatro anos da história da Ong especialmente no último ano é que alguns profissionais ligados à Ong já conseguem receber algum tipo de remuneração por trabalharem lá porque anteriormente o trabalho era totalmente voluntário. [...] mas com o objetivo de tornar-se profissional o trabalho sempre foi profissional.

Para o entrevistado 2 também: “*retorno pessoal com certeza dá bastante [...] atualmente não dá retorno financeiro para todos os membros só para alguns que estão trabalhando em projetos que tem dinheiro, tem outros projetos que não tem dinheiro então se trabalha voluntariamente*”.

Este reconhecimento pessoal, de satisfação por desenvolver uma atividade que em primeiro lugar é avaliada não por resultados econômicos, mas por contribuir com uma causa na qual acredita-se por parte dos membros entrevistados, não perde sua valorização intrínseca pelo fato de receber uma remuneração.

Do conteúdo das entrevistas, não são todos os membros que desempenham trabalho assalariado. Existem dois tipos de trabalho: um que é remunerado e um outro que é voluntário. A remuneração depende do tipo dos projetos nos quais os profissionais estejam envolvidos.

4.1.3 Práxis

Nesta categoria, através da dimensão da estratégia de ação se vai esclarecer como o pensamento dos membros entrevistados é refletido na prática.

4.1.3.1 Estratégia de ação

Para avaliar esta dimensão considerou-se os indicadores de: planejamento de ações, a diversificação de objetivos, viabilidade do projeto, a realização das parcerias, autonomia, e comunicação.

Num primeiro momento busca-se observar a organização como uma extensão

real das correntes do ambientalismo, verificando como ela planifica algumas ações concretas e como as realiza.

O entrevistado 1 informou que eles tentam definir um tipo de planejamento:

Tem um tipo de planejamento [...] primeiramente definir a visão e a missão [...] para ter um foco um objetivo maior [...] a gente procura estabelecer para menos a curto prazo assim algum planejamento de como vão ser realizadas as ações, que tipo de projetos a gente vai desenvolver ou como nos vamos realizar determinados tipos de ações. Ainda falta um planejamento em escala mais ampla assim um planejamento a um longo e meio prazo que ainda [...] não tem isso muito definido [...] uma característica que apesar de não ter esse planejamento as coisas elas só vão indo vão acontecendo vão surgindo oportunidades, projetos, as coisas vão se encaixando e a gente vai mais ou menos nessa naturalidade também, então pelo menos até agora não regem num principio assim de muita padronização, de planejamento, uma visão a gente tem mais uma flexibilidade assim bem ampla de se adaptando conforme vão surgindo essas situações.

Para o entrevistado 2 o planejamento com que contam: “[é] só um planejamento de comunicação, um plano de comunicação [...] foi desenvolvido pelas ações publicas de diagnóstico da organização, e depois temos um plano de comunicação mesmo para o público externo e para o público interno”. Sobre se desenvolvem as coisas conforme elas apresentam-se, manifestou: “a verdade dentro de nosso planejamento a gente vai trabalhar com Unidades de Conservação e educação que é a maneira que a gente acha que vai poder colaborar mais com a sociedade”.

Observa-se que as ações da organização APRENDER, mesmo que não sejam planificadas tendem a se enquadrar dentro da missão e visão pré-estabelecidas. Logo, a organização mesmo que não tenha um plano de trabalho pré-estabelecido, consegue estabelecer planos de trabalho para os projetos conforme estes vão surgindo, como ambos entrevistados relataram. A organização tem metas para atingir e encaminham seus esforços nesta direção.

Além do cuidado e preservação do meio ambiente, a organização busca atingir outros objetivos conforme o depoimento do entrevistado 1:

ela tem um caráter ambientalista, educativo, cultural e esportivo; desenvolver ações nessas quatro linhas de trabalho, de preferência

interligados [...] a gente procura colocar em prática os princípios da educação ambiental que é da interdisciplinaridade, a questão da visão sistêmica, da parte holística, da inter-relação do homem com a natureza, todos esse princípios mas a gente tem bastante ações pontuais de educação ambiental, ações de divulgação, de informação, de mobilização da sociedade e agora com o passar do tempo a gente está amadurecendo. Há um projeto de longo prazo, um projeto educativo linkando tudo aí. Tem projetos também ligando o esporte com o meio ambiente como é o caso do surf que todos os membros da ong praticam é um projeto vinculando o surf com a preservação do meio ambiente. E por enquanto é só o surf.

E o entrevistado 2 comentou que: *“tem como objetivos esportivos, culturais e científicos. A verdade todo assim tem um foco quanto esportivo, quanto científico, e quanto cultural é voltado para a questão ambiental. Por exemplo: o esportivo ele trabalha com o surf mas tentamos de relacionar com o meio ambiente, e científico também as pesquisas científicas que a gente faz aqui é em relação à questão ambiental e cultural também, cultura faz parte da questão ambiental”*.

Observa-se que o cuidado com o meio ambiente natural não é o único objetivo que os membros da organização buscam atingir. Também há um objetivo educativo, cultural e esportivo, mas todos eles voltados e interligados ao meio ambiente. Isto é, integrar o fator humano à natureza.

Sobre a escolha de projetos para serem realizados, eles manifestaram que em primeiro lugar, tem que se enquadrar nos princípios da organização, logo, podem dar continuidade algum projeto inicial. Também esta situação de escolher ou não um projeto está estreitamente ligado às parcerias.

Conforme relatou o entrevistado 1 um projeto realizado com sucesso pode significar que: *“já com uns resultados realizados começam a surgir novas oportunidades, novos projetos, coisas maiores para desenvolver então nesse sentido a coisa vai tomando um outro rumo”*. Assim para efetivar um projeto, vem uma parceria, em relação a isto o entrevistado 1 expressou que:

a gente tem algumas parcerias aqui por exemplo na Reserva do Arvoredo a gente tem uma parceria com o IBAMA e com a Petrobrás, então é um convênio entre a Aprender, o IBAMA, e a Petrobrás. A Petrobrás reparte recursos para a reserva só que ela repassa recursos para a ong, e a ong administra junto com o IBAMA para ajudar a funcionar. A real é que alguns projetos de educação

ambiental são financiados pela Petrobrás e toda a estrutura que a reserva precisa para funcionar uma parte dela é financiada pela Petrobrás então a gente trabalha conjuntamente aí outras ações outros projetos a gente tem parcerias com universidades ou com prefeituras geralmente o governo não dispõe de dinheiro não coloca recursos financeiros aí.

Para o entrevistado 2 a situação dos projetos é que:

estamos trabalhando basicamente com dois projetos [...] o surf em Unidades de Conservação e o projeto Arvoredo [...] a gente tem parceria aí com ONG's locais, com IBAMA, a Fundação de Meio Ambiente do Ministério de Meio Ambiente, Capitania de Porto, Polícia Ambiental, Capitania de Porto da Marinha, Associação catarinense do surf universitário, Federação catarinense do surf. [e é] fundamental para o projeto [que essas alianças nasçam] é um princípio que se tem que é um princípio de parceria, um princípio de cooperação, sempre busca estar unindo esforços para fortalecer os projetos.

Dessas declarações, entende-se que um projeto para ser alavancado precisa de parceiros, mesmo que não tenham um apoio financeiro, pois é preciso trabalhar em conjunto para atingir as metas propostas.

A autonomia busca identificar algum tipo de pressão externa ao funcionamento normal da organização veiculado através das parcerias. Para o entrevistado 1 diante da questão de se o(s) parceiro(s) exerce(m) algum tipo de interferência no funcionamento da organização, respondeu:

Não, nenhum. Tem um princípio da autonomia e da independência apesar de ser [...] um convênio de ter uma relação de três instituições distintas cada uma tem a sua autonomia, sua independência, sua maneira de funcionar de alguma forma nunca teve nenhum tipo de interferência dentro da organização mesma os princípios a maneira de tomar uma decisão. A gente sempre teve essa autonomia, essa independência. Mas de que tem observações por conta dos outros parceiros quando se assinam os convênios [...] Tem algumas restrições quando é projetos com recursos do órgão governamental geralmente já tem algumas cláusulas que são impostas porque são determinações legais [...] que influencia na parte administrativa como tu vai gerenciar o recurso, a forma que tu vai fazer a prestação de contas isso já tem um padrão legal que é definir como tu tem que fazer isso aí se tu não cumprir uma dessas regras tu esta interferindo

a lei.

O entrevistado 2 diante da mesma questão comentou:

Olha acaba influenciando sim [por exemplo] quando um parceiro como o Fundo Nacional de Meio Ambiente pede, a gente manda um projeto a gente tem que mandar o projeto na linha que ele pediu então vai ter que adaptar a organização àquele edital que esta saindo do Fundo, o IBAMA que era parceiro num projeto mas a linha dele de projeto é de um jeito, a gente quiser a parceria dele vai ter que trabalhar daquele jeito claro que com uma certa flexibilidade. [mas] com certeza tu tem que estar dentro dos objetivos, dos princípios da organização [se a parceria excedesse os limites] Ai a gente desiste da parceria. Tranqüilamente.

Dessa característica entende-se que os parceiros dos projetos exercem algum tipo de influência no funcionamento da organização, e ela é aceita e permitida, desde que não exceda os limites dos objetivos e os princípios contidos na missão da mesma. Aqui se manifestam, em ambas declarações dos entrevistados, uma influência externa que provém de parte do 1º setor, apresentada sob a forma dos órgãos governamentais como por exemplo o IBAMA. A presença do Estado torna-se uma constante como fiscalizador. Compreende-se que a organização não é totalmente autônoma, ela tem de negociar perante os possíveis parceiros, os termos dos acordos para efetivar os projetos que deseja realizar. O importante é ressaltar que a organização permite uma flexibilidade até onde os limites da missão abrangem, com isto ela não perde a essência com que nasceu.

A comunicação busca divulgar as ações da organização tanto externa como internamente. Os resultados das ações da organização APRENDER são veiculadas através de relatórios que são entregues aos usuários de maneira formal e informalmente. Formalmente, através dos relatórios para os parceiros dos projetos quando eles assim o solicitam. Como relatou o entrevistado 1:

A gente tem bastante coisa registrada. A gente procura manter uma organização nesse sentido de deixar registrado o que foi feito, como uma memória histórica da organização, das nossas realizações, de nossos objetivos, que foram atingidos e a gente procura de certa forma deixar isso acessível a todos através do site, através de acesso aos documentos, mas ainda não teve tipo reuniões periódicas para apresentar um resultado final, até uma coisa a gente está planejando

para fazer. A partir deste ano um encerramento de uma avaliação do ano que passou de apresentação do que foi feito e depois dar continuidade. Formalmente não [é apresentado um relatório aos membros da organização, mas informalmente] esta a disposição, fica sabendo através de relatos informais, de reuniões [...] mas ela fica mais reduzida a um grupo pequeno da organização não é todos que têm esse acesso [...] mas assim o dia a dia do desenvolvimento fica mais na informalidade.

Para o entrevistado 2 os relatórios são apresentados: “*Sempre, e geralmente para os parceiros. Alguns parceiros exigem, neles encaminham um modelo padrão. E outros não. Tamos tentando, não sei se vai dar para fazer em janeiro o nosso balanço social de 2004 e a gente quer divulgar para a sociedade. Inclusive é uma das estratégias de comunicação. E [...] esta faltando [...] algum tipo de relatório interno [mas qualquer membro se quiser pôde ter acesso à informação] Tranqüilo. [...] A gente tem característica de dar publicidade a tudo o que a gente faz*”.

Para os membros da organização é importante divulgar o resultado de suas ações e promover o conhecimento dos resultados da gestão, isto é, via relatórios. Aqui observa-se que esse informes vem sendo elaborados e circulados para o exterior, somente pela solicitação do parceiro e quando os termos do acordo o exigem, fora isso, os canais de comunicação interno são muito informais e os resultados das ações são conhecidos através da solicitação da parte interessada.

4.2 INSTITUTO AMBIENTAL RATONES – IAR

4.2.1 Histórico

O IAR nasceu em 1998 com o objetivo de unir uma equipe multidisciplinar para desenvolver ações de gestão que buscam a união do saber científico e local. Nasceu no norte da Ilha de Santa Catarina na bacia hidrográfica do Rio Ratonés. Daí provém o nome, **Ratonés**, rio de boca pequena, no idioma tupi-guarani.

É uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP sem fins lucrativos, que conta atualmente com um grupo de colaboradores profissionais em número de trinta e nove, pertencentes a diversas áreas: agrônomos, arquitetos, geógrafos, engenheiros, biólogos, educadores, ambientalistas, escritores, artistas plásticos e lideranças comunitárias, dentre outros. Todos trabalhando sob os objetivos centrais do IAR, que são: preservar os ecossistemas naturais e os sítios de valor histórico e cultural; educar ambientalmente e culturalmente, utilizando como ferramenta o conhecimento da fauna e da flora de cada local, bem como dos aspectos históricos e culturais de cada região; apoiar e desenvolver projetos científicos que venham a contribuir para o conhecimento e proteção da fauna e da flora de cada região bem como incentivar o turismo sustentável; promover e manter intercâmbio com entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais; promover ações que contribuam para a formação da cidadania ambiental utilizando instrumentos participativos.

Os projetos mais representativos da organização estão estruturados por áreas temáticas em: 1) Áreas Protegidas: Projeto Reserva Natural Olandi - Jurerê 1999-2003, Projeto de Formação do Conselho da APA da Baleia Franca - FNMA 2003-2004, Plano de uso do Parque Florestal do Rio Vermelho 2003; 2) Educação Ambiental: Por Dentro da Natureza 2002, Projeto Estrada Parque 2000-2003, Projeto de Educação Ambiental na Unidade de Conservação Ambiental Desterro 2002-2003, Projeto Mar Limpo 2000-2001; 3) Educação e Recuperação Ambiental: H2Jovem - A água como impulso à participação criativa e sensibilização da sociedade catarinense 2004, Projeto de Restauração do Rio Pau do Barco na Ilha de Santa Catarina 2003-2005; 4) Termos de Parceria: Seminário de Restauração de Ecossistemas Costeiros - Intercâmbio entre Brasil e Austrália 2002, Parceria Entre a Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Social e Meio Ambiente – SDS 2003-2004, Elaboração do Plano Estratégico Nacional para colheita de sementes e produção de mudas

para plantio e restauração florestal - MMA /PNF 2003-2004, Projeto de apoio à implantação e manutenção da estrutura institucional para a gestão dos recursos hídricos do estado de Santa Catarina 2004.

Conforme o declarado por um dos membros fundadores o IAR:

Foram três pessoas que criaram o instituto, [...] justamente por aquelas inquietudes de projetos é que a gente viu que poderiam ser feitos na bacia do rio Ratonos primeiramente aqui em Florianópolis de educação ambiental, preservação, ecoturismo, então foi criado para fazer projetos nessa área e desde então conta com trabalho voluntário nosso dos nos três, e fomos agregando pessoas que se identificaram com a missão, a missão do instituto ela é de conservação baseada em técnica e ciência, nos somos uma instituição, uma ONG ambientalista formada por profissionais, cientistas a maioria científicos, gente de universidades, doutores, mestres, técnicos, então a gente fala da área ambiental no nível da nossa área, do que a gente conhece que a gente estudou. Não temos uma veia de ativistas, acreditamos nas ONG's ativistas mas elas têm seu papel e nos o nosso.

Apresenta como características: a estrutura de tomada de decisão dentro do IAR é um processo participativo constante. Legalmente é a diretoria quem responde pela instituição, contudo, todas as decisões são construídas coletivamente com os colaboradores atuantes.

Em dezembro de 2004 quando foi realizado este levantamento de dados, a organização Instituto Ambiental Ratonos – IAR estava passando por um processo de reformatação do modelo diretivo, visando compor uma estrutura que permita a maior descentralização possível, sem contudo, desestabilizar o que já está construído.

4.2.2 Ideologia

A ideologia da organização Instituto Ambiental Ratonos - IAR foi analisada por meio de três dimensões: missão, visão do mundo (ética ecológica), e valores individualistas/práticos.

4.2.2.1. Missão

A missão da organização toma como referencial o interesse ou a motivação para a criação dela e em qual setor do cenário social ela vai desenvolver suas atividades. Procura-se verificar se o interesse evoluiu no longo do tempo e se há existência de algum tipo de identificação com atividades próprias do primeiro ou do segundo setor.

Considera-se estes indicadores para determinar a missão objetiva da organização, porque vai permitir identificar o real interesse para a criação da organização, qual a finalidade e se como organização ambientalista está assumindo funções ou interesses próprios do governo ou do mercado.

Conforme declarou o entrevistado 3 a organização foi criada:

para fazer trabalhos na área de preservação, conservação e educação ambiental [...] por aquelas inquietudes de projetos é que a gente viu que poderiam ser feitos na bacia do rio Ratonos primeiramente aqui em Florianópolis de educação ambiental, preservação, ecoturismo, então foi criado para fazer projetos nessa área [...] a missão do instituto ela é de conservação baseada em técnica e ciência, nos somos uma instituição [...] formada por profissionais, cientistas, a maioria científicos, gente de universidades, doutores, mestres, técnicos, então a gente fala da área ambiental no nível da nossa área [...] Não temos uma veia de ativistas.

O entrevistado 4 relatou: “o que eu sei é que as pessoas que fundaram o instituto estavam desenvolvendo trabalhos, não só trabalhos, mas que estavam envolvidas com questões ambientalistas na comunidade onde que estavam vivendo e que de alguma forma a verdade inclui grande parte de nosso ideário e se diria que esta institucionalizando isso para viabilizar captação de recurso também, e para criar a instituição e as pessoas puderem ter algo que as representassem”.

Pelo relato dos entrevistados, a organização IAR foi criada para desenvolver trabalhos num setor, que na data de sua fundação ainda não contava com os profissionais e técnicos para fazê-lo: o meio ambiente. Esta lacuna foi identificada pelos fundadores, que são pessoas comprometidas com a ciência e técnica. Não são ativistas, são, em primeiro lugar, profissionais da área ambiental. A constituição da organização facilita a captação de recursos e representação dos membros diante da sociedade.

Esses objetivos iniciais de criação da organização não foram mudando conforme

o tempo, o que mudou foi seu raio de abrangência, como comentou o entrevistado 3: “*não [os objetivos não mudaram] nós criamos os horizontes agora a gente não trabalha só na ilha a gente trabalha com projetos a nível nacional em Santa Catarina e temos um intercâmbio com instituições internacionais*”. O entrevistado 4 detalhou que este raio de abrangência:

mudou porque o foco de ação dele se ampliou bastante, porque antes era o norte da ilha a gente agora não está só no norte da ilha, está em tudo Santa Catarina, como está em todo o Brasil. Para Santa Catarina nos temos atualmente um projeto com a Secretaria do Meio Ambiente do Estado e para o Brasil temos projeto por exemplo de envolvimento com a rede brasileira de Semente são projetos que se estão executando. [E fora do Brasil] Atualmente não, mas se tem em mente o projeto Bandeira Azul que é de certificação das praias.

Essas declarações são corroboradas com a informação formal da organização porque conforme o Art. 3º de estatuto do IAR, tem como objetivos: 1) preservação dos ecossistemas naturais e dos sítios de valor histórico e cultural da região; 2) educação ambiental através do conhecimento da fauna e da flora local, bem como dos aspectos culturais da região; 3) apoiar e desenvolver projetos científicos que venham a contribuir para o conhecimento da fauna e da flora da região catarinense, em especial da Bacia do Rio Ratonês; 4) promover a confraternização dos associados incentivando-os na maior conscientização da defesa ambiental; 5) manter intercâmbio com associações afins, entidades públicas e privadas, com permuta de informações e experiências, através do firmamento de termos de parceria ou qualquer outro instrumento congênere, que não se diferenciam do foco das suas atividades.

Desta informação analisada, ao fazer um cruzamento inicial com a tipologia construída por Eduardo Viola sobre o “multissetorialismo complexo”, a organização IAR, tem como característica ser uma organização não governamental e de fazer parte dos sócio-ambientalistas. No entanto, uma característica que a diferencia é que ela “nasceu” como uma organização técnica e voltada para desenvolver trabalhos na área ambiental, não para ser ativista, não é reivindicatória de algum direito que esteja sendo pleiteado pela coletividade. Entre seus objetivos está: a preservação dos ecossistemas naturais e dos sítios de valor histórico e cultural da região, a educação ambiental através do conhecimento da fauna e da flora local, bem como dos aspectos culturais da região, os quais de alguma maneira estariam ligando-a indiretamente com o direito do cidadão a qualidade de vida.

Sobre quem acham que deve ser o setor responsável pelo meio ambiente o entrevistado 3 manifestou:

de todos, porque se nós somos parte do meio ambiente cada um tem que cuidar um poquinho da sua parte, porque se a gente pode deixar, de novo pensando coletivamente tu não pode deixar isso, se tu pensar isso é coisa do governo, eu não vou fazer a minha parte [...] eu não vou pedir aos meus nos governantes que fazem as coisas que eu tenho que fazer, eu tenho que fazer a minha parte para que a coisa funcione. Eu não posso deixar isso aos outros. Justamente por isso que a gente tem o instituto.

Por sua parte, o entrevistado 4 manifestou: “*é de todos e de mais e mais pessoas, porque a verdade é uma construção de paradigma, [...] que eu estava falando do que é o que educação, o que a gente acredita, como que a gente se relaciona, [...] a gente tem que ter uma visão como todo, a gente tem que aprender a se relacionar, a crescer do lado de uma árvore, tem que ver tudo isso de uma forma diferente [...] tudo mundo*”.

Para os dois entrevistados, além de considerar que todos os setores estão envolvidos com o cuidado do meio ambiente; consideram que a coletividade tem que contribuir demonstrando uma iniciativa com fazer a sua parte. Observa-se uma convergência dos entrevistados que os dois convergem no fato de questionar essa letargia por parte da comunidade, que deixa nas mãos dos outros a solução dos problemas comuns. Mas isso poderia ser indicativo da existência de uma tendência na organização para querer desenvolver atividades que são funções próprias do primeiro setor o qual como gestor principal dos recursos naturais esta na obrigação de cumprir este papel.

Esta organização nasceu para desenvolver trabalhos na área ambiental, sem ser ativista, de maneira superficial seria considerada como empresa porque está fornecendo serviços num setor do mercado, mesmo que seja da área social, pelo perfil dos seus trabalhos, e poderia-se concluir que pertence ao segundo setor. Mas quando ouve-se a posição dos dois entrevistados sobre fazer a sua parte com a natureza, com entender e sentir o significado de outra forma de vida, percebe-se um perfil mais do tipo ativista do que aqueles que cumprem um trabalho com carteira assinada em qualquer outra organização, seja ela do segundo ou mesmo do primeiro setor.

4.2.2.2 Visão do mundo (ética ecológica)

Desde a abordagem da ética ecológica, busca conhecer qual é a posição sobre a problemática ambiental por parte dos membros entrevistados.

Na relação homem – natureza, **deveria ser** para o entrevistado 3 de: “*integração, porque nós somos parte da natureza [...] a gente faz parte da natureza*”. O entrevistado 4 manifestou: “*o que a gente busca não é só uma visão do homem de integração com a natureza [mas] o homem fazendo parte da natureza e não dissociada dela*”.

Na percepção dos entrevistados a sociedade hoje ainda baseia-se em valores da linha antropocêntrica, na qual predominam os valores que colocam o homem dissociado da natureza, segundo o entrevistado 3: “*pensar [que] o homem domina a natureza é estar nos colocando fora da natureza*”. O entrevistado 4 opinou: “*na verdade o que predomina é o homem que domina a natureza*”.

Agora este pensamento do “deveria ser” é levado para uma forma concreta através da organização, conforme manifestou o entrevistado 3:

eu acho que se reflete tudo aqui dentro do instituto a gente faz em projetos, esses projetos que a gente traz para dentro da organização, então a gente trabalha muito naquilo que a gente chama de tentar fazer uma harmonia entre a sociedade e a natureza e o meio natural, então eu acho que todos nossos projetos buscam isso, buscam fazer com que o homem continue fazendo suas coisas, como ser humano [...] mas com harmonia com a natureza sentindo-se parte integrante inclusive a gente tem aqui vários projetos fazendo que as pessoas se sintam integrantes da natureza e não estarem de fora da natureza.

O entrevistado 4 compartilhou o mesmo parecer: “*eu acho que em toda, porque [...] em cada atividade e projeto que esteja sendo realizado; essa visão ela acaba sempre entrando de alguma forma*”. Ele fez a colocação que às vezes torna-se complicado levar essa visão para dentro da organização porque:

por mais que a gente acredite nisso [...] Eu acho que ela está um pouco esquecida [porque] a gente tem uma bagagem [...] aprendeu a conviver com a natureza dessa forma e [...] acaba reproduzindo isso ainda que ideologicamente a gente acredite que as coisas devam ser concebidas de outra forma a pesar que eu ache que dentro dos projetos de educação ambiental que a gente tem desenvolvido eu acho

que só trabalhando tentando-se afastar máximo da visão do homem que domina a natureza disso tenha certeza.

Na relação homem - sociedade, sobre quais direitos são considerados e que deveriam comandar este relacionamento. Para o entrevistado 3: *“da comunidade, porque só isso vai alcançar um desenvolvimento sustentável em harmonia da sociedade com a natureza, se a gente pensar o coletivo primeiro você vai ter valores que são muito mais importantes do que para cada um, para cada pessoa”*. Mas hoje o que acontece, para o entrevistado 3: *“na vida, no Brasil pelo menos é o indivíduo por cima da coletividade”*. O entrevistado 4 opinou que primeiro há que objetivar o conceito porque:

depende do que é comunidade [porque] Eu acho que não é nenhum nem outro. Acaba-se priorizando os direitos de quem tem mais dinheiro sobre o resto, a comunidade dos ricos, dos mais poderosos [porque isso] é o que a gente tem vivido, toda vez que você tenta agir, tenta articular, tenta estar vivendo o próprio histórico dentro da universidade, ou dentro das escolas públicas que eu estive aqui, toda vez que você tenta-se mobilizar, de alguma forma você sente que na hora do vamos ver, quem manda é quem tem mais poder.

Na relação homem-natureza os entrevistados acreditam no princípio de Inclusão sendo expressado no Biocentrismo, considerando a existência da integração do homem à natureza e não dissociado dela, fazendo parte de um todo. Não pode-se afirmar que esse pensamento tem um construto real com a criação e estruturação da organização IAR, se bem que esses princípios norteiam suas diretrizes de atuação.

Na relação homem-sociedade, identificou-se por parte do entrevistado 3, o princípio de Inclusão, sendo expressado através da priorização dos direitos da comunidade, isto é, o comunitarismo ou coletividade. O entrevistado 4 teve uma posição neutra, mas questionou em base a suas experiências pessoais o fato de ser quem tem poder quem mande nas relações do homem com a sociedade.

Com base no depoimento do entrevistado 3, identifica-se parcialmente à organização IAR sob o princípio de Inclusão para a relação homem-sociedade o que a encaixaria na categoria delta. Idéia esta reforçada pelo princípio de parceria e cooperação interna expresso formalmente no estatuto como na opinião dos entrevistados, isto é, precisa de ajuda externa para poder projetar-se na realidade, mas com a ressalva da parcialidade desta conclusão.

Como um tipo psicológico seria o tipo da intuição porque antepõe o dever ser, isto é, tenta colocar novos valores, veiculados através dos programas da educação ambiental, aos já existentes.

Estabeleceu-se uma posição com a linha do pensamento ecocentrista ou antropocentrista mediante a identificação com as possíveis alternativas propostas para reduzir ou incrementar o risco de crise ambiental, pelas múltiplas correntes do ambientalismo.

a) O entrevistado 3 diante o que significava “tecnologias de pequena escala” manifestou: *“reduz porque se você vai fazendo coisas, de pouquinho em pouquinho você pode chegar a um estado melhor [...] por exemplo você vai ter uma produção de energia a maior hidroelétrica da face da terra isso vai ter um impacto ambiental muito maior do que si de repente tu fizesses a coisa em outra via, numa posição de energia alternativa, coisas de menor impacto”*. O entrevistado 4 por sua parte declarou não entender bem o que significava, de qual escala tratava-se, mas mediante a colocação de um exemplo tentou ampliar a discussão:

se a gente descentralizar todas as atividades que são realizadas [...] nos grandes centros urbanos [...] mais fácil vai ser de gerir os recursos então se você tem uma comunidade que consegue produzir o máximo de produzir e gerir também os insumos, o lixo que é produzido, é mais fácil seria de controlar todo isso quando a gente está falando de tecnologia em pequena escala de tecnologia limpa, acho que todo esse processo de tecnologia, tecnologia de gerar esses centros estou dando um exemplo do Centro, pode-se aplicar para outras situações, porque a visão que a gente tem da vida em grande escala, das grandes monoculturas, ou pessoas governando grandes áreas territoriais com muitas pessoas tudo o que é médio tende sempre a se perder ou a ser interesse de poucos.

Esta característica é própria da vertente da ecologia profunda, que acredita na tecnologia de pequena escala como uma solução para o risco de crise ambiental.

b) Diante da “limitação do crescimento populacional”, o entrevistado 3 opinou:

o ser humano, desde o momento que ele vive aglomerado é que começam os problemas, se ele vivesse em áreas menos densas os problemas iriam ser muito menores só que quando se tem uma população enorme no mundo até a chance de viver em áreas menos densas começa a decair você vai ter muita gente, eu acho quanto mais gente, mais consumo de água, mais consumo de minerais, mais

agricultura, mais carne, a gente vai ter que ter, mais medicinas, mais doenças mais tudo, então acho que atualmente o aumento da população é uma coisa preocupante senão uma das piores uma das mais preocupantes na área ambiental.

O entrevistado 4 assinalou:

tudo na verdade está bem interligado, porque ao mesmo tempo quando a gente fala de uma consciência ecológica a gente esta diretamente também falando de trabalhar a consciência de redução de natalidade porque de alguma forma é assim, muitas pessoas querendo viver em lugares muito pequenos por exemplo você vive numa cidade como é o nosso caso que é uma ilha, quanto mais estradas a gente vai construir, mais carros vão chegar, existe um limite não da para a gente ficar crescendo dessa maneira então se a gente não consegue ter essa consciência eu acho que é insustentável mesmo que a gente consegue-se atingir essa consciência, um número grande de pessoas para uma quantidade de recursos tão pequena, tão escassa, ou mal administrada como bem sendo, não tem como [...] tem que limitar o crescimento.

Esta é uma característica dos ecocentristas, compartilhada em duas vertentes tanto os da ecologia profunda, como os neomalthusianos.

c) Sobre uma “subordinação da sociedade às leis da natureza” o entrevistado 3 opinou: *“nesse sentido reduz, no sentido de respeitar a natureza, os ciclos, os ecossistemas como é que ela funciona na medida do possível e ainda tendo uma atividade econômica, então acho que ai reduz”*.

O entrevistado 4, no que se refere a esta subordinação, questiona a idéia de “leis da natureza”, como fica evidenciado em seu depoimento:

*não da para falar disso da subordinação da sociedade as leis, porque a natureza, não sei se tem lei, quem faz e cria as leis da natureza é a gente [mas considerando uma regulação natural] É que eu acho que subordinação é uma palavra pesada, eu acreditaria mais em uma **integração** num sentido de que faz parte e de que tenho tanto direito quanto qualquer outro ser que esta aqui, qualquer outro ser que não precisa ser uma planta medicinal ou um animal útil para o homem ou ser ameaçado de extinção ou qualquer outra coisa que tenha alguma utilidade ou função para a nossa sociedade e que tem direitos assim de nossos valores intrínsecos tanto ou quanto qualquer outra espécie.*

Mesmo que uma das opiniões seja questionadora da pergunta em si, permitiram ambas perceber que os entrevistados colocam o ciclo natural da natureza por sobre as leis da sociedade, essa é outra característica da ecologia profunda.

d) Sobre “ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes” o entrevistado 3 opinou: *“eu acho que para reduzir ou aumentar tem que ser numa escala maior. É dizer adianta deixar de consumir muita embalagem adianta, mais a gente tem que brigar para que a coisa seja maior. Então por essa lado reduz”*. O entrevistado 4 opinou:

estamos falando de coisinhas pequenas mas que mudam sua relação com o mundo, desde o supermercado [como] não pegar sacola plástica, tipo leve, não tenho a minha mochila aqui posso colocar tudo dentro aqui, só vou pegar sacola plástica se tiver algo molhado ou algo que é sabão e outras comidas que preciso separar, é uma ação individual que para o coletivo tem uma repercussão alta porque a gente esta falando de redução de lixo [sobre um consumo sustentável] a gente esta meio que num leque de ações. Por exemplo se eu tenho uma mochila si a mochila rasgou eu vou costurar aquela mochila até o tecido realmente poir [...] tem muita coisa tal vez a gente compra coisa nova porque a final de contas a sociedade pressiona também, a verdade se a gente conseguir fazer que as pessoas pararem para pensar que existe necessidade, olhar para uma coisa [...] mas é o que eu chamaria de consciência ou consumo sustentável, eu acharia o ético no mínimo.

Este tipo de ações individuais são características da vertente dos verdes. É interessante colocar que o entrevistado 4 faz menção para o chamamento de uma consciência, de uma ética presente neste tipo de ações.

e) Sobre o que achavam de ter um “controle da economia pelo estado”, o entrevistado 3 expressou-se: *“reduz ou aumenta dependendo do controle que tu tem. Depende do interesse desse controle”*. O entrevistado 4 colocou: *“eu acho que não mudaria muito porque a linha de pensamento da sociedade é a mesma”*. Esta alternativa pertence ao pensamento marxista e observou-se que não houve concordância nem homogeneidade em ambos depoimentos.

f) Sobre se um “livre mercado sem participação estatal” seria uma alternativa o entrevistado 3 expressou: *“eu acho que existem setores que não se podem deixar para o livre mercado setores que no livre mercado é muito cruel setores que não dão lucro e ninguém vai interessar neles. Ainda em países desenvolvidos com um capitalismo muito acirrado vemos*

que tem coisas que o estado toma conta por exemplo educação, saúde.[...] Não pode ter um livre mercado totalmente”. E para o entrevistado 4 [não reduz]: “porque, o que a gente vê, quem detém o poder no mercado, tu vê que não tem a mínima educação com as questões ambientais [Há] Pouca [consciência ética] Eu não consigo mensurar se em algum momento essa sede por o dinheiro ela vai ter que parar. Tendo em vista a disponibilidade dos recursos naturais estar diminuindo. Mas realmente as pessoas vão parar? Talvez eu morra e não veja isso, mas não me importa, mas eu estou fazendo a minha parte”.

Esta alternativa é uma das principais características dos cornucopianos. Para eles é o mercado quem manda, e é o mercado que conseguirá solucionar os problemas ambientais.

Esta corrente também acredita num bem-estar como consequência desse livre mercado, sobre isso o entrevistado 3 manifestou que: *“isso é uma questão bem complexa mas eu acredito [...] transformar tudo em mercado e tudo em bens valoráveis que nem tudo é valorável na maneira como o mercado valoriza, mas em termos de bens de consumo eu acredito que o livre mercado é uma solução”.* E o entrevistado 4 manifestou: *“de como assim garante não, é uma coisa que se tem que ver na prática em primeiro lugar. Mas eu acredito que isso não seja o caminho ainda”.*

Compreende-se que o livre mercado não é o solucionador dos problemas sócio ambientais, além disso, ele é questionado hoje por sua infinita sede de produção e de valorização, só em termos de bens de consumo que ele seria viável foi o esclarecimento de um dos entrevistados.

g) Em referência ao uso de “tecnologias limpas ou verdes” o entrevistado 3 opinou: *“que de uma maneira geral reduzem [o risco de crise ambiental] Mas às vezes para implementar essas tecnologias mais verdes, você tem que consumir mais água, mais recursos, então há que ter cuidado, mas de uma maneira geral elas apareceram para mudar um pouco o tipo das coisas que a gente faz”.* O entrevistado 4 opinou que: *“a tecnologia limpa [...] pode estar de alguma forma [reduzindo como] em não produzir determinados insumos para nosso consumo também acho que pode estar em diversas esferas. De uma maneira geral essa é a intenção”.*

É também uma característica dos cornucopianos acreditar que a tecnologia vai solucionar todos os problemas ambientais, mas em menor grau essa posição é compartilhada com a corrente do ambientalismo moderado e dos verdes. Um dos entrevistados justificou suas reticências para mensurar o custo ambiental no momento de implementação dessas

tecnologias limpas e o outro considerou que se a intenção é ser limpa, de não produzir em excesso então seria uma tecnologia limpa. Não pode-se considerar que esse pensamento seja identificado com alguma das correntes mencionadas.

h) Sobre se uma “orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis” seria uma alternativa, o entrevistado 3 opinou reduz: *“mas de uma geral [porque] se tu vai plantar soja para tirar o óleo e usar em lugar do petróleo pode ser bom, só que tu geras um problema ambiental em outro lado. Tudo em grande escala você vai ter problemas que tem que resolver. Energia eólica também dá problemas com as aves migratórias”*. O entrevistado 4 manifestou reduziria: *“porque se você tem um recurso pelo qual não se quer preocupar depois se ele vai existir ou não, na verdade a gente teria que pensar bem que tipo de recurso seria, porque esse recurso renovável para você obter energia deles você tem que construir uma máquina, consume recursos também”*.

Esta alternativa faz parte dos verdes que acreditam que a busca de fontes alternativas de energia deve levar à sustentabilidade. Ambos entrevistados consideram que de uma maneira geral é um caminho, mas há que observar certas restrições porque estas fontes alternativas poderiam ter conseqüências negativas.

i) Diante da colocação do princípio básico da corrente da ecologia profunda de um “retorno à natureza selvagem” e sua realização, o entrevistado 3 considerou que: *“isso é uma utopia”*. E para o entrevistado 4: *“com certeza não é o caminho, a gente tem uma estrutura, nossa sociedade construiu muita coisa, que significa mudar, um contra viés, um retorno à natureza selvagem não é por ai, [...] É uma proposta utópica, o homem vive numa sociedade e ela é a que precisa ser mudada [...] A natureza precisa ser valorizada”*.

j) Se a sociedade atual se visse impelida a conformar “comunidades auto-suficientes” segundo o entrevistado 3: *“isso vale para algumas pessoas, ajuda para elas, mas não é a solução do mundo. Poderia ter sentido se a quantidade da população fosse menor”*. E para o entrevistado 4:

[reduz] porque, a gente já teve comunidades auto-suficientes como existem comunidades onde se proporem ser auto-suficientes de alguma maneira agora entra em aquilo que a gente esta pensando e que queremos para viver. Eu, já vê muita comunidade, por exemplo não sei se seria o caso da comunidade alternativa pois acho que se encaixa nisso que as pessoas produzir seu alimento, suas roupas, mas as pessoas não deixam de usar e-mail [...] não existe [...] então a questão é trabalhar o conceito de auto-suficiência, porque na verdade

nenhuma comunidade no Brasil tem como ser auto-suficiente se não esta usando e-mail.

Está também é uma característica da corrente da ecologia profunda, construir uma sociedade distinta à atual. Segundo o entrevistado 3 aquilo é verdadeiro se a quantidade da população fosse menor, mas faz a ressalva que não é uma alternativa válida. O outro entrevistado é mais radical porque questiona o significado do “comunidade auto-suficiente”, cita alguns exemplos da comunidade alternativa que mesmo tentando ser uma outra opção de construto de sociedade, não nega o uso de artigos da tecnologia da atual sociedade, isto é, seus membros não conseguem ainda compreender o contexto social no qual estão inseridos.

k) Ao fazer um questionamento à estrutura do atual modelo de desenvolvimento que é o capitalismo com a alternativa de se “mudança das relações capitalistas de produção o entrevistado 3 opinou que: *“o modelo que nós estamos inseridos que é o modelo capitalista é bem selvagem e não esta ajudando em nada se nós tivéssemos um outro modelo que eu não sei qual é eu acho que poderia ajudar a reduzir. Pessoalmente com um menor incentivo ao consumo [...] Sim a mudança reduz”*. O entrevistado 4 considerou que é: *“essa mudança [...] pode mudar para pior também. A gente entende que uma mudança da relação capitalista seria num sentido de [...] se este sistema capitalista de produção mudar muita coisa ia ser diferente [...] Para mim mudança das relações capitalistas de produção envolve também uma mudança do modelo de produção”*.

Quanto ao marxismo, há que mudar as atuais relações de produção, as quais sob um modelo capitalista significam exploração, um dos entrevistados coloca que mudaria com um menor incentivo ao consumo e o outro inclui também mudança do modelo de produção, isto é, faz questionamento ao arcabouço, não só as peças da engranagem de produção capitalista. Pode-se dizer que mesmo compartilhando esta característica do marxismo, não seriam marxistas, porque o marxismo parte de uma visão antropocêntrica na qual a natureza é a primeira fonte de todos os meios e objetos do trabalho e os entrevistados compartilham uma visão biocêntrica.

l) Colocando o outro modelo tradicional alternativo ao capitalismo como a alternativa de uma “revolução socialista” o entrevistado 3 manifestou: *“o socialismo teve seu tempo, seu espaço, não conseguiu fazer, nós vemos problemas ambientais sérios nos países socialistas. Já passou e não adiantou, as pessoas não serem livres e se elas não participarem do processo na sociedade em geral eu acho que não funciona”*. E para o entrevistado 4:

eu acho que [...] não fizeram nada de diferente pelo meio ambiente [...] por um lado eles de alguma forma caminharam para um lado que não deu certo, mas ao mesmo tempo estavam amarrados a um outro tipo de relações que ainda estava na forma como o homem vê a natureza ou como o homem se coloca na natureza [...] é complicado falar em socialismo porque uma coisa é a teoria e outra é a prática [...] O que eu vejo é que não se precisa ser socialista para ter garantias para sua própria população, só se precisa ter dinheiro. [...] A gente também não pode falar que deu certo, que não deu certo, nesses países socialistas [...] então não é o socialismo ou o capitalismo é uma outra mudança que esta relacionada com o sistema econômico de produção. Mas é uma construção [...] porque não existe uma fórmula certa existe uma construção.

Esta alternativa pertencente ao marxismo não teve um reflexo positivo nas entrevistas. Os entrevistados opinaram que aquele modelo como um possível substituto ao atual, teve um espaço e um tempo para ser aplicado em diversos lugares do mundo. Mas um fato a assinalar é que se deu certo ou não seria apressado colocar, mas pelo lado ambiental, existem evidências de que o modelo socialista não é precisamente o adequado ecologicamente.

m) Uma influência muito forte da crise ambiental provém dos níveis do desenvolvimento atingidos pelo homem. Sobre a alternativa de “frear o desenvolvimento tecnológico” segundo o entrevistado 3: “*é outra coisa que não vai ser feita, o ser humano é dotado de inteligência, eu não acredito que de repente o ser humano [...] [vai] frear. Mas parar desenvolver, parar deixar de inventar coisas. Eu acho que não ajuda ao meio ambiente frear o desenvolvimento tecnológico*”. E também pensar em “frear o desenvolvimento econômico”:

aqui no Brasil você vai ter maior pobreza. E pobreza é um dos maiores impactos ambientais que a gente tem, e se a gente não levanta a pobreza, pobreza não pede licenciamento ambiental, a pobreza se instala onde puder, se puder pobreza vai matar todos os bichos selvagens para poder comer, vai matar, então frear o desenvolvimento econômico, não acho que seja isso, é o modelo econômico. Então falaríamos de uma ruptura com o nosso atual modelo, seria uma mudança aos poucos, fazer aprendendo, planejar uma coisa, faz uma avaliação, avalia se é positiva ou não, e repensar o modelo.

O entrevistado 4 opinou sobre “frear o desenvolvimento tecnológico”: “o desenvolvimento que hoje existe sim, porque a linha de desenvolvimento tecnológico é a linha exploratória então esse desenvolvimento tem que ser freado, um outro desenvolvimento tem que ser criado”. E sobre “frear o desenvolvimento econômico” é: “A mesma coisa [...] porque esse desenvolvimento econômico que existe ele é predatório a gente tem que frear ele e criar um outro [...] a gente tem que criar alguma coisa porque os modelos de relações afetam o ambiente onde estamos vivendo [...] eu acho que essas experiências, os erros, os acertos, de cada momento eu acho que agora mais do que nunca isso tem que ser visto de uma forma global porque não adianta [...] se não existe uma responsabilidade ambiental social”.

Uma tecnologia desenvolvida para garantir a sobrevivência dos ecossistemas, na opinião do entrevistado 3: “ajudam mas não garantem, claro o que vai garantir a sobrevivência dos ecossistemas é uma mudança do comportamento geral com essa tecnologia [...] Coloca essa tecnologia nos filtros nos combustíveis por exemplo em termos de emissão de gases pelos automóveis mas o problema é que o comportamento do homem é o que? Usar mais automóveis do que antigamente. Então sua tecnologia não adianta tem que mudar o comportamento também “.

O entrevistado 4 opinou que:

na verdade existem avanços tecnológicos que rumam para a sustentabilidade de alguma forma [mas] não acredito [...] da forma como ela é definida. Por exemplo: a gente está fazendo tecnologia, a gente tem tecnologia limpa que não tem chegado com frequência ao Brasil a tecnologia suja é a que chega aqui, existe uma demanda mundial por produtos que a partir do momento que determinados países identificaram que para a produção deles não existe uma tecnologia realmente alternativa para que eles possam continuar produzindo em seus respectivos países eles transportam isso para lugares onde você não tem leis de proteção [...] Então eu acho que não, que não garante, que na verdade os avanços da tecnologia é uma coisa muito ampla. Se têm alguns avanços que estão garantindo para quem se esta realmente preocupando e outros não, como é o caso desses combustíveis você tem o biodiesel você tem vários óleos que podem estar sendo revertidos para ser usados energeticamente em diversas escalas mas por outro lado tem avanços em tecnologia do petróleo que impedem qualquer tipo não só dos tecnológicos, mas também de um outro parâmetro que são as leis ambientais.

As teses de “não há restrições à tecnologia” e “o mercado encarrega-se” que pertencente à corrente dos cornucopianos, são questionadas pelos entrevistados sob óticas distintas. Para o entrevistado 3 o desenvolvimento tecnológico não pode ser freado, pela mesma natureza da espécie humana, por essa capacidade endógena de aprender, refletida em um desenvolvimento da tecnologia. O mesmo destaca que a tecnologia apareceu para solucionar as necessidades básicas humanas como por exemplo alimento e abrigo, e não com um caráter de exploração, sendo também a opinião do entrevistado 4. E diante da questão de que estas tecnologias estivessem voltadas para garantir a sobrevivência dos ecossistemas, os entrevistados coincidiram que isso vai depender mais do comportamento verdadeiro, honesto, sério, e responsável com o meio ambiente natural, de quem direciona a tecnologia, o que significa uma ética muito diferente da tecnologia promovida atualmente.

Pelo lado de frear um desenvolvimento econômico o entrevistado 3, observou as conseqüências desse possível fato num cenário como o Brasil, com um aumento da pobreza, a qual tem de ser combatida, a mudança teria que ser do modelo econômico e não deter seu desenvolvimento. E para o entrevistado 4 também teria que efetivar essa mudança porque o atual modelo é predatório com a natureza.

n) O entrevistado 3, considerou que “desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural” reduziria esse risco de crise ambiental: *“porque se está respeitando o mínimo básico para que aquele sistema continue funcional, para que aquele ambiente natural continue funcional, isso faz com que você tenha menos problemas ambientais”*. E para o entrevistado 4:

a verdade a crise ambiental não é exatamente porque as características do ambiente natural não estão sendo mantidas. [...] Agora as características essenciais do ambiente natural é uma coisa ampla. Que características são essas? Que desenvolvimento é esse também? Porque, para manter essas características que a gente considera, se as pessoas que trabalham na área ambientalista que consideram essencial, então desenvolvimento tem que mudar completamente.

Esta característica é própria da corrente conservacionista. Para o entrevistado 3 seria essencial para o desenvolvimento um cuidado com as características do ecossistema para mantê-lo funcionando. Já o entrevistado 4 argumentou quais seriam aquelas características do ambiente natural para que o ecossistema funcione, em prol de um desenvolvimento. Isto é

importante assinalar: o que se considera essencial ao meio ambiente natural para o desenvolvimento.

o) Sobre a “redução significativa dos níveis de pobreza”, o entrevistado 3 opinou:

a questão ambiental ela é totalmente ligada a pessoas, vamos supor é uma coisa bem importante, vamos a imaginar o mundo não tem pessoas ou tem um numero mínimo de pessoas no mundo, alguns caçados por raios, terremotos, maremotos, inundações, problemas naturais que a gente não tem controle, mas o problema de qual estamos falando que consome excessivo, poluição das águas dos rios, dos mares, a perda de habitats, a perda de terras, isso é uma questão humana. Então, falar de gestão ambiental tu estas falando sobre gestão de pessoas, tu não estas falando de gestão de ecossistemas, sempre vai ter que gerenciar, ou controlar, ou ordenar, ou planificar ou o nome que tu quiser dar as pessoas, isso é uma ciência social, você ter pessoas que entendam o comportamento de pessoas, pessoas que saibam como lidar com pessoas, legisladores que saibam fazer leis ou normas em que as pessoas possam seguir e que estejam compatíveis com a relação com a natureza e com as pessoas. Eu acho que é infrutífera uma discussão da questão ambiental sem uma discussão; o social especialmente num país como o nosso ou à América Latina que tem problemas sociais comuns que é uma divisão de renda muito acentuada. Problemas sociais que levam ao problema ambiental, porque o meio ambiente é o entorno onde a gente vive. Você não vai resolver os problemas ambientais senão tem resolvidos os problemas da gente que não tem comida para o filho dele.

Dentre as múltiplas alternativas que são fontes de geração de renda para essas pessoas excluídas de compartilhar a riqueza gerada pelo sistema, assinalou uma característica que vem ligada com algumas delas como: “*a reciclagem de lata, deu certo porque gera renda para essas pessoas, mais do que por uma consciência ecológica, o mesmo acontece com o projeto tartaruga [...] porque se converteu numa fonte de renda [...] Então não existe um discurso separado porque nos somos a mesma coisa, eu considero a pobreza como um problema ambiental. Porque acontece que todo homem está inserido. Somos parte do mesmo ecossistema*”.

E para o entrevistado 4 essa “redução significativa dos níveis de pobreza” significa uma redução do risco de crise ambiental:

mas não isoladamente, não é só reduzir o índice de pobreza, mas eu

acho que se a pobreza ela está associada a muitos fatores que a gente já comentou a taxa de natalidade e hoje em dia quem mais tem filho no Brasil por exemplo é quem tem menos dinheiro então você tendo em visto a redução dos níveis de pobreza está associado também a uma educação também você já tem toda uma gama de atividades [...] você tem que educar as pessoas, redução dos níveis de pobreza tem que estar associado a essa visão do mundo que uma pessoa deveria ter para deixar de ser pobre não só economicamente senão espiritualmente [...] mas estou falando de uma pobreza de espírito das pessoas que tem menos dinheiro.

Distribuir a riqueza para ter como um conseqüente lógico a eliminação da pobreza, conforme os marxistas consideram. Uma pobreza que impede o ser humano de satisfazer suas necessidades básicas. Essa pobreza é um fator básico a ser discutido em qualquer encontro sobre discussão de políticas ambientais, porque ela impulsiona as classes menos favorecidas e há uma falta de educação também. A causa é a agressão ao meio ambiente natural, pois a pobreza impede que se faça uma valorização subjetiva dos elementos de um ecossistema como um mangue. As valorizações estão só no campo do objetivo, de um imediatismo para satisfazer uma necessidade básica como a sensação de fome.

p) Para o entrevistado 3, o “cuidado da biodiversidade” significou que: “*você vai tomar todas as ações para reduzir o risco ambiental senão pode [super povoar] ou diminuir o número de qualquer espécie da biodiversidade*”. E para o entrevistado 4:

quando a gente começa a entender que precisa respeitar qualquer outra forma de “bio” que existe [...] você entende que precisa respeitar toda essa biodiversidade. Se tem cuidado com biodiversidade começa a diminuir a crise. Um respeito às vidas. Porque a crise começa porque nada se respeita todo se destrói [...] Cuidar passa por respeitar [...] qualquer outro ser que não precisa ser uma planta medicinal ou um animal útil para o homem ou ser ameaçado de extinção ou qualquer outra coisa que tenha alguma utilidade ou função para a nossa sociedade e que tem direitos assim de nossos valores intrínsecos tanto ou quanto qualquer outra espécie.

Este princípio é um dos fundamentos da corrente da ecologia profunda. A interferência com as formas de vida distintas da humana deve significar um cuidado para evitar os impactos extremos. E também valorar a vida por seu valor intrínseco independentemente de se ela tem um valor utilitário para os homens.

q) Com respeito a “Mudança da ideologia de crescimento atual” o entrevistado 3

considerou que: *“depende da mudança, pode aumentar o risco ambiental se a gente mudar e começar ser mais consumista ou utilizar mais recursos, aí vai aumentar, agora se a gente participa de um modelo de comportamento a nível global, a nível do mundo, de todas as pessoas, aí vai reduzir”*. E o entrevistado 4 questionou sobre mudar quem: *“Que crescimento? [do Brasil por exemplo] Reduziria. Se mudar, temos que pensar para que lado, a gente precisa mudar aquelas relações capitalistas, mudar pensando no ambiente se eu mudar pensando na biodiversidade se mudar nesse contexto reduziria. Porque se mudamos para o outro lado de maior crescimento seria perigoso. Não seria, está sendo”*.

Outro dos postulados da ecologia profunda pressupõe uma mudança ideológica, na qual há de se apreciar a qualidade de vida, muito mais do que ter um padrão de vida mais alto. Para o entrevistado 3 esta mudança poderia ser interpretada por dois caminhos: um é para melhorar a situação atual, um outro é piorá-la, o qual foi corroborado com as declarações do entrevistado 4. Além disso, o entrevistado 3 fez o acréscimo de pensar localmente e agir globalmente.

Sob a ótica da linha do pensamento ecocentrista, os dois entrevistados com algumas diferenças tanto semânticas como de posicionamento expressaram que em princípio teriam de respeitar os ciclos naturais sobre o desejo do homem porque não pode ser dissociado, tem de ser integrado. A atuação individual tem que ocorrer para que haja mudanças, pois temos de pensar que mesmo numa escala individual, onde o esforço pode ser considerado muito pouco, se reflete numa escala maior, do somatório de todos estes esforços. As fontes atuais de energia não renováveis têm de mudar para fontes alternativas que sejam renováveis mas tendo em conta algum tipo de consequência negativa ao ecossistema. É uma utopia acreditar numa volta ao passado esse não é o caminho pois o que deve mudar é a sociedade, porque seria um retrocesso para a humanidade essa escolha. Procurar a construção de sociedade com uma estrutura diferente da atual seria uma escolha e seu efeito poderia ser mensurado numa escala de população significativa, sem excluir totalmente os avanços da tecnologia moderna, como o uso de internet. Uma valorização das outras formas de vida distintas da humana faz-se necessário, valorização essa não baseada em fins utilitários ou econômicos próprios da escala de valores da sociedade.

Em referência à linha de pensamento antropocentrista, os dois entrevistados também consideraram que a pobreza teria de ser eliminada, e ela não poder ser dissociada das discussões sobre problemática ambiental; que o atual modelo de desenvolvimento econômico

deveria ser mudado, começando por seu modelo de produção, e é imperativo que o rumo dessa mudança seja para melhorar o estado das coisas. Propor modelos de desenvolvimento distintos aos clássicos como o capitalismo, o socialismo, que já foram e ainda são experimentados em distintos períodos e lugares e que não deram e não dão certo e que a tecnologia tem de ser cuidadosamente selecionada e aplicada quando trata-se de intervir nos processos naturais, seja ela em menor, média ou grande escala, porque os efeitos poderiam ser muito piores que os danos que se tentam recuperar. Esse avanço tecnológico tem que estar ligado a uma mudança do comportamento humano e que o desenvolvimento tecnológico e econômico atuais tem que mudar mas não podem ser detidos porque poderiam carregar um grave problema social como o aumento da pobreza; no caso da América Latina o que tem de mudar é o comportamento humano. Uma mudança das atuais atribuições do Estado para ser um ente regulador das relações de si mesmo e do 2º setor com os demais atores sociais é questionada porque depende do interesse por trás desta mudança. E uma limitação do crescimento populacional humano é fundamental para um menor consumo e pressão sobre os recursos naturais.

E sob a linha do pensamento conservacionista, que pode-se desenvolver considerando em primeiro lugar as condições básicas que fazem um ecossistema natural seguir funcionando mas sem manipulação do conceito essencial para benefícios distintos aos que corresponde a realidade.

Destas sínteses, coloca-se que os membros entrevistados da organização IAR, tem uma visão ecocêntrica geral, mas que essa visão tem muitas nuances da linha dos tecnocratas porque é clara sua posição com respeito ao fator social

Desde o ponto de vista do pensamento ecocêntrico, os entrevistados tem uma visão de mundo (ética ecológica) sobre o que deveria ser e o que é. Sobre **o que deveria ser**, pelas características apresentadas poderiam ser considerados mais próximos da corrente dos verdes, apesar de, compartilhar muitos princípios pontuais da corrente da ecologia profunda. Mas o fato de colocar sempre a busca de soluções para um grande problema social como é a pobreza, sem o qual seria estéril investir em soluções ambientais, poderia-colocá-los na linha dos tecnocratas. Sobre **o que é**, questionam aos tecnocratas, porque questionam as finalidades e efeitos dos usos das tecnologias e os modelos de produção do livre mercado, que no pensamento coletivo da sociedade humana garantem seu bem-estar.

4.2.2.3 Valores Individualistas/Práticos

Nesta dimensão identifica-se como os membros avaliam seu desempenho dentro da organização IAR e os termos que ele é mensurado. O entrevistado 3 expressou que: *“o instituto é baseado no trabalho voluntário só que existem projetos específicos que prevêm contratação de consultores, então umas pessoas são contratadas para trabalhar em projetos específicos para a manutenção inteira do instituto, fazendo um trabalho de diretoria, um trabalho de presidência, são trabalhos voluntários e o retorno, a gente procura que o retorno seja um retorno para todo mundo em termos institucionais a gente trabalha muito em função do instituto e não em pessoas”*.

Para o entrevistado 4: *“a verdade é assim. Cada membro tem seu envolvimento com a instituição e o retorno que recebe é diferenciado de acordo com o que está executando, então o certificado que está recebendo ele está dizendo que é voluntariado, agora quem está vinculado com projetos técnicos especificamente eu não sei te dizer se tem certificado mas acredito que sim [...] por uns projetos se percebe um salário e por outros é totalmente voluntário”*.

Pela natureza da organização observa-se que o retorno pessoal como satisfação por desenvolver uma atividade não é colocado de maneira explícita. Para os entrevistados há um trabalho que está sendo desempenhado.

Do conteúdo das entrevistas percebe-se que não são todos os membros que fazem parte da organização que recebem um salário. Ele existe só para os que estão envolvidos e também para pessoas que não estão envolvidas diretamente nestes projetos, mas que são necessárias para a manutenção do espaço físico do IAR.

4.2.3 Práxis

Nesta categoria, através da dimensão da estratégia de ação se vai esclarecer como o pensamento dos membros entrevistados é refletido na prática.

4.2.3.1 Estratégia de Ação

Para avaliar esta dimensão considerou-se os indicadores de: planejamento de

ações, a diversificação de objetivos, viabilidade do projeto, a realização das parcerias, autonomia, e comunicação.

Num primeiro momento busca-se observar a organização como uma extensão real das correntes do ambientalismo, verificando como ela planifica algumas ações concretas e como as realiza.

O entrevistado 3 informou como é o planejamento da organização:

nós temos duas reuniões, uma vez por ano, a gente faz um planejamento de nosso próximo ano de como é que a gente vai alcançar, então a gente faz uma vez por ano um planejamento de que ações nos vamos a desenvolver no ano que vem, no próximo período que vem, ao encontro de nossa missão, que o instituto tem uma missão que está em estatutos, a gente tem esse tipo de planejamento, para ver o que, que cabe, que as pessoas trazem idéias do que cabe, do que, que não cabe a gente fazer, isso tudo é decidido em conjunto a gente se expressa por uma decisão de todos os que estão participando.

No planejamento, conforme o entrevistado 3, avaliam-se as idéias de projetos:

porque temos que sobreviver, temos que depender de outras pessoas, muitas pessoas tem que ser contratadas, então a gente tem que ter o factível e o não factível [...] mas um pouco é um critério que a gente usa para ver o que, que a gente consegue fazer, para a gente poder fazer as coisas porque si a gente só fica no nível de idéias só achando boas idéias, vem logo as perguntas: Como? Com quem? Quanto? De onde vamos conseguir dinheiro? Quem se dispor? Quem tem tempo? Tem que ser planejado [...] O que a gente pode fazer, e muitas ações a gente faz realmente com trabalho voluntário com tempo voluntário mas a gente precisa priorizar ações que a gente vai poder fazer até porque não somos uma organização muito grande, temos um número limitado de pessoas, com um número limitado de horas para poder fazer as coisas.

Para o entrevistado 4 na organização: “*existe um planejamento anual que é feito [...] na prática a gente ainda não conseguiu entender como é que tudo isso pode funcionar porque tu tem muita atividade para fazer e pouca gente para executar e as pessoas que estão aqui dentro não conseguem-se relacionar tem como de uma forma sabe que a coisa realmente se encaminhe então varias razões, muita atividade, poucas pessoas é difícil*”.

Sobre como desenvolver os planos de ação, o entrevistado 4 opinou que:

a gente pensa em vamos supor projetos que cada um gostaria de vamos dizer assim desses projetos em andamentos projetos que já iniciaram em algum momento, e tem possibilidade de continuidade esse projeto se faz então é assim, no planejamento no qual eu participei tudo isso esta colocado e a partir disso é que a gente desenvolve suas prioridades não é isso o que podemos fazer isso não [...] Porque as pessoas estão aqui dentro justamente por ter essa preocupação e envolvimento com a questão ambiental [...] a gente vai tentar executar, a gente vai tentar correr atrás do projeto porque é assim, as coisas funcionam também com dinheiro. Então você precisa dimensionar tudo isso porque o instituto não tem uma fonte para manter a instituição é isso acontece com projetos. Toda essa questão é voltada para os projetos.

Aqui superficialmente pode-se interpretar que os projetos para serem realizados dependem de alguma fonte financiadora, mas o entrevistado 4 esclareceu que a viabilidade é independente do fator econômico, porque:

Depende muito se você tem a possibilidade de estar se envolvendo com a questão e você conseguir levar outras pessoas para de alguma forma estar contribuindo depende muito da dimensão, ela vai ser executada. Se trata de trabalhos voluntários [...] então assim se o meu projeto ou se a minha vontade de ação em determinada situação, for mesmo assim se ela puder ser mensurada de alguma forma em que a gente consiga é que é possível que as coisas vão acontecer. [mas que] Agora a gente só tem que dimensionar os níveis de envolvimento porque em algum momento a gente vai ter que ter um retorno financeiro [...] a gente já sabe que depende bastante de projetos agora a gente tem que estar sempre dimensionando que se precisa ser feito ou não.

Observa-se que as ações da organização IAR, são planejadas, sendo elaborado um plano de planejamento para períodos de execução anuais, mediante duas reuniões por ano para elaborá-lo. A participação de todos os membros não faz distinção de hierarquias mesmo no momento de aceitar ou não tal ou qual proposta, a escolha de desenvolver projetos está enquadrada dentro da missão e visão da organização. De acordo com seu estatuto não existe garantia de execução, isso vai depender muito do envolvimento de quem o propõe e também da provável ajuda externa como, por exemplo, o trabalho de pessoas de maneira voluntária e a existência de fontes financiadoras.

De uma maneira complementar destaca-se a importância das parcerias para executar projetos, conforme o relatado pelo entrevistado 3:

Acho que tem projetos que requerem mais, esses projetos quanto mais parceiros e a gente trabalhar em conjunto com outras pessoas melhor. Não vai construir nada, não vai transformar nada sozinho, então a gente vê outros parceiros trabalhando juntos, a gente atinge um maior número de pessoas a gente consegue fazer um projeto. Normalmente nossos projetos são multidisciplinares, integrados então a gente precisa fazer esse tipo de parcerias. [...] Temos vários projetos onde a gente tem parceiros inclusive parceiros internacionais [...] a gente tem um projeto [...] que é um projeto Semente Sul do Brasil que é uma rede de organizações não governamentais e universidades que trabalham em conjunto, UFSC em parceria com o governo do Estado, a gente tem parceria com o IBAMA, em parceria com várias outras organizações para fazer o Conselho consultivo da APA, da Baleia Franca, com outras ONG's, a gente tem parceria com The Willoughby City Council da Austrália.

O entrevistado 4 fez o acréscimo de mais outras parcerias como: “*com a UFSC, com a Secretaria do Meio Ambiente de Santa Catarina, com as redes de Semente regionais, com SOS Mata Atlântica [...] Por exemplo o Boletim do meio ambiente, é um trabalho voluntário, e é uma vontade daqui de algumas ONG's de Florianópolis de criarem um Boletim que estivesse veiculando as notícias da ilha na qual a organização como no caso do IAR esteja envolvida*”.

Unir esforços para conseguir a execução dos projetos é o que se observa, e também expandir-se fora do âmbito local, mesmo que o interesse seja apenas pelo fato dos projetos serem multidisciplinares e integradores. Agora cabe uma política de expansão que não é uma característica própria do mercado.

Além da problemática do meio ambiente como único objetivo para a organização o entrevistado 3 manifestou: “*a gente tem de educação ambiental e para a melhoria de uma maneira geral da sociedade, objetivos de transformação da sociedade. E são de maneira integrada*”.

O entrevistado 4 manifestou que: “*não é só preocupação com o meio ambiente mas é a forma como se dá os trabalhos eh, então tem também um envolvimento com a própria cidadania com o processo participativo, com ouvir cada pessoa que esta envolvida [...] atualmente eu entendo que uma só preocupação com o meio ambiente não resolve nada, por enquanto você não consegue mobilizar onde é que está o X da questão, estão os processos econômicos, que tipo de sociedade, de como é que o sistema é gerado*”.

Observa-se que, para os membros, a questão ambiental está ligada à questão social sob a forma de planos de educação ambiental que visam uma integração, uma transformação da sociedade, porque com as duas dissociadas não se consegue um avanço significativo na busca de alternativas de solução.

A autonomia busca identificar algum tipo de pressão externa ao funcionamento normal da organização veiculado através das parcerias. Para o entrevistado 3, diante da questão de que o(s) parceiro(s) exerce(m) algum tipo de interferência no funcionamento da organização, manifestou: *“não, a gente aprende com as outras organizações o que está acontecendo o que não está acontecendo mas, influência na organização, isso é uma coisa discutida internamente em termos de estatuto. Se existe a pressão [que provêm do 1º setor] a gente não aceita trabalhar [e com o 2º setor é] a mesma coisa, nos aceitamos trabalhar se o projeto é discutido internamente, e internamente ele é aceito uma vez ele aceito seguindo as normas do instituto claro conversando com o parceiro”*.

O entrevistado 4 discute um cenário hipotético de ocorrência de interferência externa:

sim, por exemplo no caso da Secretaria do Estado do Meio Ambiente, como é uma instituição governamental passa uma verba e um tipo de recurso para a gente toda essa negociação faz sempre a gente parar para pensar e repensar quais são nossos objetivos, aonde a gente quer chegar, qual é o tipo de retorno que a gente está dando para a sociedade e a cada passo que a gente vai dando e a cada passo que a gente se estabelece, a gente repensa todas essas observações de alguma forma tanto no nível governamental como em outro nível. O caso do Boletim por exemplo ou envolvimento em outras esferas como é o caso de FEEC por exemplo também pensamos, repensamos várias vezes, já discutimos com eles conversamos muitas vezes, tanto que a gente não está sendo parte da FEEC atualmente, nos éramos membros mas agora já não somos”.

Aqui apresenta-se uma divergência sobre o que significa influência externa para o funcionamento da organização. De uma maneira geral para os dois entrevistados, os parceiros dos projetos não exercem uma influência no funcionamento da organização, mas caso esta influência ocorra, ela é aceita e permitida, sempre e quando, não extrapole os limites dos objetivos contidos no estatuto da organização. Aparece um fator de flexibilidade quando trata-se de negociação, negociar os termos dos acordos para efetivar as parcerias e executar um projeto. Esse fato indicaria que a organização não é totalmente autônoma.

A comunicação busca divulgar as ações da organização tanto externa como internamente. Os resultados das ações da organização IAR são veiculadas através de relatórios que são entregues aos usuários da informação que a solicitam sejam externos ou internos. Para o entrevistado 3: “*sim, depende todos os projetos tem previsto relatórios alguns semestrais outros são bimestrais, até mensais, se segue um modelo padrão dependendo do tipo de projeto*”.

O entrevistado 4 especificou que:

tem, sim porque a gente além de ser Ong somos OSCIP e anualmente a gente tem que fazer relatórios financeiros sobre todo o balanço da instituição independente de ser OSCIP antes de entrar no OSCIP, eu já vi vários relatórios também enquanto a Ong, tanto é uma coisa é o balanço de toda a instituição e outra coisa é por projeto cada projeto tem seu relatório técnico e financeiro. [...] Ele é para uso interno, mas para o caso das OSCIP que acontece eventualmente a instituição pode ser solicitada para verificação de como é que esta o andamento eh., ele é também para ser disponibilizado para o publico agora não sei te dizer para que nível que é especificamente se entrasse alguém pela porta e fala-se eu quero ver o balanço financeiro de vocês, a gente vai olhar não é bem assim não. [...] A verdade cada fonte financiadora exige uma serie de documentação. [E a frequência da apresentação] Depende muito de cada projeto a principio é assim quando finaliza o projeto. Mas [...] anualmente a gente tem esse balanço então no mínimo tudo ano a gente tem de fazer. No caso dos projetos se eles duram 6 meses, são 6 meses; por um ano, um ano.

Informar sobre as atividades da organização através dos avanços dos projetos, veiculados através dos relatórios, cumpre a função de divulgar o sucesso dessas ações. Considera-se uma característica preparar os relatórios porque é uma norma que o parceiro financiador do projeto exige dentro dos termos do acordo previamente assinado. Formalmente há relatórios informando as atividades para os membros da organização, para o ambiente externo além dos parceiros é também veiculado para a coletividade, não se identificou se é através de publicação num jornal ou no site do IAR.

4.3 ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO PARQUE DA LUZ - AAPLuz

4.3.1 Histórico

A Associação Amigos do Parque da Luz - AAPLuz é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, criada em 1997, com o objetivo de salvaguardar e preservar área de grande valor histórico e paisagístico, conhecido como Parque da Luz.

O movimento começou em 1986 com a “semente” do tombamento da Ponte Hercílio Luz e da sua reabertura para pedestres e ciclistas, bem como o lançamento do projeto do Parque. Neste sentido foram realizados inúmeros encontros artísticos musicais, moções científicas e políticas até que o parque fosse compreendido e assimilado pela cultura urbana como espaço vital hoje, na perspectiva dos entrevistados, indispensável as atuais e futuras gerações para que possam na cidade, pôr os pés no chão, respirar ar puro, ver o nascer e o pôr do sol.

O Parque da Luz está localizado no perímetro urbano do centro de Florianópolis, na Rua Felipe Schmidt, possui uma área de aproximadamente 3,7 hectares. Desde 1986 a comunidade e a AAPLuz vêm defendendo esta Área Verde de Lazer - AVL, e no ano de 1999, o Parque da Luz foi criado através da lei complementar 051\99.

Os objetivos do Projeto do Parque são: manter e recuperar a área anteriormente degradada; plantio de espécies vegetais nativas da Floresta Ombrófila Densa – Mata Atlântica; recuperação e manejo do ambiente natural para que se possa produzir maiores benefícios para as atuais e futuras gerações, garantindo a presença da fauna e flora da Ilha; colocação de infra-estruturas: lixeiras, bancos, brinquedos, placas indicativas; e criação do núcleo de educação ambiental.

Atualmente conta com um funcionário com carteira assinada, vinte voluntários e três associados. Não conta com parcerias ou projetos em andamento. Tem de maneira formal um convênio com a CELESC para arrecadação das contribuições.

4.3.2 Ideologia

A ideologia da organização Associação Amigos do Parque da Luz foi analisada

por meio de três dimensões: missão, visão do mundo (ética ecológica) e valores individualistas/práticos.

4.3.2.1 Missão

A missão da organização toma como indicadores o interesse inicial ou motivação para sua criação, qual setor do cenário social vai atuar e qual a sua finalidade. Se aquele interesse evoluiu ao longo do tempo, se existe algum tipo de identificação com entidades do primeiro ou do segundo setor e como organização ambientalista está assumindo interesses próprios do governo ou do mercado.

A criação do movimento AAPLuz tem uma história que vem de muito tempo atrás, segundo o depoimento do entrevistado 5:

O movimento Parque da Luz já existe há 19 anos e [os fundadores] começaram assim, com a história, com a idéia do tombamento da Ponte, ai quando venho o Tombamento da Ponte tem todo o entorno também junto com o ideal do tombamento da ponte que, seria ela hoje é patrimônio histórico da cidade em uma parceria. Enquanto a associação, ela começo em 1997 a partir dali é que tem estatuto, até então foram todas ações e eventos para que naquela área hoje o parque da Luz não se construi-se nada porque na realidade ela é uma área muito visada pela especulação imobiliária.

Dessa forma, o atual Parque da Luz garante a presença física do local considerado área verde para uso posterior na recuperação e conservação de fauna e flora nativas.

Pelo fato do entrevistado 6 ser membro fundador do movimento, esclareceu que a organização AAPLuz formou-se a partir da existência de uma outra, e que no início atuou como mecanismo de proteção para seus membros diante das pressões de instituições públicas.

antes de nós chamar-nos de Associação Amigos do Parque da Luz, antes foi uma associação que brotou naturalmente pelo movimento. Nós nos denominávamos: Vidarte, Vida e Arte, a Associação nasceu da Vidart. Já na Vidart nosso objetivo era criar numa área degradada com alto potencial paisagístico, histórico e de memória da cidade, e do povo da cidade. Era-se criar uma organização e um movimento

para que esse local fosse recuperado de área degradada então nós passamos a trabalhar em função da recuperação da área [...] A nossa Ong [...] era uma Ong de voluntários que tratava-se de funcionários públicos federais interessados em preservar o patrimônio e de volta para políticas públicas para a coletividade mas no momento que viemos que estávamos cercados sem saída, um já tinha falecido, e outro já estava ameaçado, e o outro a policia já estava entrando em casa revirando todo [...] a grande saída foi montar a ong porque a ong não é mais uma instituição pública [foi] uma medida de proteção.

É interessante colocar que a associação está num momento de mudança para uma possível profissionalização que pode vir a acontecer conforme o relato do entrevistado 5 porque:

falta uma maior dedicação para o Parque, mas não é por falta de interesse dos seus membros senão que realmente hoje o Parque precisa de remunerar alguém. Nós chegamos nesse ponto, com 19 anos, ele remunerava um funcionário com carteira assinada, mas ele teria de remunerar alguém que fizesse todo esse trabalho de contato, de permanência, de telefonar de ficar em cima sabe. Diferente [de outra Ong que] tem muita parceria com universidade, estadual. Digamos que [...] passaram de voluntarismo para uma profissionalização, eu acho que o Parque ta caminhando para isso. Por que. Que o parque? A nossa diferença com as outras ONG's é que nós administramos mais, não é só uma coisa de fazer projeto de escritório, que geralmente as ONG's [fazem] são ações, nos administramos uma área que geralmente a Prefeitura que deveria ser nossa parceira não é.

São ativistas assumidos, mas estão dando indícios de começar uma etapa de transição no sentido da profissionalização.

Esses objetivos iniciais da organização não foram mudando conforme o passar do tempo, segundo o entrevistado 5: “*o interesse da organização foi para preservar esta área do Parque da Luz ela tem o estatuto, mas foi o interesse maior, foi da preservação do Parque da Luz e manutenção da área, que faz parte do entorno da Ponte Hercílio Luz, então uma vez preservado o Parque então ela compõe a área de tombamento do Parque Hercílio Luz. Ele praticamente se é que mudou... foi mínimo, sim mudou. Ele continua*”.

Sobre o histórico da organização, o entrevistado 6 comenta:

começou mesmo na ótica da Ponte Hercílio Luz, como eixo principal e como objeto histórico da cidade e na proposta de vir a se tornar um

monumento tombado e Associação Parque da Luz então nós da Vidarte que começamos essa proposta de tombamento do Parque que foi acatado, ele foi efetivado conseguimos isso através de um tombamento municipal em 1992, tombamento estadual sendo efetivado em 1997, e o tombamento federal pela União como monumento nacional também em 1997 [...] O mesmo interesse a proposta da Associação desde que iniciou, ela cresceu a pesar de manter o mesmo interesse ela teve um crescimento ela teve uma incrementação de detalhes que contribuíram para que o projeto evolui-se no sentido sócio ambiental.

Identifica-se que a organização tem como ponto de partida: o cuidado do patrimônio e a partir daí começa uma integração com o meio ambiente natural, como falou o entrevistado 6: *“isso que você identificou é mais ou menos a nossa linha de ação você observa um patrimônio, ele está sendo desvalorizado, degradado, dilapidado então a gente vai com uma proposta ou traz uma instituição pública de pesquisa não como instituição particular sempre vinculado ao público. Não que a particular não vai poder participar pode e deve participar num futuro próximo como aconteceu no processo tudo”*.

Quando se faz o cruzamento inicial com a tipologia construída por Viola (1992) sobre o “multissetorialismo complexo”, a organização AAPLuz, observa-se na linha das organizações que fazem parte do ambientalismo stricto sensu. Tem uma história de ativismo, pela defesa de um patrimônio histórico. No início de suas atividades não incluiu a questão sócio-ambiental de maneira explícita, mas evoluiu com o tempo e hoje esta questão é parte de seus objetivos. Formalizar-se como uma ONG foi um mecanismo de proteção para os seus membros.

Sobre quem consideram dos três setores que deve ser o setor responsável pelo meio ambiente o entrevistado 5 manifestou: *“é responsabilidade dos três do governo sobretudo. Porque todos têm responsabilidades iguais, tanto o governo dando um retorno para a sociedade, as empresas, as indústrias que poluem, que tem uma ação e poluidora por si só tem mais do que isso. Cuidar o quê? É fazer programas de reciclagem, despoluição ou de não poluir e ali a sociedade, todos tem responsabilidade”*. O entrevistado 6 opinou que:

na minha visão é uma combinação de todos. Mas em primeira instância acho que o agente público, tudo começa no agente público. Qual é objetivo e a finalidade de existir gestores de uma agência pública? Como instituição pública é defender interesses para a coletividade defender que o patrimônio seja íntegro e de

direito a todos mas isso não acontece. Nos temos varias instituições onde cobramos deles e atuamos também quando ela desvia seu objetivo independente de esses privados, individuais e particulares [...] Porque o governo tem essa função, deveria ter de gestor publico e de fiscalizador.

Percebe-se na organização AAPLuz, através do depoimento dos entrevistados, uma preocupação para que o cuidado do meio ambiente seja uma atividade dos três setores. Eles são unânimes em afirmar que um maior envolvimento com esta causa é de responsabilidade do governo, como instituição pública e que tem como finalidade a defesa dos direitos em prol da coletividade.

4.3.2.2 Visão do mundo (ética ecológica)

Nesta abordagem da ética ecológica, se busca conhecer qual é a posição sobre a problemática ambiental por parte dos membros entrevistados.

Na relação homem – natureza, **deveria ser** segundo o entrevistado 5: “*na minha opinião pessoal o homem deve ser parte integrante da natureza [...] Eu ainda acho que existe uma visão do homem por dominar a natureza, eu milito num movimento ambiental desde os anos 80. A dominação é ainda grande do homem sobre a natureza. Mesmo que a educação ambiental é nova, mas esta melhorando*”. O entrevistado 6 especificou: “*hoje esta mais indo nesse sentido do homem se integrar à natureza. Eu faria duas situações. Com relação aos ambientalistas, entidades mais ligadas às questões ambientais seria, integrar o homem à natureza e, com relação aos não ambientalistas, ai ainda o homem quer impor seu domínio à natureza*”.

Para diferenciar entre o que **deveria ser** e o que hoje é, desta relação homem – natureza, o entrevistado 5 não expressou uma posição de uma maneira explícita entretanto, percebe-se a partir de sua fala, que se encaixa predominantemente dentro de uma linha ecocêntrica, a qual prioriza a dimensão da natureza sobre a dimensão humana. Para o entrevistado 6 é o mesmo quando faz a separação de ambientalistas e não ambientalistas. Logo, o que é a visão do homem em sua relação com a natureza é de uma imposição, de uma dominação, que está mais dentro de uma linha antropocêntrica.

Este pensamento do **deveria ser** é refletido sob uma forma concreta através da

organização, conforme manifestou o entrevistado 5: “na filosofia da organização há um respeito muito grande pela natureza do local”. E para o entrevistado 6:

eu acho que isso tem acontecido assim nossa Ong num momento em que algum componente da nossa Ong tanto colaborador como fazendo parte da Diretoria tem algumas idéias e essas idéias são colocadas e nos discutimos as idéias em conjunto e na avaliação de idéias se percebe então que muitas vezes que ele estava querendo impor uma idéia, um projeto, que não era de acordo com nosso principio ecológico e social.[...] Eu acho que nossa organização tem um tipo de filosofia que serve à questão de espaços públicos, por exemplo de discussões de construção que possa vir a prejudicar um uso naquele local tanto para o homem como para os animais.

Na relação homem-sociedade, para o entrevistado 5: “ainda predomina o indivíduo sobre a comunidade, não dá para generalizar pois há algumas que dão certo. O mais forte predomina sobre o mais fraco e o indivíduo ainda é movido muito a interesse ela ajuda se tiver um benefício”. E para o entrevistado 6:

em primeiro lugar está o direito da comunidade sobre os do indivíduo, mas tranqüilamente quando você desenvolve na pratica quando existe uma atuação na prática você esbarra no outro lado também no direito individual. [...] Ele não é complicado a tendência é chegar a um senso comum e que o bom senso fale em primeiro lugar de que outras coisas. [...] Então a Associação Amigos do Parque da Luz trabalha pelo bem-estar coletivo mas quando encontramos questões que esbarram no individual nos procuramos sempre saber porque fazemos uma pesquisa queremos saber. Porque isso esta acontecendo?. [...] Uma das nossas missões é mostrar para o cidadão que o interesse coletivo e da comunidade esta superior ao interesse individual.

Na relação homem-natureza, os entrevistados em suas declarações, acreditam no princípio de Inclusão sendo expressado no Biocentrismo, ao considerar a existência de uma integração do homem com a natureza e não dissociado dela, fazendo parte de um todo. Pode-se afirmar que esse pensamento tem uma extensão real com a criação e estruturação da organização AAPLuz.

Sobre a posição dos entrevistados com respeito na relação homem-sociedade, por parte do entrevistado 5, mesmo não explicitando uma posição, também não argumentou em favor do princípio de Exclusão, porque questionou-o. Para o entrevistado 6 é o bem-estar da

coletividade superior ao interesse individual, em síntese ambos estão inseridos dentro do princípio de Inclusão.

Como a organização AAPLuz está sob o princípio de Inclusão para a relação homem-sociedade, e sob o mesmo princípio na relação homem-natureza, então pode-se encaixá-la na categoria delta, porque é reivindicativa dos direitos cidadãos que são em benefício da coletividade e não de interesses individuais. Fazem um elo com a natureza na busca da integração do homem com a natureza. Idéia esta reforçada pelos princípios ecológicos e sociais do projeto parque da Luz.

Dentro de um tipo psicológico seria a categoria da intuição porque antepõe um “deve ser”, quando busca reconhecimento dos direitos dos cidadãos e do interesse coletivo.

Fica estabelecida uma posição com a linha do pensamento ecocentrista ou antropocentrista na medida em que a visão dos membros identifica-se com as possíveis alternativas propostas para reduzir ou incrementar o risco de crise ambiental pelas múltiplas correntes do ambientalismo.

a) O entrevistado 5, diante da alternativa proposta pela vertente da ecologia profunda sobre se as “tecnologias de pequena escala” reduziam ou aumentavam o risco de crise ambiental, manifestou que reduzem: *“Porque ajudam a diminuir e a controlar por exemplo a poluição, a contaminação”*. O entrevistado 6 fez a colocação: *“Depende. Geralmente reduzem mas tecnologias de pequena escala também podem prejudicar, se ela for, ela disseminar se ela for aplicada em vários pontos no pouco espaço de tempo. Como por exemplo o uso de pilhas”*.

b) A “limitação do crescimento populacional” da espécie humana, é uma característica dos ecocentristas, compartilhada em duas vertentes tanto os da ecologia profunda, como os neomalthusianos. Segundo este pensamento um menor número de pessoas no mundo exercem menor pressão por recursos naturais, produzem menos dejetos, menor consumo energético, conforme o depoimento do entrevistado 5: *“quanto menos gente menor agressão a natureza”*. O entrevistado 6 não corroborou esta posição: *“eu não vejo por aí acho que não tem nada a ver com reduzir ou aumentar a crise ambiental. É uma questão eminentemente de educação e cultura”*. Para ele não tem um impacto ao meio ambiente natural.

c) Sobre a alternativa de uma “subordinação da sociedade às leis da natureza” pertencente a corrente da ecologia profunda o entrevistado 5 manifestou: *“as pessoas vão*

respeitando mais as leis da natureza, vão reduzindo a crise ambiental". Para o entrevistado 6: *"eu acho que não tem problema. Porque estaria respeitando a lei da natureza"*. Ambos concordaram com esta alternativa.

d) "Ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes" são características do pensamento da vertente dos verdes que também é compartilhado pelo entrevistado 5 que opinou: *"quando menos consumir, menos vai agredir e menos poluição"*, sendo corroborado pelo entrevistado 6 que manifestou: *"porque se você passa a consumir por iniciativa própria [...] você diz eu vou deixar de consumir carne de jeito que estou consumindo vou diminuir e até vou pensar de repente eliminar consumir carne ou deixar de comprar um produto altamente poluente para comprar um produto menos agressivo"*.

e) Um "controle da economia pelo estado" pertence à corrente dos pensadores do marxismo, que a consideram como uma alternativa para o controle do risco de crise ambiental, o entrevistado 5 preferiu não manifestar-se argumentando não ter convicção da resposta que poderia fornecer. O entrevistado 6 também manifestou dúvidas quando expressou: *"eu acho que as políticas do estado devem atender às políticas públicas e sócio-ambiental"*.

f) Um "livre mercado sem participação estatal" é uma característica do pensamento da corrente dos cornucopianos, que estão inseridos na esfera dos tecnocratas. Para esta corrente é o mercado quem manda, e ele é quem vai solucionar os problemas ambientais. Como manifestou o entrevistado 5 sobre se o risco de crise ambiental reduz ou aumenta neste cenário: *"supostamente aumenta, pois os países mais desenvolvidos são os mais poluidores"*. O qual foi corroborado pelo entrevistado 6: *"porque não tem regulamento. Ai esbarra nessa questão da intenção do objetivo que o mercado quer atingir [...] a faixa do mercado.[...] Eu acho que precisa do controle do estado porque a sociedade ela pode ter suas iniciativas, livre mas do que? O momento que começa a priorizar, mais um lado que outro, ou mais um indivíduo, ou começa a degradar mais uma área tanto social como ambiental. Ai precisa do controle, precisa de um poder de autoridade que mostre"*.

Esta corrente também acredita num bem-estar como consequência desse livre mercado. Sobre isso, o entrevistado 5 manifestou que:

acho que ninguém garante entende, as pessoas hoje querem ter uma certeza indicada, tecnologia, um computador, muita gente está consumindo isso, hoje elas querem ter seu carrinho, eu acho que

garante sabe o conforto, de há muitos anos atrás hoje quem viveu nas décadas 40, 50, hoje o conforto que ele existe é muito mais, luz elétrica, ele traz um bem-estar para a sociedade. [...] Conforto traz, acho que não dá para negar isso que a sociedade consome para seu o conforto, mas fazer uma crítica da sociedade, posso fazer uma crítica da sociedade de consumo, mais não tudo é só isso, da tecnologia que ela trouxe. Agora esse bem-estar. Acho que se começamos a falar em desigualdade social, isso não mudou, igualdade social principalmente no Brasil acho que isso não funcionou ainda.

Pelo depoimento, o mercado traz um bem-estar, nos termos de lazer e conforto, agora se entra na questão da igualdade social, esse bem-estar produto do livre mercado apresenta falhas. Ou como manifestou o entrevistado 6:

eu não tenho opinião agora para te dizer depende o livre mercado mas vamos ver esse livre mercado sobre que produtos são [...] Tem essa questão mercadológica ela deve ver em primeiro lugar ver de que forma e como esse produto vai ser veiculado vai chegar porque conforme a maioria da situação esbarra em interesses coletivos e essa veiculação essa reformulação deve ser retornada uma parte para sustentabilidade não só da comunidade mais como de produtos que estão sendo veiculados e então toda a questão ambiental. Eu acho que as políticas que tratam do meio ambiente, as políticas ambientais elas devem ser, hoje ainda não são esta caminho de ser no futuro mas nos pressionamos para que essas políticas sejam imediatamente encaçadas como pré-requisitos em todas nossas, qualquer política, a política sócio-ambiental.

Então um livre mercado sem considerar a questão ambiental não vai garantir um crescimento e um bem estar para a sociedade.

g) É característica da corrente dos cornucopianos acreditar que a tecnologia vai solucionar todos os problemas ambientais, e em menor grau essa posição é compartilhada com a corrente do ambientalismo moderado e dos verdes, como uma dessas tecnologias está o uso de “tecnologias limpas ou verdes”, o entrevistado 5 opinou que: “*reduzem*”. O entrevistado 6 colocou que: “*as tecnologias limpas e verdes, elas são alternativas que vem colaborar com uma política sócio-ambiental mais adequada e acho que nesse sentido a tecnologia é feita para esse sentido de reduzir*”. Compreende-se que a tecnologia limpa e verde só será limpa e verde, se enquadradas numa política sócio-ambiental.

h) Uma “orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis”, pertence à corrente dos verdes que acreditam numa busca de fontes alternativas de energia às

atuais. O entrevistado 5 opinou que: “reduz”, e o entrevistado 6 manifestou: “*essa é uma dúvida que eu tenho. Porque eu não vejo isso com muita clareza, porque quem garante para o futuro próximo possa dar certo ainda estamos experimentando as primeiras propostas*”.

Pelo fato de ainda não se ter certeza sobre sua efetividade, coloca-se que não fazem parte desta corrente, por suas dúvidas a respeito.

i) Um princípio básico da corrente da ecologia profunda considera um “retorno à natureza selvagem” para reduzir o risco de crise ambiental, o entrevistado 5 manifestou que: “*o homem selvagem também agredia a natureza, eu acho que até pode reduzir, mas acho meio exótico isso*”. E para o entrevistado 6: “*diria que o retorno à vida selvagem eu acho que iria recompor o que a natureza consegue recompor, esses ecossistemas degradados em alguns casos consegue em outros me parece que a morte é eterna ou passa para uma outra dimensão mas a ferida fica ai muito grande e o prejuízo para a vida selvagem é muito grande também*”. A fala do entrevistado demonstra que não existe uma identificação com esta característica da corrente da ecologia profunda.

j) Conformar “comunidades auto-suficientes” é uma característica da corrente da ecologia profunda e construir uma sociedade distinta à atual, segundo o entrevistado 5: “*são disseminadores de novas propostas de vida. Eu acho que essas comunidades auto-suficientes são bem interessantes porque elas podem fazer com que as pessoas desde seu modo de vida que elas estão levando é bom o fato de viver assim*”. O entrevistado 6 chamou à atenção para o fato de: “*mesmo que sejam voltadas para questões sociais ambientais. Porque você pode ter comunidades auto-suficientes mais altamente degradantes, mas ai elas mesmas acabam-se auto-degradando. Mas quando ela é boa o efeito vem por si só ele brota*”. Os dois entrevistados não concordaram com esta alternativa como sendo válida, logo não compartilham dessa característica da corrente de ecologia profunda.

k) Diante da alternativa “mudança das relações capitalistas de produção” o entrevistado 5 forneceu um exemplo: “*o que se fala muito da reciclagem, de um cara ai recolhendo latinha, mas tem uma corrente que tudo bem vamos fazer reciclagem, mas tem aquela cruz de que esta pulando para o consumo, para que um consumista aqui vai ter que reciclar vidro tem menos demandas de energia*”. E o entrevistado 6 manifestou: “*acho necessário, porque o ritmo como anda hoje a produção capitalista ela é altamente degradante tanto social como ambiental, o fato de dar emprego por um determinado tempo até uma aposentadoria você tem que analisar bem isso. É importante que se avalie antes de*

se tomar uma iniciativa um antes, um durante e um depois”.

É o marxismo que declara que as atuais relações de produção sob um modelo capitalista têm de mudar. Para o entrevistado 5 quando coloca o exemplo de reciclagem de lixo, faz-se o “chamamento” para o fato de que sem seguir um padrão tradicional de produção, a reciclagem de lixo está entrando numa fase de produtor de renda e cai dentro de um indicador da sociedade de consumo. E o entrevistado 6 caracterizou o tempo de vida útil de um indivíduo como parte da engrenagem de produção capitalista. Mesmo que concordem com esta característica do pensamento marxista, não seriam marxistas, porque o marxismo parte de uma visão antropocentrista na qual a natureza é a primeira fonte de todos os meios e objetos do trabalho, e os entrevistados compartilham uma visão biocentrista.

l) Colocar um modelo tradicional alternativo ao capitalismo como a “revolução socialista” para o entrevistado 5 significou abster-se por falta de convicção em uma possível resposta, e o entrevistado 6 declarou: *“eu acho que pode reduzir. Porque o socialismo ele respeita mais. Acho que ele ganha espaço perante o capitalismo, pode fazer confronto ao capitalismo”*. Esta alternativa para o entrevistado 6 seria certa, porque o socialismo respeitaria mais a dimensão sócio ambiental. E é uma opção ao modelo capitalista. Se afirmaria que tem uma nuance marxista.

m) Uma influência muito forte da crise ambiental provém dos níveis do desenvolvimento atingidos pelo homem, o entrevistado 5 considerou que “frear o desenvolvimento tecnológico”: *“tem momentos que pode reduzir e tem momentos que pode aumentar, exemplo dos pinhos de eucalipto, que tudo o mundo esta em contra da plantação, mas o seu uso esta preservando tirar a mata atlântica para o mesmo fim como a comercialização da madeira e a indústria da celulose que tudo o mundo vai usar”*. E também pensar em “frear o desenvolvimento econômico”: *“eu acho que reduz a que custo? não sei, a que custo social tu vai dar isso”*.

O entrevistado 6 colocou sobre “frear o desenvolvimento tecnológico”:

Eu não sei... O desenvolvimento tecnológico hoje esta indo em que direção? está em sua grande maioria ele está indo numa direção de comprometimento com as questões sócio ambiental ou não chegou por ai ainda ou continua indo na direção da degradação do mercado [...] Eu acho que pode reduzir. Os produtos de desenvolvimento tecnológico eles são altamente prejudiciais nos temos muitos produtos ainda a base de metal e vapores usam, o resíduo é muito agressivo. Nossa tecnologia hoje ainda esta para extração de minérios, trabalha

com alta temperaturas e nos temos também emissão de gases.

E também sobre “frear o desenvolvimento econômico”, “*é uma consequência [...] eu acho assim que [...] ele pode tanto diminuir tanto aumentar o risco. Depende para onde você está dirigindo. Se você frear o desenvolvimento econômico para política de produção de armas tranqüilamente vai reduzir ou menos produtos corrosivos*”.

Uma tecnologia desenvolvida para garantir a sobrevivência dos ecossistemas, na opinião do entrevistado 5: “*não tem muito a ver*”. O entrevistado 6 opinou que:

o avanço da tecnologia é um perigo eu acho que por um lado sim e por outro não. É não, senão colabora com a sobrevivência dos ecossistemas nos temos por exemplo as agências de pesquisa espacial que eu acho muito grave o lançamento de foguetes e mísseis quando a trajetória que ele faz no espaço aéreo o calor que ele troca é muito violenta para a nossa atmosfera a queima de umidade ela aumenta muito a evaporação numa escala que hoje eu não vi ainda estudos sobre esse caso.

As teses de “não há restrições à tecnologia” e “o mercado encarrega-se” pertencentes à corrente dos cornucopianos, são questionadas pelos entrevistado de maneira distinta. Para o entrevistado 5 o desenvolvimento tecnológico é complexo, porque há uma tecnologia desenvolvida que é certa e outra prejudicial, mas seria muito mais prejudicial se não seguir colocando-a em prática. E para o entrevistado 6 esse desenvolvimento tecnológico ainda não está indo numa direção correta que é incluir as questões sócio ambientais. Mas da maneira como está atualmente, seria correto um freio. E diante da questão de que se estas tecnologias estivessem voltadas para garantir a sobrevivência dos ecossistemas, o entrevistado 5 enfatizou que não estão interligados, e para o entrevistado 6 as tecnologias podem supor um dano quando não colaboram com manter os ecossistemas.

Por outro lado, frear o desenvolvimento econômico, para o entrevistado 5 teria repercussões do lado social, e para o entrevistado 6 depende mais da direção que o desenvolvimento econômico está tomando.

Ambas características da corrente dos cornucopianos não são compartilhadas pelos membros entrevistados uma vez que as mesmas são questionadas, logo, eles não fazem parte desta corrente tecnocentrista.

n) Uma característica fundamental da corrente do pensamento conservacionista é

“desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural”, para o entrevistado 5, aplicá-lo: “*reduziria*”. Segundo o entrevistado 6: “*melhora, porque vai respeitar. Porque você manter as características essenciais do habitat natural, ele ajuda na preservação se você tem que manter as características do habitat natural tranquilamente você vai ter que manter os limites de não agressão ao habitat natural. Quando nós falamos de desenvolver políticas sócio-ambientais para Unidades de Conservação justamente esse é um dos critérios*”. Os entrevistados concordam com esta linha de pensamento.

o) Para o entrevistado 5, sobre a “redução significativa dos níveis de pobreza”, opinou que: “*vai depender de como tu vai reduzir essa pobreza dando mais emprego, se for por essa lógica. Aumenta. Que significa mais emprego? mais indústria, mais poluição*”. Se há um aumento de meios de produção para gerar renda, também pode significar maior degradação. E para o entrevistado 6:

a questão da redução de risco ambiental está mais ligada à educação e cultura [...] porque a questão não está ligada ao risco de crise. Porque ela não está ligada à redução de nível de pobreza mas sim a questão educacional e cultural. Você reduzindo o nível de pobreza você aumenta a riqueza isso pode significar uma degradação maior, aumentar a riqueza porque não necessariamente a riqueza material nos traz elementos suficientes para garantir o respeito ao meio ambiente, o respeito à qualidade de vida, às questões sociais em fim eu acho que mais esta na educação e cultura.

Isto é, não há como considerá-la como um fator de risco para o meio ambiente. Esta característica da corrente do pensamento do marxismo, de distribuição da riqueza entre todos e não só para quem tem controle dos meios de produção, com o conseqüente lógico de diminuição da pobreza; não foi identificada na fala dos entrevistados.

p) O princípio de “cuidado da biodiversidade” é um dos fundamentos da corrente da ecologia profunda, valorizar a vida por seu valor intrínseco, independentemente se ela tem um valor utilitário para os homens. Os entrevistados concordaram com este princípio, porque para o entrevistado 5: “*quanto mais cuidado da biodiversidade, por exemplo uma área, nossa mesma Amazônia tu vai reduzir o risco de crise ambiental, tu vai ter mais áreas de preservação*”. Fato que foi corroborado pelo entrevistado 6: “*porque cuidar da biodiversidade significa você ter uma certa afetividade e observação com aquilo para o que você está cuidando só o fato de observar que há uma biodiversidade porque tem várias*

peças que estão vivendo e não se tocam e existe a biodiversidade e ela deve ser respeitada, observada e cuidada”.

q) Outro dos postulados da ecologia profunda, pressupõe uma “mudança da ideologia de crescimento atual”, pela qual há de apreciar-se a qualidade de vida, muito mais do que ter um padrão de vida mais alto, o entrevistado 5 não concordou com este postulado, e o entrevistado 6 concordou quando manifestou: *“que a degradação sócio-ambiental está altamente ligada ao crescimento atual quanto mais cresce degrada”.*

De todas estas alternativas propostas pelas distintas correntes do ambientalismo para superar o risco de crise ambiental, ambos entrevistados compartilham várias delas, não dá para afirmar que podem se encaixar numa só, a partir de tal ou alguma outra assertiva, também destaca se o fato de que um dos entrevistados preferiu abster-se em suas respostas por falta de convicção.

Fazendo uma síntese desta posição do pensamento da linha dos ecocentristas, os entrevistados (fazendo algumas ressalvas) expressaram que em princípio que deve-se respeitar os ciclos naturais (ou leis da natureza) e que uma atuação por iniciativa própria para fazer com que mudanças ocorram contribuiria na busca de soluções. Que as fontes atuais de energia não renováveis fossem mudadas para fontes alternativas que sejam renováveis, seria uma alternativa, mas ainda há que ter ressalvas sobre seus efeitos com os ecossistemas no futuro. Que é uma utopia ou exotismo acreditar numa volta ao passado, porque desde o início da sociedade sempre existiu um impacto na natureza e situando-se nesse cenário há ecossistemas, para os quais funcionaria e outros não. Faz-se necessário, por parte da sociedade, buscar a construção de sociedades com uma estrutura distinta da atual. Esta experiência seria benéfica sempre quando estiver voltada para as questões sócio-ambientais e sobretudo para uma valorização intrínseca das outras formas de vida distintas da humana

Em referência a posição do pensamento da linha dos antropocentristas, ambos expressaram em princípio: que a pobreza teria de ser eliminada começando por mudança na educação e cultura da população. Que o atual modelo de desenvolvimento econômico deveria ser mudado, levando em consideração qual vai ser o novo rumo e o custo social que essa mudança acarreta. Acreditam que o modelo de desenvolvimento socialista poderia ser um caminho. A tecnologia aplicada para intervir nos processos naturais, seja ela em menor, média ou grande escala deve ser cuidadosamente escolhida e aplicada porque seus impactos poderiam ser negativos, pois a mesma tem que atuar sob políticas sócio ambientais. Que o

modelo de desenvolvimento tecnológico e econômico atuais tem que mudar para um rumo melhor considerando os custos sociais e as políticas sócio-ambientais. Dentro das atuais atribuições do Estado para ser um ente regulador das relações de si mesmo e do 2º Setor com os demais atores sociais os entrevistados consideram que deveriam ser incluídas políticas públicas sócio-ambientais. Uma limitação do crescimento populacional humano teria um impacto positivo na redução de pressão sobre os ecossistemas, mas que também faz parte da educação e cultura de um povo.

E também sob a corrente do pensamento preservacionista, que pode haver desenvolvimento considerando prioritariamente as condições básicas que fazem um ecossistema natural funcionar como por exemplo: as Unidades de Conservação.

Destas sínteses, coloca-se que os membros entrevistados da organização Associação Amigos do Parque da Luz, tem uma visão ecocêntrica e que essa visão tem algumas nuances da linha dos tecnocentristas porque incluem a variável das políticas públicas sócio ambientais e não dissociam o humano com o natural.

Observa-se nos membros uma visão de mundo (ética ecológica) sobre **o que deveria ser e o que é**. Sobre o que deveria ser, pelos traços estariam mais considerados dentro da corrente da ecologia profunda, mas tem também uma grande preocupação com as políticas públicas de tipo sócio ambiental, um traço característico de atuação dos verdes. Sobre o que é, fazem questionamento aos tecnocentristas, discutindo as finalidades, os efeitos e a direção dos usos das tecnologias e os modelos de produção do livre mercado.

4.3.2.3 Valores Individualistas/Práticos

Nesta dimensão identifica-se como os membros avaliam seu desempenho dentro da organização Associação Amigos do Parque da Luz e em que termos ele é mensurado. O entrevistado 5 expressou que:

o trabalho da associação hoje para os associados, membros é mais um retorno pessoal, econômico. Ninguém percebe, a exceção de um funcionário, na verdade todos trabalham por voluntários claro que há muito caminho assim de conhecimento de pessoas, mas assim ele te da retorno pessoal, é uma satisfação trabalhar em uma Ong que no caso esta preservando um área verde, em uma cidade que tem poucas

no centro, no centro urbano. Então é retorno pessoal. [...] É um amor a causa, um ideal, que na realidade as pessoas que tão ali, elas não tem um interesse econômico, amor a causa.

Fato que foi corroborado pelo entrevistado 6:

então o nosso trabalho tem um retorno é a conquista de nossos objetivos e dentro do estatuto nos temos alguns critérios e quando conseguimos atingi-los, realizá-los esse é o nosso retorno ou seja o retorno esta vinculado a nossa missão, à conquista de nossos objetivos e as realizações [...] Sempre foi assim desde o inicio é um retorno voltado para completar o projeto do Parque da Luz, do entorno da ponte Hercílio Luz nas questões sócio ambientais [...] Temos um funcionário pago com carteira assinada, desde o ano 1999-2000 nós passamos a ter funcionário a medida que a nossa ong fosse estruturando e ela mantida por doações voluntárias e contribuições voluntárias [...] Não é funcionário administrativo, eles fazem um trabalho técnico de “roçagem”, limpeza, uma parte de segurança, uma pequena parte de educação ambiental e monitoramento de alguns itens do Parque da Luz”.

Reconhecimento pessoal de satisfação por desenvolver uma atividade na qual busca-se uma reivindicação de direitos cidadãos perante a sociedade. Atividade que é totalmente voluntária e de destaque, como os dois declararam. A organização só tem um funcionário que desempenha o trabalho de manutenção no espaço físico do Parque da Luz.

4.3.3 Práxis

Nesta categoria através da dimensão da estratégia de ação, vai se desvendar como a ideologia dos membros entrevistados é refletida na prática.

4.3.3.1 Estratégia de ação

Para avaliar esta dimensão considerou-se os indicadores de: planejamento de ações, a diversificação de objetivos, viabilidade do projeto, a realização das parcerias, autonomia, e comunicação.

Num primeiro momento busca-se observar a organização como uma extensão real das correntes do ambientalismo, verificando como ela planifica algumas ações concretas

e como as realiza.

O entrevistado 5 informou que dentro do planejamento da organização: “*nós temos esse projeto de educação ambiental que queremos por em prática, ele engloba muitas coisas. [...] A gente esta tentando desenvolver para ter continuidade, esses projetos os poucos que a gente tem mais a gente sempre esta desenvolvendo projetos, só que a gente sempre esbarra com a questão econômica*”; o entrevistado 6 colocou: “*nossos planos de ação são todos eles, não digo assim sem planejamento, algumas coisas exigem planejamento, mas não é muita nossa linha de atuação a questão de planejamento*”.

Esta falta de planificação ocorre, segundo o entrevistado 6, porque a natureza da organização é de ação:

porque nos atuamos, a questão de recuperação da área do Parque da Luz ela surgiu da necessidade e de recuperar uma área que vinha sendo degradada para ser privatizada então exigiu uma atitude imediata, ela exigiu assim uma tomada de posição imediata que foi além de recuperar a área do parque na prática também houve atuação na parte do poder publico, executivo, municipal, estadual ou federal houve questões jurídicas assim trabalhadas houve questões administrativas e ao mesmo tempo que nos íamos nos organizando então em se tratando, nos trabalhamos numa sociedade muito comodista o trabalho foi praticamente multiplicado por 5 ou por 8 vezes. Assim as dificuldades enfrentadas porque nos trabalhávamos sem recurso para essa finalidade, sem reserva de recurso, sem orçamento foi mesmo uma tomada voluntária e exigiu como é que se diz a maioria das vezes situações de improviso.

A situação de: “*então nós nos acostumamos, nos habituamos a trabalhar sem planejamento*”, modificou-se seguindo o relato do entrevistado 6: “*depois que a Associação Amigos do Parque da Luz ter montada sua ONG, seu equipamento e ser registrada ai que nós começamos a pensar um pouquinho mais na questão de planejamento hoje nós plantamos e algumas ações como a questão da roçagem e plantação do parque, elas são planejadas porque ai nós com o técnico fomos montando aos poucos*”.

Observa-se que o único planejamento que a organização tem é de tipo operativo e técnico para as atividades de manutenção do espaço físico do Parque da Luz, que conta com um funcionário contratado.

De uma maneira complementar comentou-se sobre a existência de parcerias para executar projetos, conforme o relatado pelo entrevistado 5:

não são parcerias formais, mais as ONG's ambientalistas aqui da cidade elas têm uma rede a gente recebe e-mails, periódicos, então a gente tem aquela coisa de se comunicar muito, enquanto esta acontecendo algo que diz respeito a alguma ong todas ficam sabendo e se cria uma parceria informal. Mas assim [...] nós estamos com esse projeto de educação ambiental e a gente está tentando recurso e a gente agora está tentando fechar um projeto com o Ministério da Cultura que envolve não só o Parque da Luz envolve o bem tombado que é a ponte ou seja o foco é a ponte mais como o Parque da Luz esta no entorno da ponte então já foi até mandado para o Ministério da Cultura para ser aprovado seriam assim esses dois básicos os que estão em andamento hoje.

Em lugar de parcerias o entrevistado 5 comentou sobre a existência de: “*um convênio com a CELESC tem o único convênio que a gente tem formal hoje é com a CELESC como é que a associação consegue verbas, através das pessoas pagam na conta telefônica, esse mensal vai direto e os condomínios, dai ao redor do parque alguns mensalmente contribuem com a associação, mas com a CELESC e esse condomínio a gente tem um convênio assim celebrado está no papel principalmente com a CELESC*”.

Mas a CELESC não constitui uma fonte financiadora de projetos, conforme esclareceu o entrevistado 5: “[na] realidade uma porcentagem do valor que a gente arrecada, a gente tem que dar para eles. A CELESC cobra um encargo, uma comissão [...] é uma coisa que facilita a associação [...] faz [com] que as pessoas mensalmente [estejam] pagando. Tu garantes também [...] então é um convênio que eu considero muito bom. É o único tipo de convênio formal [...] agora não temos alguém que realmente financie nossos projetos”.

O entrevistado 6 comentou sobre as parcerias que existem:

formalmente não, mas informalmente sim. Nós desenvolvemos parcerias não só com organizações, com outras associações, mais com condomínios residenciais em torno da Ponte [...] o que nos fazemos: as parcerias com os condomínios em torno do Parque da Luz seriam para os cuidados para com o parque e para ajudar a Associação Amigos do Parque da Luz a se manter. [Com outras organizações] são projetos de políticas públicas para gestões sócio-ambientais da cidade e de outras regiões também que a gente apóia, e também vamos buscar conhecimento em outras organizações. Nos sentimos a necessidade de ir buscar conhecimento em outras organizações, de outras cidades e de outros estados. Fazemos parte da rede da mata atlântica, estamos agora propondo uma nova rede e

entidades e ONG's e organizações civis de interesse publico para questões específicas de proteção a patrimônios tombados tanto históricos como paisagistas então estamos fazendo uma proposta nova de criação de uma rede para essa finalidade.

Observa-se que só contam com um convênio de maneira formal com a CELESC, a empresa fornecedora de energia elétrica do Estado de Santa Catarina, a qual tem a função de arrecadador das mensalidades das pessoas que querem colaborar com a associação livremente para a manutenção do Parque da Luz, mas são parte de uma rede de ONG's como a rede da mata atlântica, e são os incentivadores de criar uma rede de organizações voltadas para à proteção de patrimônios tombados de tipo históricos e paisagísticos.

Sobre se a problemática do meio ambiente é o único objetivo que a organização tem, o entrevistado 5 manifestou que:

ao longo deste tempo a associação sempre fez eventos culturais [...] mímica por exemplo [...] no ano 98 foi instalado um totem pela Paz Mundial [...] foram escolhidos cem locais no mundo e um desses locais foi escolhido o Parque da Luz. [...] Além da história ambiental de preservação do parque tem também a preocupação cultural e social. Porque também teve numa época [...] a gente trouxe meninos e meninas desses lugares do morro do Florianópolis para fazer oficinas depois em função da questão econômica por causa da falta de verba, nos tivemos que fechar e não houve continuidade, mas a gente sempre esta tentando retomar. O que foi feito durante este ano pouco tempo que se consegue dedicar ao Parque foi feito solicitações ao pessoal do entorno para que a gente conseguisse implantar essas oficinas ainda nós não tivemos um retorno assim, certo mas a gente vai conseguir, porque daí seria o lado social de trazer pessoas da faixa mais carente para ensinar algum tipo de mosaico, até a produção de mudas.

Observa-se que a preocupação com este programa por exemplo é educar as pessoas como segue relatando o entrevistado 5:

na realidade esse programa é um projeto de educação ambiental do Parque da Luz, esse projeto que a gente tá incluindo nas oficinas, não só se trata de ensina-lhes algo para eles se ajudar, também se trata de sensibilizar as pessoas com o meio ambiente. O porque da reciclagem? Porque fazer reciclagem? Porque da importância das áreas verdes nos centros urbanos? [...] como é que tu vai amar aquilo que tu não conhece, então se tu conhecer o local, se deparar realmente com a realidade local ai tu vai conseguir cuidar, senão não

vai ter importância para ti cuidar daquilo, então isso também demanda uma falta de educação ambiental.

Dentro da história da organização o entrevistado 5 mencionou que: “a COMCAP teve numa época no 97, que ela dispunha alguns funcionários para trabalhar encima do Parque mas depois cortaram sempre foi muito difícil”.

O entrevistado 6 especificou como funciona essa diversificação de objetivos na perspectiva:

social, de que forma nos encontramos envolver a comunidade e despertar atenção para a questão de uma área valorizada uma área [...] de domínio público, nunca privada, nunca particular, então nos criamos eventos exemplo: o aniversário da Ponte Hercílio Luz era uma data que não existia, então hoje existe a data 13 de maio que é aniversário da Ponte Hercílio Luz e tem varias organizações que participam desse dia homenageando não só a ponte mais a cidade um monumento histórico. O Dia Mundial do Meio Ambiente também foi uma maneira que nos encontramos no Parque da Luz em fazer a primeira comemoração dentro da cidade do Dia Mundial do Meio Ambiente. Dessa forma a Associação com pessoal da UFSC encontraram a maneira de sociabilizar a questão como Parque.

Na perspectiva Pedagógica e Educativa, de acordo com o entrevistado 6: “programas de educação ambiental formalizados ainda não temos mas estamos em vias para o ano que vem de formação com a entidade pública mas informalmente eu acho que nós sempre realizamos e estamos continuando esse trabalho. São outras instituições educativas que fazem uso do Parque da Luz para a labor educativa. Como um laboratório de práticas de observação”.

Para a associação o fator social está estreitamente ligado ao fator ambiental, entende-se porque a natureza da organização é cuidar e manter uma área considerada como patrimônio histórico e paisagístico, por isso têm como objetivos: fomentar a educação ambiental para conscientizar as pessoas sobre o significado do meio ambiente natural. É interessante também a inclusão que a associação faz da universidade como apoio para seu plano educativo e o cultural integrando o espaço físico do parque para manifestações artísticas. Também coloca uma falta de interesse por parte do governo estadual em apoiar as atividades que a associação realiza.

A autonomia busca identificar algum tipo de pressão externa ao funcionamento normal da organização veiculado através das parcerias

Na AAPLuz, pelo fato de não existirem parcerias formalmente instituídas, não ocorre um cenário de pressão externa no funcionamento da organização, ela é totalmente autônoma, conforme relataram os dois membros entrevistados. O único convênio formal é com a CELESC, que facilita a arrecadação dos contribuintes com a associação e por este serviço emprestado há um desconto sobre o montante arrecadado. Mas há uma pressão advinda do setor que tem interesses envolvidos com a função que a área que ocupa o Parque da Luz deveria ter, conforme relatou o entrevistado 6:

nós seguimos o ritmo de nosso estatuto isso com relação ao Parque da Luz e ao entorno da Ponte Hercílio Luz tombado. [...] Temos também essa questão de interferência de grandes grupos porque a Associação acredita que nós somos uma única entidade que trabalha numa área muito valorizada o valor do metro quadrado é muito alto. Eu acho que em Florianópolis é a única entidade que defende uma área altamente valorizada e de vez em quando aparecem grupos fortes querendo impor seus projetos e nos temos como missão de não só monitorar mas fiscalizar e estar de acordo com nosso estatuto mostrando que aquela área ela é da cidade, é da coletividade ela é pública de fato e aí recorremos a medidas extrajudiciais e judiciais.

A comunicação busca divulgar as ações da organização tanto externa como internamente. Os resultados das ações da organização AAPLuz são veiculadas através de relatórios internos que são entregues aos membros, como relatou o entrevistado 5: “a gente sempre apresenta relatório no final de cada mandato, dos projetos que foram desenvolvidos durante todo esse ano, é de caráter interno”. Para o entrevistado 6: “atualmente, só para nos mesmos, mas somos uma associação uma organização independente em suas ações”.

4.4 FUNDAÇÃO LAGOA

4.4.1 Histórico

A Fundação Lagoa é uma das organizações pesquisadas que se caracterizou por não contar com documentação formal sobre a história do movimento. Construiu-se, com base nas declarações dos entrevistados 7 e 8, como foi o desenvolvimento da organização desde sua aparição no cenário social da Lagoa de Conceição. Conforme o depoimento do entrevistado 7:

a Fundação Lagoa foi criada no ano de 1994 por muitas pessoas que foram participando das associações de moradores acharam necessário e interessante ter uma entidade mais que trabalha-se especificamente com as questões ambientais, tentar trabalhar de uma forma mais técnica porque as associações de moradores são criadas pelo governo [...] a estrutura legal das associações é criado pelo governo, elas estão abertas para toda a comunidade e tem responsabilidade por conta do tipo de problema comunitário.

A Fundação Lagoa é consciente, segundo as palavras do entrevistado 7 de que: “*existem problemas não só ambientais, também urbanos porque aqui na Lagoa o ambiente também é urbano aqui há ligação entre o ambiente e os ecossistemas frágeis mas riquíssimos e a urbanização, vai sentir-se e o bairro é pequeno mas crescendo existe um grande conflito e por isso foi criada a ONG*”.

Dentro da história da organização houve uma “cisma”, segundo o entrevistado 7:

a ONG foi criada por pessoas. Os fundadores que não participavam das associações de moradores, foram pessoas de fora, foram realmente técnicos, advogados, arquitetos, professores da UFSC que queriam criar uma ong para tentar dar seu parecer sobre vários projetos. Depois eles fizeram varias reuniões da organização, eles chamaram várias pessoas que vamos dizer são realmente militantes e ambientais por várias razões logo de dois anos todos os fundadores todos saíram. Porque todos foram defensores de um grande projeto na Lagoa e foram contratadas pela empresa em vários âmbitos [...] e a gente que é militante permaneceram no grupo com a entidade que eles criaram e para a gente foi interessante ter essa entidade para as ações que falei ser um pouco diferentes da associação de moradores.

Fato que foi corroborado pelo entrevistado 8: “o grupo que realmente originou a Fundação Lagoa eles tinham a intenção de montar essa ong para balizar todos os grandes projetos que os empresários tinham interesse de instalar na Lagoa”.

O papel da Fundação Lagoa segundo o entrevistado 7:

É curioso porque os membros da Fundação são militantes e não fazem pesquisa [...] o que a gente entendeu é o nosso papel por exemplo de buscar mais apoio técnico e não através de pessoas [...] Então esse foi nosso papel mas quase sempre a possessão de conflito de questionar de lutar em contra de mudanças no ambiente ou grandes empreendimentos que a gente achava ou via de ameaça para os ecossistemas ou a vida urbana na Lagoa. Tem que reclamar gritar infelizmente é necessário, eu reconheço isso.

Conforme o relato dos entrevistados, a Fundação Lagoa assume um papel de ativismo na reivindicação dos direitos dos cidadãos para a comunidade que mora ao redor da Lagoa de Conceição, afirmação fundamentada nas próprias ações da Fundação que busca garantir a qualidade de vida da coletividade. Nessa atuação, preocupa-se por envolver às diferentes associações de moradores de bairro.

Conta com “quatro” membros para realizar suas atividades segundo o depoimento do entrevistado 8. Não conta com parcerias ou projetos.

4.4.2 Ideologia

A ideologia da organização Fundação Lagoa foi analisada por meio de três dimensões: missão, visão do mundo (ética ecológica) e valores individualistas/práticos.

4.4.2.1 Missão

A missão da organização toma como indicadores o interesse inicial ou motivação para sua criação e em qual setor do cenário social vai atuar e qual a sua finalidade. Se aquele interesse evoluiu ao longo do tempo, se existe algum tipo de identificação com atividades próprias do primeiro ou segundo setor e de como a organização ambientalista está tentando

assumir funções ou interesses próprios do governo ou do mercado.

A Fundação Lagoa conforme o entrevistado 7: *“foi criada para ser um grupo um pouco diferente que uma associação de bairro com trabalho mais especificamente na área ambiental e urbana e que tem base um pouco mais técnica, ser um grupo mais independente. [...] somos um grupo basicamente militante ambiental vamos defender o meio ambiente, vamos tomar posições em contra dos empreendedores e para pressionar o governo. Porque temos o grupo para isso”*.

O interesse de criação da Fundação Lagoa é um tanto atípico, porque foi criada por um grupo de pessoas como relatou o entrevistado 7: *“foram realmente técnicos, advogados, arquitetos, professores da UFSC que queriam criar uma ong para tentar dar seu parecer sobre vários projetos.”* Isto é *“balizar todos os grandes projetos”* segundo o entrevistado 8.

Os membros realmente ativistas foram os que, no final ficaram na Fundação, conforme o entrevistado 7: *“a gente que é militante permaneceram no grupo com a entidade que eles criaram”*. Mas para o entrevistado 8 houve uma mudança porque:

na verdade o grupo original ele se transformou por completo, o grupo que realmente originou a Fundação Lagoa eles tinham a intenção de montar essa ong para balizar todos os grandes projetos que os empresários tinham interesse de instalar na Lagoa e a gente meio inocente tava lá que não tínhamos realmente a intenção de nos corromper e foi isso que foi transformando a linha de ação da Fundação [...] a gente permaneceu ali como uma Ong tentando assim resolver cada investimento do pequeno empresário também porque os pequenos condomínios causam grandes danos também.

Conforme o relatado pelos entrevistados aconteceu uma mudança, mas não foi dos objetivos de interesse de criação da organização, mas dos membros fundadores, que saíram por conflito de interesses pessoais com os membros de convicção e militância ambiental e são os que mantêm o grupo unido: *“somos quatro diretos que seguramos toda a história em quatro pessoas, e a gente tem essa unidade”*, assinalou o entrevistado 8.

Quando se faz o cruzamento inicial com a tipologia construída por Eduardo Viola sobre o *“multissetorialismo complexo”*, a organização Fundação Lagoa, insere-se dentro da linha das organizações que fazem parte do ambientalismo *stricto sensu*, tem uma história de ativismo pela defesa do direito do cidadão à qualidade de vida, num espaço saudável,

conforme a declaração do entrevistado 7: “*tudo se faz com boa vontade como deveria ser, somos militantes*”.

Sobre quem consideram, dos três setores, o responsável pelo meio ambiente o entrevistado 7 manifestou que:

cada elemento tem responsabilidade em alguma maneira eu acho que o governo tem a primeira responsabilidade porque o governo existe para garantir que as leis são cumpridas, que existem interesses econômicos e pessoais que querem ignorar as leis que protegem o meio ambiente, nosso meio ambiente, da nossa sociedade como um todo, como ter um ar limpo, de não ter uma grande indústria que polua, de não ter carros que poluem, a gente sabe que os interesses econômicos vão contra esses direitos coletivos mas o governo existe para criar tentar equilibrar os interesses. Todos obviamente têm responsabilidade. Mas o governo existe para determinar que todos cumpram suas responsabilidades.

Sendo corroborado pelo entrevistado 8 que manifestou que: “*a verdade da sociedade toda, de todos, porque todos estamos agindo todo o tempo, todos os dias estamos agindo, pensando tendo idéias então se não estamos juntos todos com o mesmo zelo, com o mesmo carinho, a gente realmente entra num processo de destruição de autodestruição da espécie [...] eu não faço separação entre a administração eu acho primeiro ser um cidadão da Terra enquanto cidadão da Terra eu tenho que tentar impactar menos possível a presença do meu ser na Terra*”.

A Fundação Lagoa através dos seus membros entrevistados considerou que apesar da responsabilidade e preocupação com o cuidado ao meio ambiente seja uma atividade que envolve os três setores, há uma responsabilidade do governo como entidade reguladora, em fiscalizar que cada setor cumpra com suas responsabilidades. Sempre com um cunho presente de ativista ambientalista e espiritual.

4.4.2.2 Visão do mundo (ética ecológica)

Nesta abordagem, se busca conhecer qual é a posição sobre a problemática ambiental por parte dos membros entrevistados.

Na relação homem – natureza, segundo o entrevistado 7, está existindo sempre,

em cada ato, uma manifestação do ser humano que procura dominar a natureza: “*sem dúvida há uma visão consciente e inconsciente. Obviamente a visão desde as duas perspectivas é para dominar, tudo o que fazemos é para dominar a natureza. Sim, pelo menos por nosso próprio gênero precisamos dominar [...] Tudo o que fazemos o que a gente faz interfere com a natureza temos danificando isso é natural. [...] Sim eu acho que para o homem é natural é instinto dominar a natureza sem dúvida*”.

Para o entrevistado 8 há uma falta de espiritualidade na civilização tecnológica pelo fato de se dissociar da natureza porque:

atualmente a visão do homem é saquear a natureza, não tem de integração, são pouquíssimas as pessoas que tem uma consciência de se integrarem realmente, de harmonizarem, de trabalhar juntos e saber que sem a natureza a vida não tem sustentabilidade na Terra. Eu acredito que o homem tem que respeitar a natureza porque a gente não sobrevive sem ela [...] uma civilização sem espiritualidade ela é desconectada [...] a gente ao fazer uso de seu livre arbítrio endeusou a tecnologia e esse endeusamento nos dá o direito de saquear. Por quê você saqueia? Porque você não tem espiritualidade, porque você não reconhece a beleza de tudo como sendo realmente o paraíso, se você reconhece como sendo o paraíso, você vai observar e você vai considerar todas as possibilidades antes de derrubar uma árvore.

Entende-se que os entrevistados estão dentro da linha ecocêntrica, a qual prioriza a dimensão da natureza sobre o homem. Logo, o que é a visão do homem em sua relação com a natureza é de dominar, de impor, dentro de uma linha antropocêntrica, a qual é questionada.

Este pensamento do **deveria ser** é refletido sob uma forma concreta através da organização, a este respeito o entrevistado 7 manifestou:

Eu acho que tentamos de ter uma ação de uma maneira mais respeitosa com a natureza, mas também fazemos parte de nossa sociedade. [...] além de tudo o que a gente entrega para a sociedade exatamente para pedir as pessoas, para a sociedade, refletir sobre os impactos de nossa vida urbana à natureza. Isso é o que a gente quer para as pessoas fazer refletir como é que a gente faz, como nossas ações impactam à natureza, obviamente vai ter um impacto, a gente sente esse impacto ou não, a gente pode mudar esse impacto, diminuir esse impacto ou não.

O entrevistado 8 comentou:

na Fundação a gente trabalha muito [...] é um trabalho realmente que você vê que cada cidadão tem o direito de saquear a terra, então você vai lá tentando ensinar um pouco as pessoas [...] Sim, porque a gente tem a verdade, a intenção de trabalhar a conscientização resgatar o valor que a natureza possa ter do homem e resgatar também o poder da cidadania que cada cidadão tem porque eu acredito que desde a Idade Média o cidadão se recolheu muito por medo do rei e até hoje esse cidadão ainda tem medo de se manifestar como um ser vivo sabe como um cidadão da terra como todos os direitos que ele tem de estar à luz do Sol.

Na relação homem-sociedade para o entrevistado 7: *“dentro de nossa sociedade [...] Eu acho que o interesse das pessoas ricas como é o caso na Lagoa se impõe aos das pessoas pobres, porque os pobres são os desprezados da sociedade. E eles vão para a periferia, para o mangue, e o rico aqui mora na praia nas encostas porque o rico pode tudo”*.

O entrevistado 8 por sua parte comentou que: *“existe uma harmonia entre comunidade. Eu acredito que se existe um consenso entre seres da comunidade os direitos da comunidade devem prevalecer [...] Mas [...] Não existe harmonia entre seres da comunidade, a gente tem as comunidades todas formadas por indivíduos muito egoístas, então os indivíduos sempre colocam seus interesses acima de qualquer coisa”*.

Na relação homem-natureza, os entrevistados acreditam no princípio de Inclusão por compartilhar o pensamento da linha biocêntrica, quando consideram a natureza, a Terra, com direito a ser respeitada, buscando uma valorização pela espiritualidade, pela reflexão dos cidadãos. Pode-se afirmar que esse pensamento tem um construto real com a Fundação Lagoa que embora sendo uma ONG, não é estruturada, *“porque não somos bem estruturados”*, como assinalou o entrevistado 7, cumprem um papel de ativismo no cenário social.

Na relação homem-sociedade, os dois entrevistados questionaram o princípio de Exclusão que privilegia os interesses individuais sobre os da coletividade. Para o entrevistado 8 são os direitos da coletividade os que têm que prevalecer sobre os direitos individuais. Neste sentido, em linhas gerais, ambos estão inseridos implicitamente no princípio de Inclusão.

Fazendo um cruzamento destes dois princípios de Inclusão obtidos sob óticas diferentes, conclui-se que a categoria na qual encaixam é delta, por ser um movimento reivindicativo dos direitos da comunidade, fazendo um elo com a natureza nessa busca de espiritualizar seu significado para os indivíduos de uma comunidade, neste caso, da Lagoa de Conceição.

Dentro de um tipo psicológico seria a categoria da intuição, porque antepõe o que deve ser, quando busca reconhecimento dos direitos comunitários e também a espiritualização.

Procurou-se estabelecer uma posição com a linha do pensamento ecocentrista ou antropocentrista mediante a identificação com as possíveis alternativas propostas para reduzir ou incrementar o risco de crise ambiental, pelas múltiplas correntes do ambientalismo, através da visão dos membros entrevistados

a) As “tecnologias de pequena escala” são uma das alternativas propostas pela vertente da ecologia profunda, que as consideram dentro de seu plano de medidas para uma suposta redução da crise ambiental, o entrevistado 7 manifestou com o exemplo: *“na Lagoa há quatro anos atrás a gente achava em jogar na rede do esgoto umas plantas para o controle de esgoto. Mas logo vieram que é mais barato e efetivo colocar tudo o esgoto numa só rede e por tudo isso num só lugar. Então não por ser pequeno em si vai ser melhor”*, que não concorda com este pensamento, sendo corroborado quando o entrevistado 8 comentou que: *“a tecnologia pela ignorância do homem e pela ganância ela nunca considera a possibilidade de não ferir o meio ambiente, ela fere achando que a Terra tá aí a disposição da humanidade”*.

b) A “limitação do crescimento populacional” humano é uma característica dos ecocentristas, compartilhada em duas vertentes tanto os da ecologia profunda, como os neomalthusianos. Segundo este pensamento um menor número de pessoas no mundo exercem menor pressão sobre os recursos naturais e os ecossistemas. O entrevistado 7 opinou que: *“obviamente com menos população vai ter menos agressão ao meio ambiente. Mas eu acho que podemos viver com a quantidade de pessoas que temos, com muito menos dano ao ambiente. Eu acho bom controlar, não acho bom forçar”*. Para o entrevistado 8: *“menos gente no mundo vai diminuir as possibilidades de mais egos estarem soltos por aí fazendo o que bem entendem”*. Isto é, reduzir as probabilidades de realização de interesses individuais. E também fez o acréscimo de que: *“a gente está numa superpopulação quanto mais gente menos natureza a gente tem que achar uma maneira urgente é isso aí é só através da consciência individual”*.

c) Sobre uma “subordinação da sociedade humana às leis da natureza” outra característica da corrente da ecologia profunda o entrevistado 7 manifestou que: *“reduz [...] não é impossível não porque somos humanos, somos naturais, eu sou um dos poucos que*

reclama de nossa sociedade capitalista mas a sociedade é assim mesma ... São instintos humanos, é da natureza humana defender seus próprios interesses, de destruir, é natural, trágico, triste mas é natural então se justamente põe o natural separado do humano infelizmente não existe mais”, que foi corroborado pelo entrevistado 8: *“estamos todos subordinados que achamos que somos arrogantemente superiores. [...] Porque não temos espiritualidade. Compreende-se que compartilham o mesmo pensamento da corrente da ecologia profunda”*.

d) “Ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes” são características do pensamento da vertente dos “verdes” bem como ter atitudes próprias, iniciativa e fazer a sua parte com a natureza. Isto é compartilhado pelo entrevistado 7 que manifestou que: *“reduzem ... mas essas ações individuais só [...] quando são estimuladas numa escala suficiente para ter diferença, com ações comuns sociais numa grande escala [envolvendo a comunidade] Eu acho que a sociedade tem que oferecer soluções não vai ser através de sacrifícios individuais que a gente vai mudar”*. O entrevistado 8 mesmo que concordou que: *“reduz”* questionou *“que o consumo em si já é um caminho errado, o consumo, você não precisa consumir se você não precisa. Então a gente é consumista quando a gente é realmente um ser infeliz e desconectado”*. Entende-se que mesmo concordem não estão identificados.

e) Um “controle da economia pelo estado” pertence à corrente dos pensadores do marxismo. Eles a consideravam uma alternativa para o controle do risco de crise ambiental, o entrevistado 7 duvidou sobre sua eficácia quando manifestou que: *“até hoje com mais de 500 anos só de capitalismo o Estado só controla em teoria. Em curto espaço e em situações limitadas [...] o Estado ajuda mas em grande escala acho que o Estado não ajuda”*. O entrevistado 8 também duvidou e questionou sobre o controle quando manifestou: *“acho que o controle, qualquer controle é errado acho que na verdade a gente tá tentando crescer para uma liberdade. [...] Porque na verdade o Estado é corrupto então como é que a gente vai confiar no controle se eles são descontroladamente corruptos”*.

f) Um “livre mercado sem participação estatal” é uma característica do pensamento da corrente dos cornucopianos, que estão inseridos na esfera dos tecnocratas. Para esta corrente é o mercado quem manda e quem vai solucionar os problemas ambientais. Para o entrevistado 7: *“vai ser muito pior [se o cenário acontecer]”*, o entrevistado 8 opinou que:

um livre mercado sem participação estatal acredito que vai existir quando o homem realmente tiver uma consciência espiritual mais desenvolvida. Eu acredito que as sociedades todas sem espiritualidade elas não conseguem administrar a tecnologia em benefício para todos porque não existe ética só a espiritualidade te dá uma ética para tua ação consciente de teu cotidiano. Por enquanto tanto o livre mercado como a participação estatal elas pelo fato de ser corruptas, não há liberdade de mercado eu acredito que não vai existir se não existir uma espiritualização da humanidade [...] Porque acredito que a civilização esteja numa amadureção a gente tenta realmente conseguir sair desse barbarismo medieval dessa ganância dessa manipulação toda e também dessa falsa espiritualidade que a igreja católica nos colocou num beco sem saída então agora a gente tem que achar uma espiritualidade para que a gente realmente possa sair desse beco, econômico também e a gente culturalmente ache um novo caminho [...] e a não destruir a Terra.

Esta corrente também acredita num bem-estar como consequência desse livre mercado. A respeito o entrevistado 7 manifestou que: “*ele garante uma tragédia. Porque eu vejo isso cada dia a sociedade acho que cada vez mais tem mais miséria porque o capitalismo expulsa as pessoas, exclui socialmente*”. O entrevistado 8 manifestou:

eu acredito que a liberdade do homem quando a gente realmente abandonar o estado de medo constante esse estado de endeusar o ego acredito que a gente possa alcançar o livre mercado, o livre mercado ele exige uma ética de identidade do livre, somente quando você é um ser livre sabe que você não precisa de tantas coisas você não consome à toa. Se o mercado realmente for livre dentro de uma ética que cada cidadão tenha consciência de que o outro também tem que estar bem não só você [...] a gente realmente vai garantir o bem-estar das outras pessoas, mas isso significa que você tem que recolher um pouco seu ego, a comunidade é ainda muito egoísta eu quero todo para mim eu não vou me esforçar se o outro não está bem [...] Então a história de que a gente realmente não vai consumir inutilmente você vai ir atrás do que você necessita.

Nenhum deles concordou com esta característica do pensamento cornucopiano e ainda questionaram o conceito de “ser livre” e os efeitos do suposto livre mercado.

g) É característica da corrente dos cornucopianos acreditar que a tecnologia vai solucionar todos os problemas ambientais, e em menor grau essa posição é compartilhada com a corrente do ambientalismo moderado e dos “verdes”. Uma dessas tecnologias é a

“tecnologia limpa ou verde”, sendo que o entrevistado 7 opinou: *“reduzir se podem, elas existem só que não são implementadas porque o mercado não quer, porque são mais caras”*. O entrevistado 8 comentou que: *“muitas tecnologias limpas ou verdes só existem, só em aparência existe uma corrupção, uma manipulação da sociedade de consumo. Parece que é mas não é. [...] Eu acredito que ela para ser verde e limpa ela tem que ser verdadeira, porque [...] enquanto a corrupção existir esses rótulos todos podem ser comprados por qualquer um”*. Entende-se que o entrevistado 8 questiona se elas vão ser implementadas para atender uma problemática ambiental ou uma necessidade de consumo.

h) Uma “orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis” pertence à corrente dos “verdes”, que acreditam numa busca de fontes alternativas de energia às atuais e reduzindo o risco de crise ambiental. O entrevistado 7 não concordou quando manifestou: *“acho que é um mito muito perigoso, por exemplo a queima de álcool de soja, cana de açúcar ... que acaba com o cerrado... são mitos ambientais, tecnologias apresentadas como boas, mas são muito perigosas. Sacrificando vários ecossistemas importantes”*. O entrevistado 8 manifestou: *“reduzem”*, mas questionou o intuito do uso: *“eu acho sabe que com toda a tecnologia que a gente tem aí a gente poderia ser muito feliz desde que não houvesse uma ganância, uma grande intenção de manipular a humanidade espacial planeta, então eu penso que o grande problema em todo é a ganância porque tudo o que a gente tem aí já é suficiente para solucionar todos os problemas que a gente teria”*.

i) Um princípio básico da corrente da ecologia profunda considera um “retorno à natureza selvagem” para reduzir o risco de crise ambiental. O entrevistado 7 não concordou porque: *“Eu acho infelizmente impossível. Acho que não vai conhecer num curto prazo é parte de um sonho”*. O entrevistado 8 opinou que: *“se tu ainda achar um lugar selvagem na face da Terra a gente pode até tentar cuidar dele com o maior carinho se tu achar”*, se entende que no espaço físico da humanidade não há lugar para aplicar o pensamento desta corrente.

j) Conformar “comunidades auto-suficientes” é uma característica da corrente da ecologia profunda, construir uma sociedade distinta da atual para o entrevistado 7 pode: *“reduzir [mas] acho que na pequena e grande escala não vai ter muito impacto. É bom para as pessoas viver assim, criem modelos ajudem a elaborar tecnologias que até podem ser distribuídas, mas nesse sentido sim, mas elas que podem se repetir isso aí...”*; para o entrevistado 8: *“quando estão trabalhando dentro de uma ética verdadeira acredito que*

reduzem”. Compartilham o mesmo pensamento com ressalvas sobre um possível reflexo da experiência e uma base ética.

k) Ao fazer um questionamento à estrutura do atual modelo de desenvolvimento capitalista diante da alternativa “mudança das relações capitalistas de produção”, o entrevistado 7 manifestou: *“Sim, eu gostaria de ver. Em 500 anos não tem acontecido. Eu acho que dentro do mundo capitalista o mundo vai ter poluição [...] Quem sabe se os seres humanos decidir de ter outra cultura ... Não temos outra a gente não conhece outra”*.

Para o entrevistado 8 a mudança não está nas relações de produção senão nas pessoas que comandam esse modelo: *“a verdade acho que nem a produção que é o fim de tudo, é o lucro a ganância, é o ego de quem ta na chefia de todo isso, tentáculos manipulativos acredito que realmente quando a gente colocar o indivíduo como sendo a coisa mais preciosa, a vida como uma coisa mais preciosa, acredito que realmente a gente vai conseguir reduzir e também entender que a Terra é um ser precioso”*.

Para o marxismo há que mudar as atuais relações de produção as quais sob um modelo capitalista significam exploração. Para o entrevistado 7 a cultura humana não conhece outro modelo que está sendo experimentado há mais de 500 anos e ainda não dá certo. Mesmo que compartilhem traços desta característica do pensamento marxista, não seriam marxistas, porque o marxismo parte de uma visão antropocêntrica, na qual a natureza é a primeira fonte de todos os meios e objetos do trabalho. Os entrevistados compartilham uma visão biocêntrica com nuances de espiritualidade.

l) Experimentar um modelo tradicional alternativo ao capitalismo como a “revolução socialista” para o entrevistado 7 significou que: *“depende. Se é uma revolução socialista como foi na Rússia baseada no trabalho infelizmente, mas não necessariamente, poderia ser”*. Para o entrevistado 8: *“se for pacífica acredito que reduz, agora se for violenta acredito que ela vai aumentar porque ela vai gerar toda essa indústria bélica, ela vai movimentar aquilo que os Estados Unidos sempre faz [...] o socialismo como rótulo, como movimento eu acho que realmente o que faz mudar ao homem é a consciência do amor, da espiritualidade não acredito em nenhum movimento socialista ou capitalista eu acredito que a espiritualidade vai mudar o rumo de nossa história”*. Não concordaram com esta linha do pensamento do marxismo.

m) Uma influência muito forte da crise ambiental provém dos níveis do desenvolvimento atingidos pelo homem diante da alternativa “frear o desenvolvimento

tecnológico”, o entrevistado 7 considerou que: “*não acho, os seres humanos também não param sempre vai ter desenvolvimento tecnológico, quem sabe se para, mais de 2000 anos os seres humanos não param e também pensar em “frear o desenvolvimento econômico”, segundo o mesmo entrevistado: “é difícil [...] existem restrições, ciclos, mas [...] essas ações em si não beneficiaram o meio ambiente”.*

O entrevistado 8 situou-se num cenário hipotético otimista, mas sobre “frear o desenvolvimento tecnológico”, relata: “*frear acredito que não seja possível no momento. Mas se fosse possível reduziria como aquilo não é possível a gente não tem esse poder de realmente, de alcançar, frear todas essas engrenagens que estão ativas ali gananciosas, acredito que a gente tem de fazer a nossa parte frear dentro de nos mesmos o consumismo, o poder da mídia passa muito medo para o povo, é o medo que coage à população*”, cada indivíduo tem que ter ações individuais para frear esse consumismo de tecnologia; e sobre “frear o desenvolvimento econômico” opinou: “*frear é complicado porque você vai ter que ter uma ação muito gigantesca para você frear [...] Então eu não vou conseguir frear nem tecnologia nem a questão econômica. Eu posso fazer a minha parte, posso parar de consumir... de consumir tecnologia, parar de consumir todo... [...] então vou estar fazendo a minha parte [...] por isso acredito na força da espiritualidade*”.

Uma amostra do desenvolvimento tecnológico é a tecnologia desenvolvida para garantir a sobrevivência dos ecossistemas. Na opinião do entrevistado 7: “*em si não garante nenhum sucesso, nem os danos mas é a maneira como a gente utiliza a tecnologia. Eu acredito... que é a maneira como a gente usa*”. O entrevistado 8 opinou: “*que o avanço da tecnologia ele realmente esse endeusamento da tecnologia é que esta colocando em risco a persistência dos ecossistemas para as próximas gerações [...] A existência vamos supor a preservação na verdade a tecnologia ela se tornou, ela esta na mão dos gananciosos então os gananciosos usam a tecnologia para saquear o meio ambiente então a verdade a tecnologia se tornou um grande risco*”.

As teses de “não há restrições à tecnologia” e “o mercado encarrega-se” pertencentes à corrente do pensamento dos cornucopianos são questionadas pelos entrevistados de modo distinto. Para o entrevistado 7 o desenvolvimento tecnológico não vai deter-se, pela capacidade endógena do ser humano de estar sempre desenvolvendo tecnologia, experimentando, para o entrevistado 8 esse freio começaria numa pequena escala, num nível individual e por consumir novas tecnologias. E diante da questão de que se estas tecnologias

estivessem voltadas para garantir a sobrevivência dos ecossistemas, os dois manifestaram que a tecnologia pode ser perigosa para mantê-los e preservá-los, porque vai depender mais da ética de quem os usa.

Frear o desenvolvimento econômico, para o entrevistado 7 não tem base porque a sociedade moderna ao longo da história de aplicação do modelo capitalista não tem proposta para mudá-lo. E para o entrevistado 8 está ligado com diminuir a demanda de consumo a partir de ações individuais.

Conclui-se que ambos indicadores da corrente dos cornucopianos não são percebidos nas falas dos entrevistados e são ainda questionados pelos mesmos o que leva a crer que eles não fazem parte desta corrente tecnocentrista.

n) Um traço fundamental da corrente do pensamento conservacionista é “desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural”, o entrevistado 7 não concordou diretamente quando assinalou: “*eu acho importante de quantificar os habitats naturais que ainda existem como o Amazonas e na África e preservá-los e separá-los dos humanos então isso é bom para si só [...] por exemplo as florestas vistas pelo lado espiritual mais que pelo lado de reduzir o efeito estufa*”. O entrevistado 8 também corroborou esse parecer manifestando: “*eu acredito que esse desenvolvimento que se vende ai não é possível manter as características naturais do meio ambiente [...] è só para você ter uma idéia abrir uma estrada em cima de uma floresta debrulha subdivide, então desenvolver-se em cima de um bosque, de um ambiente natural, de uma área selvagem é já altamente impactante se a gente fosse a seguir com esse rumo aí... [...] está estuprando a floresta então com essa tecnologia não existe não tem como sustentabilidade*”. Percebe-se, a partir das falas, que os entrevistados não compartilham o pensamento dos conservacionistas.

o) Para a corrente do pensamento marxista é importante distribuir a riqueza para que ela seja de todos e não só para quem tem o controle dos meios de produção. Assim, sobre a “redução significativa dos níveis de pobreza”, o entrevistado 7 opinou que:

reduz porque a pobreza pode parecer uma condição, porque são pobres consomem menos, mas o fato é que a grande maioria das pessoas do mundo são pobres, eu acho causado pelo fato de que nossa economia baseada numa escala grande de monoculturas de grande indústria então essas tecnologias que são destrutivas contra a natureza. Se existir uma maior distribuição de renda e riqueza no mundo seria muito menor o gasto e desperdício de recursos porque o desperdício não vem em si grande maioria dos pobres, mas o

desperdício e a poluição vêm de uma pequena elite.

O entrevistado 8 considerou que:

a pobreza é um estado de espírito não tem como você ser pobre se está no paraíso você só é pobre quando você não percebe que você tá no paraíso onde quer que você esteja você é um ser divino completo sábio e você não praticar sua sabedoria e realmente sacar que você está num lugar maravilhoso você vai ficar achando que você é um mendigo que você é um pobre coitado que não tem casa [...] é todo uma questão de visão.

Ambos entrevistados não compartilham desta característica do pensamento marxista. Para um significa nivelar a geração de desperdícios entre todos e para o outro, a pobreza não é material senão de espírito.

p) A preocupação com o “cuidado da biodiversidade” é um dos fundamentos da corrente da ecologia profunda. Valorizar a vida por seu valor intrínseco independentemente se ela tem um valor utilitário para o homem. O entrevistado 7 comentou: “*que a crise ambiental esta ligada com a biodiversidade, então sim obviamente reduz*”. O entrevistado 8 opinou: “*claro a tecnologia como vai saber cuidar da biodiversidade, ela só reduz a biodiversidade*”. Isto é, ainda não se valoriza a vida intrinsecamente. Logo, ambos concordam com esta característica da ecologia profunda.

q) Outro dos postulados da ecologia profunda pressupõe uma “mudança da ideologia de crescimento atual”, pela qual há de apreciar-se a qualidade de vida, muito mais do que ter um padrão de vida mais alto. O entrevistado 7 manifestou: “*essa ideologia do crescimento eu diria que infelizmente quase o crescimento é quase [instintiva] no ser humano, eu acho que não conhecemos uma cultura humana que não tenha essa ideologia. O que a gente tem que encontrar é de como adaptar-se o jeito de ver de viver essa estrutura social para permitir um crescimento que não é destrutivo nem para humanos nem para a natureza*”. O entrevistado 8 manifestou que: “*reduz os danos para o meio ambiente [...] Nós temos que arranjar um outro caminho urgente*”.

De todas estas alternativas propostas pelas distintas correntes do ambientalismo para superar o risco de crise ambiental consideradas conforme à tipologia desenvolvida por Guillermo Foladori, ambos entrevistados compartilham várias delas e não há como afirmar que podem se encaixar numa só, a partir de tal ou qual assertiva.

Fazendo uma síntese desde a posição do pensamento da linha dos ecocentristas, ambos entrevistados (fazendo algumas ressalvas) expressaram que em princípio teriam que respeitar os ciclos da natureza sobre o instinto humano egoísta de destruição. Deveriam atuar por iniciativa própria, para fazer as mudanças acontecerem. Neste sentido deve-se buscar soluções, mas com uma abordagem participativa e integrativa com a comunidade. As fontes atuais de energia não renováveis devem ser mudadas para fontes alternativas, a partir de uma avaliação cuidadosa na medida em que poderiam tornar-se perigosas se estiverem sob uma manipulação de interesses. Para os entrevistados é uma utopia acreditar numa volta ao passado porque consideram que já não existem lugares selvagens sobre a face da Terra. Buscar construir sociedades com uma estrutura distinta à atual seria uma boa experiência, se esta construção se fundamentasse numa base ética e pudesse ser multiplicada. Faz-se necessário também, por parte da sociedade, uma valorização intrínseca das outras formas de vida distintas da humana.

Em relação ao pensamento dos antropocentristas, também expressaram que em princípio a pobreza teria de ser eliminada começando por uma melhor distribuição da renda e riqueza de espírito; que o atual modelo de desenvolvimento econômico capitalista deveria ser mudado começando pela mudança de ética de quem o implanta e controla; que o modelo de desenvolvimento socialista poderia ser um caminho se for pacífico e sem exploração das pessoas; que a tecnologia aplicada para intervir nos processos naturais, seja ela em menor, média ou grande escala deve ser avaliada porque seus impactos poderiam ser funestos, ela tem que atuar voltada para soluções da problemática ambiental e não para uma necessidade de consumo artificial; que o desenvolvimento tecnológico e econômico atuais tem que mudar começando por ações individuais para diminuir o consumo por novas tecnologias, e mais impactos ao meio ambiente natural; que atribuição do Estado para ser um ente regulador das relações de si mesmo e do 2º Setor com os demais atores sociais, deve começar com criar um clima de confiança eliminando a corrupção e; que uma limitação do crescimento populacional humano teria um impacto positivo na redução de pressão sobre os ecossistemas naturais porque também diminui a pressão de interesses individuais.

Na linha do pensamento dos conservacionistas manifestam que não pode ter desenvolvimento se ela começa com uma agressão à Terra

Os membros entrevistados da organização Fundação Lagoa tem uma visão ecocêntrica muito forte, pois é a natureza em primeiro lugar, integrada com a comunidade.

Há uma visão de mundo nas relações ser humano-natureza, sobre o que deveria ser e o que é. Sobre **o que deveria ser**, pelos traços estariam mais considerados dentro da corrente da ecologia profunda. Sobre **o que é**, fazem questionamento aos tecnocratas, a respeito das finalidades, dos efeitos e da ética associada ao uso da tecnologia, falta de espiritualidade da civilização tecnológica humana e os modelos de produção do livre mercado.

4.4.2.3. Valores individualistas/práticos

Nesta dimensão identifica-se como os membros avaliam seu desempenho dentro da organização Fundação Lagoa, e os termos que é mensurado. O entrevistado 7 manifestou que: *“pessoalmente para os membros [...] é um retorno pessoal, todo o trabalho é voluntário, retorno financeiro isso nunca houve não em nosso grupo nem em nenhum grupo comunitário, associação de voluntários [...] Fazemos isto porque gostamos, gostamos de brigar porque somos pessoas preocupadas com os problemas”*. Para o entrevistado 8:

o retorno eu realmente acredito que seja na eternidade a gente tem um trabalho de conscientização de repente para trabalhar para que as pessoas entendam que a Terra é o Paraíso e a gente tem que cuidar com mais carinho desse paraíso [...] porque acredito que a tecnologia toda esse cientificismo que a civilização alcançou dá uma frieza no coração do homem e ele trata tudo como se tivesse tudo a disposição dele porque ele não tem espiritualidade, ele não tem mais essa sacralidade com a Terra ele perdeu o valor, a sua ética, ele não tem mais nenhum carinho com a mãe com a Deusa mãe, então as vezes talvez seja a mesma falta de carinho que a humanidade tem com as mulheres, com as suas mães então as vezes desde aí esse retorno machista que a humanidade ainda tem e então como a Terra é o feminino a gente usa e abusa de todos os recursos sem nenhuma espiritualidade você usa e abusa e saqueia eh, se dá o direito de saquear porque acaba se tornando um ser imediatista o dinheiro é o que importa, a tecnologia que é a ditadora de todas as regras e não existe a ética.

Este reconhecimento pessoal dos entrevistados é de destaque, porque não só desenvolvem uma atividade na qual busca-se uma reivindicação de direitos cidadãos perante a sociedade, mas que também é de caráter totalmente voluntário, sem nenhum tipo de

remuneração econômica. São conscientes de seus ideais, fazem porque gostam, sentem que estão dando seu aporte e como parte de um crescimento espiritual numa tentativa de retornar a sacralizar a Terra e o significado de outras formas de vida.

4.4.3 Práxis

Nesta categoria, através da dimensão da estratégia de ação, se vai desvendar como a ideologia dos membros entrevistados é refletido na prática.

4.4.3.1 Estratégia de ação

Considerou-se para avaliar esta dimensão os indicadores de: planejamento de ações, a diversificação de objetivos, viabilidade do projeto, a realização das parcerias, autonomia e comunicação.

Em um primeiro momento busca identificar se a organização como uma extensão desse ideário ambientalista, planifica algumas ações concretas e como as leva à realização.

O entrevistado 7 informou que: *“planejamento formal raramente de vez em quando a gente tem feito. Só umas duas vezes nos temos sentado para fazer planejamento formal infelizmente não”*. Esta declaração não foi corroborada pelo entrevistado 8 que não manifestou-se.

Esta falta de planificação, *“porque não somos bem estruturados”* está ligada ao fato como falou o entrevistado 8 de que *“somos militantes, tudo se faz com boa vontade como deveria ser”*. A organização é mais ativista e de atuação. As atividades de cunho administrativo e de formalização institucional ainda não são de importância para o funcionamento da organização Fundação Lagoa.

De uma maneira complementar comentou-se sobre a existência de parcerias para executar projetos, conforme o relatado pelo entrevistado 7:

sim, nesses projetos por exemplo ainda saiam coisas informais como o Evento Anual do Abraço da Lagoa, fazemos isto com as outras Associações de moradores, com a Associação comercial da Lagoa, as vezes até com o vereador quando vem a oferecer apoio, quando fazemos movimentos em contra de uma obra que é comum, que

sempre tem alguma coisa [que] estão fazendo contra. Sobre as associações também [com] poucas ONG's e grupos de surfistas [...] as vezes vem a empresa privada eh a gente quer ajudar também na Lagoa [...] Nunca soubemos como trabalhar em conjunto em parte porque eu sinto nossa ONG não é uma ONG para executar projetos é meu entendimento como ONG é mais importante mesmo e eu não sinto nem quero não vou pedir dinheiro para reclamar isso não existe na minha pessoa. Existem outras ong ambientais que tem aqui que dizem para montar projetos e eu falei a gente esta montando projeto. Mas a gente não tem relação com empresas porque normalmente a empresa que quer oferecer apoio elas quer alguma coisa em retorno para elas [...] nossa ONG nunca teve projetos que puderem oferecer qualquer renda pouquíssimas vezes a gente busca receber financiamento para os projetos, mas fizemos isto varias vezes. [...] Temos agora um projeto para valorizar as Unidades de Conservação que existem dentro da área urbana. [...] Mas eu acho que agora a gente vai receber a primeira verba formal para a entidade espero nos próximos meses... e logo montar um outro projeto... especificamente para desenvolver um curso de capacitação para estudantes de ensino meio [...] para eles ser treinados, para ser guias em passeios.

O entrevistado 8 manifestou:

a gente tem o Fórum das Entidades que a gente se reunia uma vez por mês mas a gente começou a sentir a necessidade de se reunir uma vez a cada 15 dias e esse Fórum a gente conseguiu montar o Abraço da Mãe Conceição que é um evento que a gente sempre fez o sábado que antecede ao Dia das Mães e manifestar o carinho da população pela Terra e se tornou uma manifestação a nível nacional conhecido bem importante. Foi todo feito por esse Fórum, pela União de todas as Entidades e reforço bastante essa parte da cidadania de todo cidadão sentir que se ele participa ele consegue mover assim um pouco a história. [...] ele ainda ta em andamento [...] esse é um trabalho que a gente faz, se supõe com as entidades todas da Lagoa, desta parte do Leste da ilha. A gente tem também bastante trabalho com pessoal da universidade sobre a qualidade da Lagoa, a qualidade de água, alternativas para grandes empreendimentos, a gente tem uma parceria bem forte com a Universidade ou Procuradoria Geral da República.

Observa-se que, embora não tenham uma estrutura formal de organização, conseguem estruturar e elaborar projetos que envolvem à comunidade e são feitos num sentido de conscientizar à coletividade, de sensibilizá-los em criar uma ética com base num respeito à natureza. Também trabalham em conjunto com outras organizações como as

associações de moradores de bairro, ONG's e esportistas. Estes projetos não envolvem desenvolver atividades técnicas nem profissionais, é ativismo, como assinalaram tem a parceria da universidade para alavancar seus projetos conforme o entrevistado 7: *“porque os membros da Fundação são militantes e não fazem pesquisa a gente, simplesmente empurramos os professores a ajudar a gente a fazer pesquisa até muitas vezes sim eu e outros fizemos essa pesquisa e pedimos a essas pessoas que tem Ph.D que assinassem, dá um certo apoio à pesquisa”*.

Sobre a problemática do meio ambiente, como único objetivo que a organização tem, o entrevistado 7 manifestou: *“nós não fazemos trabalho social no sentido clássico de ajudar aos pobres, nem no aspecto cultural no sentido clássico. Porque não oferecemos trabalhos em projetos de cultura no sentido de alimentar a cultura como arte, teatro; mas apoiamos na área cultural sim, temos participado na busca de ter um centro cultural aqui no bairro, trabalhamos em conjunto com músicos e pessoas que fazem teatro que apóiam o nosso mesmo movimento que são ambientalistas e trabalhamos em conjunto”*. O entrevistado 8 comentou que:

seria a de resgatar o que restou de nossa cultura também [...] a cultura da colonização açoriana com a colonização portuguesa. Apesar de ter uma serie de falhas com esta terra a gente realmente falhou com o povo local a gente matou todos os índios e também saqueou e continuamos saqueando essa Terra ainda como colonizadores, mas tem uma parte dentro da colonização a parte cultural [...] que eu acredito que começa por ai o carinho para com a gente mesma para que a gente possa resgatar um carinho maior pela Terra.

Para a associação o fator ambiental está sempre presente em qualquer atividade que desenvolvam, entende-se porque a Fundação Lagoa é sempre ativista dentro do movimento ambiental, pois atingir outros objetivos que não considerassem a variável do meio ambiente natural não está dentro de seu raio de ação, portanto têm como outros objetivos, fomentar um resgate cultural buscando sensibilizar às pessoas com a natureza, com a Terra.

A autonomia busca identificar a existência de algum tipo de pressão externa ao funcionamento normal da organização decorrente das parcerias.

Na Fundação Lagoa pelo fato de não existirem parcerias formalmente constituídas não existe um cenário de pressão externa no funcionamento da organização conforme o

comentário do entrevistado 8: “*não, nunca*”. São uma associação totalmente autônoma em seu funcionamento.

A pressão existe sob a forma das outras pessoas ou instituições quando há desacordos de interesses, por exemplo o destino de áreas verdes dentro da Lagoa, ou a presença da associação em reuniões ou até o porque de existência da associação, a credibilidade da militância ambiental como relatou o entrevistado 7:

a ONG [...] foi criada por um grupo de pessoas que logo descobrimos que todas foram contratadas trabalhando para uma empresa que tem um projeto que a gente acha que tem um grande impacto negativo que cria graves danos ambientais e urbanos na Lagoa. Então eu acho que sim esse foi o problema eu acho que houve mais uma instância não são aqui senão em outras partes de Brasil e do mundo. Eu acho comum que existem ambientalistas falsos, pessoas que se apresentam como ambientalistas é fácil e que não são, que estão representando outras empresas ficou claro aqui.[...] Então isso nos atrapalhou por um tempo, logo no 96 entrou um novo governo e a gente sabe basicamente que de uma maneira indireta o governo criou um outro grupo ambiental comunitário aqui chamado Costa Leste e ninguém conhecia essas pessoas não existiam antes do governo nem depois. Se apresentaram como ambientalistas, tentaram tomar posições quase sempre diferentes que nós, somos ambientalistas e a gente gosta, somos ambientalistas e a gente não acha que isso é mal, quer dizer em projetos de zoneamento. Realmente são grupos falsos criados por interesses, de fingir que são ambientalistas para mostrar... oh aqueles ambientalistas são radicais, são fanáticos mas na verdade eles não são ambientalistas e acontece muitas vezes acontece.

A comunicação busca divulgar as ações da organização tanto externa como internamente. Os resultados das ações da organização Fundação Lagoa não são veiculadas através de relatórios formais porque em palavras do entrevistado 7: “*ninguém pede, [só acontecem para os membros da associação] de vez em quando fazemos isso porque sendo uma ong tem que ter uma assembléia cada dois anos, cada ano a gente... Eu não gosto de formalidade mas sim informalmente cada ano a gente apresenta um relato e também quando montamos um projeto a gente tem que dizer quem é Fundação Lagoa que fazemos sim dessa maneira informal a gente é um pouco mais que informal*”.

Para a Fundação Lagoa, “*o papel da imprensa é importante...*” para veicular as ações na Lagoa, como relatou o entrevistado 7: “*nós criamos um jornal...há 10 anos atrás... porque a imprensa local não abria espaço para os problemas comunitários e ambientais, foi*

criado para chamar a atenção, agora a gente ganha muito mais espaço na imprensa porque Lagoa é um lugar central o meio ambiente em 10 anos realmente mudou. Agora tudo mundo diz que é ambientalista mas a verdade ninguém é, todo mundo anda de carro. Todos querem ser mas poucos são..”

Atualmente o entrevistado 7 destacou o papel que a imprensa cumpre:

por uma razão [...] a televisão, a RBS um canal principal vem mais do que outro no ano porque quase sempre tem conflito ambiental na Lagoa nem precisa ligar para eles, são eles quem nós procuram e eu acho interessante e procuram a gente não só para fazer uma matéria, uma pauta [...] eu acho que isso é uma rica vitória geral para o movimento comunitário em geral, porque a Lagoa chama muito a atenção que outros bairros na ilha. Temos de aprender a ganhar um espaço e forçar a imprensa de reconhecermos como atores sociais isso é real.

5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CASOS ESTUDADOS

O estudo de caso proporciona ao pesquisador a condição de conhecer profundamente uma realidade e assim tecer conclusões que o auxiliem na compreensão de determinado fenômeno. O estudo de casos múltiplos além de dar ao pesquisador a oportunidade de conhecer mais de um caso em profundidade. Possibilita comparar as realidades pesquisadas e identificar semelhanças ou diferenças. No presente capítulo apresenta-se comparativamente os dados das quatro organizações pesquisadas.

5.1 Ideologia

Em capítulo anterior foi feita a descrição da análise de valores da cada uma das organizações pesquisadas separadamente. A análise da ideologia foi realizada por meio de três dimensões: missão, visão do mundo (ética ecológica) e valores individualistas/práticos. Seguindo este ordenamento os dados foram apresentados. Neste capítulo também adota-se esta seqüência, porém são salientados os aspectos comuns entre a análise dos valores das organizações APRENDER, Instituto Ambiental Ratonos, Associação Amigos do Parque da Luz e Fundação Lagoa.

5.1.1 Missão

Para avaliar a dimensão missão, identificou-se o contexto de ação das atividades realizadas pelas organizações analisadas. A evolução dos motivos iniciais de formação da organização e a independência da organização a respeito de atividades próprias do 1º ou 2º setor, foram identificados pelas declarações dos membros entrevistados e corroborados com informação formal que a organização disponibilizou.

Dentre as organizações analisadas, a APRENDER nasceu da iniciativa de um dos membros fundadores, com o intuito de realizar atividades na “preservação” do meio ambiente, isto é, gestão adequada e planejada dos recursos naturais, melhoria da qualidade de vida e incluir atividade profissional no trabalho da ONG.

O Instituto Ambiental Ratores foi criado para desenvolver trabalhos numa área que, na data de fundação, ainda não contava com os profissionais e técnicos para fazê-lo: o meio ambiente, lacuna que foi identificada pelos fundadores, os quais como indivíduos comprometidos com a ciência e técnica não são ativistas, são primeiramente profissionais da área ambiental; que com a criação da organização viram facilitada a captação de recursos e a representação dos membros diante a sociedade.

A Associação Amigos do Parque da Luz foi formada a partir da existência de uma outra organização chamada Vidart, que de início atuou como mecanismo de proteção para seus membros diante pressões de instituições públicas. Atualmente tem um papel de vigia pelo cuidado que assume com um bem considerado da coletividade, através do tombamento da Ponte Hercílio Luz e seu entorno o atual Parque da Luz. Este parque fica assim preservado da especulação imobiliária através da garantia de presença física do local considerado área verde para uso posterior na recuperação e conservação de fauna e flora nativas. Seus membros são ativistas, mas estão apresentando sinais de começar uma etapa de transição para tornarem-se profissionais.

A Fundação Lagoa assume seu papel de ativismo na reivindicação dos direitos do cidadão para a comunidade que mora ao redor da Lagoa de Conceição, na medida em que suas ações se caracterizam por pleitear a qualidade de vida da coletividade, como por exemplo, quando atua na defesa pela conservação dos ecossistemas e quando busca manter a tranqüilidade da vida urbana. Nessa atuação preocupa-se por envolver diferentes associações de moradores de bairro.

Dos dados obtidos identificou-se que na APRENDER há uma tendência pela profissionalização das atividades voltadas para atingir seus objetivos; com esse fato ficariam-se assemelhando com o Instituto Ambiental Ratores organização que definiu-se do início como profissional. A Associação Amigos do Parque da Luz está voltada mais para atividades de cunho voluntário, mas que poderiam vir a se tornar profissionais, a Fundação Lagoa definiu-se como ativista desde o início.

Sobre como foi a evolução dos objetivos, a APRENDER teve duas etapas uma primeira de ativismo e outra de uma profissionalização de atividades, mas não mudou seus objetivos iniciais, o que aconteceu foi uma mudança dos meios para atingi-los.

O Instituto Ambiental Ratores também teve uma mudança, mas não de objetivos iniciais, senão do raio de abrangência deles. Nesse sentido, a organização está caminhando

para uma globalização de suas atividades e que desde o início definiram-se profissionais.

A Associação Amigos do Parque da Luz tem como ponto de partida o cuidado do patrimônio e a partir daí começa uma integração com o meio ambiente natural, linha de ação que não mudou.

Na Fundação Lagoa aconteceu uma mudança, mas dos membros fundadores que afastaram-se por conflito de interesses com os membros de convicção e militância ambiental.

Sobre a existência de algum grau de identificação com atividades próprias do primeiro ou segundo setor que alguma das organizações pesquisadas tivesse de maneira inerente, a APRENDER não manifestou alguma tendência quando identifica que os responsáveis pelo cuidado do meio ambiente são o governo, as empresas e a sociedade civil, mas que a maior magnitude corresponde ao governo, por seu papel de gestor dos recursos naturais, e é responsabilidade da coletividade exigir do governo que cumpra sua função. Mas identificou-se uma leve tendência em questionar o papel do governo como gestor e ter responsabilidade em compartilhar a gestão com a sociedade.

O Instituto Ambiental Ratonos considerou que todos os setores estão envolvidos com o cuidado do meio ambiente e a coletividade tem de ter iniciativa para buscar solução dos problemas comuns, por isso a existência da organização. Isto poderia ser indicativo de uma tendência na organização para desenvolver atividades que são funções próprias do primeiro setor. Também tem a tendência de ser considerada como empresa porque fornece serviços num setor do mercado, mesmo que seja na área sócio-ambiental.

A Associação Amigos do Parque da Luz considerou que a responsabilidade com o cuidado do meio ambiente é dos três setores, mas em maior escala ao setor do governo pelo fato de ser uma instituição que tem como finalidade fazer cumprir os direitos da coletividade.

Para a Fundação Lagoa a responsabilidade e preocupação com o cuidado do meio ambiente é uma atividade que envolve os três setores, mas há uma responsabilidade do governo como ente regulador em fiscalizar que cada setor cumpra com suas responsabilidades. Conclui-se, no que se refere a estas organizações, que:

***APRENDER:** pertence à categoria de *stricto sensu*, é de cunho profissional, com a tendência de questionar o papel do governo como único gestor dos recursos naturais e que essa atividade teria de ser compartilhada, preocupados com a preservação dos recursos naturais.*

***Instituto Ambiental Ratonos:** pertence à categoria de sócio-ambientalismo, é de cunho*

profissional, com tendências para desenvolver atividades próprias do governo através do envolvimento de projetos, e com tendências de ser considerado do segundo setor por atender necessidades do mercado na área sócio ambiental, mais preocupados com a questão social.

***Associação Amigos do Parque da Luz:** pertence à categoria de *stricto sensu*, é de cunho ativista, desenvolve suas atividades por voluntarismo, apresenta a tendência de ruptura do voluntarismo para tornar-se profissional, preocupados com o cuidado e preservação de monumentos histórico paisagísticos que integram o social e ambiental.*

***Fundação Lagoa:** pertence à categoria de *stricto sensu*, é de cunho ativista, desenvolve suas atividades por voluntarismo, e não apresenta tendência de mudar seu status, preocupados com a defesa do meio ambiente.*

Fazendo um elo com a tipologia desenvolvida por Eduardo Viola (1992), sobre o multissetorialismo complexo, das quatro organizações pesquisadas de maneira geral, três correspondem à categoria de *stricto sensu*, com diferenças a respeito do caráter de profissionalização das atividades, e uma corresponde com à categoria de sócio-ambientalismo.

5.1.2 Visão do mundo (ética ecológica)

Para avaliar a dimensão visão do mundo (ética ecológica), identificou-se as posições sobre a relação do homem com a natureza e seu reflexo na organização e a relação do homem com a sociedade. Também verificou-se o grau de identificação com alternativas propostas pelas distintas correntes do ambientalismo.

Da **relação homem-natureza**, dentre as quatro organizações analisadas, os membros entrevistados da:

APRENDER: estão fortemente identificados com o princípio de Inclusão sendo manifestado no Biocentrismo, o qual considera a existência da interligação do ser humano com a natureza sendo parte do todo. Este pensamento é também refletido na organização APRENDER, através dos tipos de atividades que ela desenvolve.

Instituto Ambiental Ratoles: estão identificados com o princípio de Inclusão

sendo manifestado no Biocentrismo, porque consideram a existência da integração do ser humano com a natureza e não dissociada dela, fazendo parte de um todo. Não pode-se afirmar que esse pensamento tem um construto real com a criação e estruturação da organização Instituto Ambiental Ratonés, ainda que os princípios do Biocentrismo possam nortear suas diretrizes de atuação.

Associação Amigos do Parque da Luz: estão fortemente identificados com o princípio de Inclusão expressado no Biocentrismo, ao considerar a existência da integração do ser humano com a natureza e não dissociada dela, fazendo parte de um todo. Pode-se afirmar que esse pensamento tem uma construção real na criação e estruturação da organização Associação Amigos do Parque da Luz, e em seus princípios de nuance ecológica e social.

Fundação Lagoa: estão fortemente identificados com o princípio de Inclusão por compartilhar o pensamento da linha Biocêntrica, quando consideram a natureza, a Terra, com direito a ser respeitada, buscando uma valorização pela espiritualidade e pela reflexão dos cidadãos. Pode-se afirmar que esse pensamento tem uma construção real com a organização Fundação Lagoa através da linha de ativismo que seguem.

Da **relação homem-sociedade**, dentre as quatro organizações analisadas, os membros entrevistados de:

APRENDER: estão fortemente identificados com o princípio de Inclusão, sendo que este princípio se manifesta através da preocupação em priorizar o interesse coletivo sobre o interesse individual.

Instituto Ambiental Ratonés: estão parcialmente identificados com o princípio de Inclusão, também expressado através da priorização dos direitos da comunidade, isto é, o comunitarismo ou coletividade.

Associação Amigos do Parque da Luz: estão identificados com o princípio de Inclusão, expressado através do pensamento de que o bem-estar da coletividade é superior ao interesse individual.

Fundação Lagoa: estão fortemente identificados com o princípio de Inclusão, expressado através do pensamento de que os direitos da comunidade são os que têm de prevalecer sobre os individuais.

Fazendo um elo com a tipologia desenvolvida por Hector Leis e José D'Amato (1996), destas posições obtidas sob a ótica das relações homem-natureza e homem-sociedade, no cruzamento dos princípios da Inclusão concluiu-se que a categoria na qual encaixam as

quatro organizações pesquisadas é delta.

No que concerne a posição dos tipos psicológicos de Carl Jung, as quatro organizações pesquisadas encaixam-se na categoria da intuição porque antepõe o **deve ser**, isto é, tenta-se restituição ou colocação de novos valores veiculados através da educação ambiental e reconhecimento dos direitos cidadãos da comunidade.

Em relação às distintas alternativas para superar o risco de crise ambiental propostas pelas distintas correntes do ambientalismo verificou-se o grau de identificação dos membros entrevistados com embasamento teórico fornecido pela tipologia construída por Guillermo Foladori (2001).

Sobre as tecnologias de pequena escala, das quatro organizações pesquisadas, a organização APRENDER não manifestou nenhum grau de identificação por desconhecimento, o Instituto Ambiental Ratonos e a Associação Amigos do Parque da Luz manifestaram um forte grau de identificação e a Fundação Lagoa manifestou grau parcial de identificação.

Sobre a limitação do crescimento populacional, das quatro organizações pesquisadas, três manifestaram grau de identificação forte, a Associação Amigos do Parque da Luz manifestou certo grau de identificação, com ressalvas.

Sobre uma subordinação da sociedade humana às leis da natureza, as quatro organizações pesquisadas manifestaram um grau forte de identificação.

Sobre ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes, das quatro organizações pesquisadas, APRENDER e Associação Amigos do Parque da Luz estão fortemente identificados, o Instituto Ambiental Ratonos, mesmo demonstrando um certo grau de identificação, faz a ressalva da consciência ecológica e ética. A Fundação Lagoa manifestou grau parcial de identificação.

Sobre o controle da economia pelo estado, das quatro organizações pesquisadas nenhuma mostrou algum grau de identificação, a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratonos colocaram as questões de intuito do controle e mudança do paradigma, mas a APRENDER colocou um possível papel no futuro do estado como gestor de uso dos recursos naturais. A Associação Amigos do Parque da Luz colocou as políticas públicas sócio ambientais, e a Fundação Lagoa colocou a corrupção institucionalizada dos órgãos do governo.

Sobre livre mercado sem participação estatal, das quatro organizações analisadas

nenhuma mostrou algum grau de identificação com esta característica de atribuir ao mercado a função de solucionador dos problemas sócio ambientais ou trazer algum tipo de bem-estar para a sociedade. Destaca-se o Instituto Ambiental Ratonés, que em termos de bens de consumo, considera o mercado como uma alternativa viável. A Associação Amigos do Parque da Luz colocou que o mercado produz bem estar em termos de conforto e a Fundação Lagoa colocou que com conceito de realmente “ser livre” compreendido pela sociedade é possível atingir os benefícios do livre mercado.⁸

Sobre tecnologias limpas ou verdes, das quatro organizações analisadas nenhuma manifestou grau de identificação, todas elas questionaram o fato da tecnologia ser considerada limpa e verde. A APRENDER colocou influência dos mecanismos do mercado para criar necessidade de consumo e falta de seriedade. O Instituto Ambiental Ratonés colocou dúvidas sobre custos ambientais de implementação e diminuição dos excedentes da produção. A Associação Amigos do Parque da Luz colocou-as dentro de uma política sócio-ambiental e a Fundação Lagoa duvidou sobre o intuito de implementação das mesmas.

Sobre orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis, das quatro organizações analisadas, a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratonés manifestaram grau de identificação razoável, a Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa, não manifestaram algum grau de identificação porque hesitaram sobre sua efetividade e intuito de seu uso.

Sobre retorno à natureza selvagem, das quatro organizações analisadas nenhuma delas manifestou possuir algum grau de identificação.

Já a respeito de conformar comunidades auto-suficientes, das quatro organizações analisadas nenhuma manifestou grau de identificação.

Sobre mudança das relações capitalistas de produção, das quatro organizações analisadas, todas elas manifestaram certo grau de identificação, mas esta alternativa faz parte da corrente dos marxistas, os quais são considerados dentro da linha do pensamento antropocêntrico, e os membros das quatro organizações compartilham a linha do pensamento ecocêntrico.

Sobre revolução socialista, das quatro organizações analisadas, a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratonés desde o ponto de vista ecológico não manifestaram nenhum grau de identificação, a Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa manifestaram

⁸ Conferir na fala do entrevistado 8 na página 135.

um certo grau de identificação ao considerar que o modelo poderia dar certo.

Sobre “frear” o desenvolvimento tecnológico e conseqüentemente o crescimento econômico, das quatro organizações analisadas, todas elas não manifestaram um grau de identificação forte com estas alternativas. A APRENDER, o Instituto Ambiental Ratonos, a Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa colocaram que depende mais da ética de quem dirige o modelo de desenvolvimento tecnológico. O Instituto Ambiental Ratonos e a Associação Amigos do Parque da Luz colocaram o custo social caso ocorra uma mudança de modelo econômico. Já a Fundação Lagoa colocou a necessidade de diminuir o consumo de novas tecnologias que são criadas para satisfazer o mercado.

Sobre desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural da linha do conservacionismo, das quatro organizações analisadas, o Instituto Ambiental Ratonos manifestou um grau forte de identificação, a Fundação Lagoa não manifestou nenhum grau de identificação. A organização APRENDER e a Associação Amigos do Parque da Luz manifestaram grau de identificação moderado com a corrente do preservacionismo.

Sobre a redução significativa dos níveis de pobreza, das quatro organizações analisadas, manifestaram um forte grau de identificação: a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratonos as quais colocaram a falta de uma educação adequada como causa de degradação dos ecossistemas. A Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa manifestaram grau parcial de identificação e colocaram que a pobreza é uma questão de educação, cultura e pobreza do espírito.

Sobre o cuidado com a biodiversidade, das quatro organizações analisadas, todas elas manifestaram uma forte identificação com a preservação e cuidado com a diversidade da vida.

Sobre a necessidade de mudança na ideologia de crescimento atual, das quatro organizações analisadas, a Fundação Lagoa manifestou grau forte de identificação, a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratonos manifestaram grau moderado de identificação (hesitaram sobre o rumo da mudança) e a Associação Amigos do Parque da Luz manifestou grau de identificação parcial.

Antes de fazer o elo com a tipologia desenvolvida por Guillermo Foladori (2001) é importante ressaltar que toda tipologia é um modelo que acaba por enquadrar, classificar e simplificar perspectivas distintas. O parâmetro de classificação não é rígido, muitas posturas se cruzam em determinados pontos. Esta tipologia trabalha sob a perspectiva dos pontos de

partida ética do ecocentrismo e do antropocentrismo.

Dadas as observações anteriores, do ponto de partida ético do **ecocentrismo**, a organização APRENDER aproxima-se mais do pensamento da ecologia profunda e do pensamento dos “verdes”. Identifica-se que está incluindo o pensamento dos neomalthusianos quando concorda com a limitação do crescimento populacional.

Há um ponto interessante a assinalar, a APRENDER, quando afirma que pode-se desenvolver, considerando em primeiro lugar as condições básicas que fazem um ecossistema natural seguir funcionando; aproxima-se do pensamento dos conservacionistas, fato que representa uma contradição porque desde a formação dos seus objetivos denotam uma tendência para uma posição **preservacionista**.

Seguindo com as observações anteriores, do ponto de partida ético do **antropocentrismo**, a organização APRENDER apresenta uma certa tendência ao pensamento tecnocentrista do ambientalismo moderado e do pensamento marxista.

A APRENDER está em forte desacordo com o pensamento dos cornucopianos desde que não reconhece o livre mercado como solucionador dos problemas sócio ambientais.

Em um ponto de partida ético do **ecocentrismo**, a organização Instituto Ambiental Ratonés, aproxima-se mais da corrente da ecologia profunda e apresenta uma certa tendência com o pensamento dos verdes. Identifica-se que está incluindo o pensamento dos neomalthusianos quando concorda com a limitação do crescimento populacional.

Continuando com o Instituto Ambiental Ratonés, quando concorda que pode-se desenvolver considerando em primeiro lugar as condições básicas que fazem um ecossistema natural funcionar, assimilar e seguir funcionando mas sem manipulação do conceito essencial para benefícios distintos aos que em realidade corresponda; aproxima-se do pensamento do **conservacionismo**.

Do ponto de partida ético do **antropocentrismo**, a organização Instituto Ambiental Ratonés apresenta uma certa tendência ao tecnocentrismo do ambientalismo moderado e com o pensamento marxista.

O Instituto Ambiental Ratonés está em forte desacordo com o pensamento dos cornucopianos desde que não reconhece o livre mercado como solucionador dos problemas sócio ambientais.

Em relação ao ponto de partida ético do **ecocentrismo**, a organização Associação Amigos do Parque da Luz, aproxima-se mais do pensamento da ecologia profunda e do

pensamento dos “verdes”. Identifica-se que está incluindo o pensamento dos neomalthusianos quando concorda com a limitação do crescimento populacional.

Esta organização, na medida em que concorda com o desenvolvimento, considerando prioritariamente as condições básicas que fazem um ecossistema natural funcionar, aproxima-se do pensamento **preservacionista**.

Desde o ponto de partida ético do **antropocentrismo**, a organização Associação Amigos do Parque da Luz apresenta uma certa tendência com o pensamento tecnocentrista do ambientalismo moderado e com o pensamento marxista.

A Associação Amigos do Parque da Luz está em forte desacordo com o pensamento dos cornucopianos desde que não reconhece o livre mercado como solucionador dos problemas sócio ambientais.

Desde o ponto de partida ético do **ecocentrismo**, a organização Fundação Lagoa, aproxima-se mais do pensamento da ecologia profunda e apresenta uma certa tendência ao pensamento dos “verdes”. Identifica-se que está incluindo o pensamento dos neomalthusianos quando concorda com a limitação do crescimento populacional.

A Fundação Lagoa está em forte desacordo com o pensamento do **conservacionismo** quando não reconhece que é possível um desenvolvimento mantendo as características essenciais do habitat natural.

Desde o ponto de partida ético do **antropocentrismo**, a organização Fundação Lagoa apresenta uma certa tendência com o pensamento tecnocentrista do ambientalismo moderado e com o pensamento marxista.

A Fundação Lagoa está em forte desacordo com o pensamento dos cornucopianos desde que não reconhece o livre mercado como solucionador dos problemas sócio ambientais.

Conclui-se que do ponto de partida ético do **ecocentrismo**, das quatro organizações analisadas, todas elas aproximam-se mais do pensamento da ecologia profunda, e concordam plenamente com o pensamento neomalthusiano; a APRENDER mostra um conflito entre as posições conservacionista e preservacionista; o Instituto Ambiental Ratonos aproxima-se fortemente com o pensamento conservacionista; a Associação Amigos do Parque da Luz aproxima-se do pensamento preservacionista e a Fundação Lagoa não concorda com o pensamento conservacionista;. A organização APRENDER e a Associação de Amigos do Parque da Luz aproximam-se fortemente do pensamento dos verdes, e o Instituto Ambiental Ratonos e a Fundação Lagoa apresentam uma certa tendência para o pensamento dos

“verdes”.

Do ponto de partida ético do **antropocentrismo**, das quatro organizações analisadas três delas apresentam uma certa tendência com o pensamento do ambientalismo moderado, a APRENDER aproxima-se mais do pensamento tecnocentrista do ambientalismo moderado; todas elas apresentam uma certa tendência com o pensamento marxista, e todas elas apresentam um desacordo total com o pensamento dos cornucopianos.

5.1.3 Valores individualistas/práticos

Para avaliar a dimensão valores individualistas/práticos, verificou-se os distintos tipos de reconhecimento e os distintos tipos de trabalho que desenvolvem os membros de cada uma das organizações pesquisadas.

Dos distintos tipos de reconhecimento, das quatro organizações analisadas, três delas apresentam claramente uma característica de satisfação pessoal pela atividade desenvolvida; o Instituto Ambiental Ratores apresenta uma tendência para o retorno de satisfação de tipo profissional.

Em relação aos tipos de trabalho duas delas, a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratores, apresentam duas modalidades: trabalho remunerado por participação em projetos como profissionais e trabalho voluntário; a Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa só contemplam trabalho de tipo voluntário.

Conclui-se que, a partir destas observações, que das organizações estudadas a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratores são do tipo profissional e a Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa são do tipo ativistas e militantes ambientais.

5.2 Práxis

Em capítulo anterior foi feita a descrição da práxis em cada uma das organizações pesquisadas separadamente. A análise da categoria complementar práxis foi realizada através da dimensão de estratégia de ação. Neste capítulo também adota-se esta seqüência, porém são salientados os aspectos comuns entre a práxis da APRENDER, do Instituto Ambiental

Ratones, da Associação Amigos do Parque da Luz e Fundação Lagoa.

5.2.1 Estratégia de ação

Para avaliar a dimensão estratégia de ação, identificou-se a existência de algum tipo de planejamento de ações, a diversificação de objetivos, a avaliação da viabilidade de projetos, a realização de parcerias, a autonomia de funcionamento e a comunicação de suas ações.

Em relação à existência de algum tipo de planejamento de ações, das quatro organizações analisadas, identificou-se que só o Instituto Ambiental Ratones conta com uma planificação de atividades para executar as ações de maneira anual; a APRENDER não conta com essa articulação, contudo desenvolve planejamento de ações para cada projeto que realiza. A Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa não tem planejamento de ações, o que existe para a primeira é um planejamento técnico.

Sobre a diversificação de objetivos, todas as organizações analisadas desenvolvem diferentes atividades que extrapolam o cuidado e preservação do meio ambiente, mas que também estão interligados com ele.

Sobre a avaliação da viabilidade de projetos, todas as organizações analisadas tem distintos critérios para escolher qualquer projeto, a APRENDER tem a tendência de dar continuidade a um projeto em andamento; o Instituto Ambiental Ratones que compartilha da mesma tendência, manifestou uma forte dose de pragmatismo nas escolhas; a Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa não manifestaram algum critério em particular para escolher algum projeto. Assinala-se que, para todas as organizações independentemente da escolha, os projetos devem estar enquadrados aos limites impostos pelos objetivos de cada uma.

Sobre a realização de parcerias, todas as organizações analisadas resolvem formar alianças, duas delas manifestaram não ter objeções sobre a procedência do parceiro seja do primeiro ou do segundo setor, a Associação Amigos do Parque da Luz, manifestou ter um só acordo formal com a empresa privada; e a Fundação Lagoa apresentou objeções sobre se a procedência do parceiro é do segundo setor. Todas estas organizações fazem parte de algum tipo de rede, seja nacional ou internacional de ONG's.

Sobre a autonomia das quatro organizações analisadas, a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratonos apresentaram algum tipo de influência externa no funcionamento normal como organização a qual provém dos parceiros dos projetos, as duas organizações informaram da necessidade de flexibilizar os limites dos seus objetivos durante as etapas de negociação de estabelecimento de parcerias. As outras duas organizações manifestaram pressões externas por parte dos atores sociais com os quais tem que se relacionar.

Sobre a comunicação de suas ações identificou-se sua existência no ambiente interno e externo à organização.

Das quatro organizações analisadas a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratonos manifestaram apresentar algum tipo de relatório tanto para os parceiros dos projetos como para os membros internos, o IAR de uma maneira mais formal e planejada, a Associação Amigos do Parque da Luz manifestou apresentar relatório ao interior da organização e a Fundação Lagoa até a data da pesquisa não apresenta relatório seja externo ou interno à organização.

5.3 Ideologia e Práxis

Nesta seção são apresentados os principais elementos que constroem a ideologia e a práxis das quatro organizações analisadas e procura-se estabelecer uma relação entre elas, considerando-se como limite a abrangência dos objetivos em cada uma.

Sobre como estruturam **operacionalizar as ações** para atingir os objetivos propostos, considerou-se como indicadores o planejamento de ações, a diversificação de objetivos, a viabilidade dos projetos, a formação de alianças estratégicas, a autonomia do funcionamento e a comunicação das ações.

Sobre o **planejamento**, das quatro organizações analisadas, três delas elaboram algum tipo de plano de ações enquadrado dentro dos limites de seus objetivos, mas não todas o fazem de maneira regular. A Fundação Lagoa é a organização que não elabora nenhum plano de ações.

Sobre a **diversificação de objetivos**, as quatro organizações pesquisadas, tem uma abrangência maior que somente o cuidado com o meio ambiente, todas elas incluem o fator social isto é, a representação dos grupos humanos na integração de um único fator o

sócio-ambiental. Nenhuma delas manifestou algum objetivo fora da dimensão sócio-ambiental.

Sobre a **viabilidade de projetos**, das quatro organizações pesquisadas, o Instituto Ambiental Ratonos manifestou uma dose de pragmatismo muito forte no momento da escolha, o que poderia considerar-se como indicativo de uma tendência para o segundo setor, porque vai começar um período de priorização de alguns projetos sobre outros, dependendo do retorno econômico que possa vir no futuro. Mesmo que não fosse gerar lucros, mas por razões básicas como manutenção operativa e administrativa da organização.

As outras três organizações não manifestaram algum tipo de priorização sobre projetos, isto pode ser explicado pela própria maneira de definir os projetos: conforme seu surgimento.

Sobre as **parcerias**, das quatro organizações analisadas, a APRENDER e o Instituto Ambiental Ratonos manifestaram a intenção de flexibilizar a abrangência dos objetivos, na etapa de negociação, para formar alianças com os possíveis parceiros, mas na medida em que não extrapolassem os princípios considerados fundamentais pela organização. As outras duas organizações, Associação Amigos do Parque da Luz e Fundação Lagoa, não manifestaram alguma tendência pela flexibilizar seus objetivos quando tentam estabelecer alguma parceria.

Sobre o grau de **autonomia** de funcionamento da organização versus influências externas e pressão por parte dos parceiros e dos atores sociais do entorno, a APRENDER manifestou de maneira parcial que desde o começo da etapa de negociação já se observa uma ruptura com o funcionamento normal da organização. Na medida em que as atividades normais começam a apresentar mudança, há sinais de que algum tipo de interferência está acontecendo. Este fato não representa necessariamente alguma influência na tomada de decisão no interior da organização.

O Instituto Ambiental Ratonos evidenciou durante a etapa de negociação, a tendência de flexibilizar o grau de abrangência dos seus objetivos, o que também não estaria representando alguma influência nas tomadas de decisão ao interior da organização, segundo os entrevistados. Mas percebeu-se um certo desconforto com a existência desta influência, ou desencontro dos objetivos da organização com os interesses dos possíveis parceiros, fato que foi exemplificado com a saída retiro do Instituto Ambiental Ratonos da rede FEEC, quando a tolerância para a flexibilização dos limites dos objetivos ultrapassou seu nível máximo.

Aparentemente o fato desses objetivos estarem baseados nas correntes do pensamento ambientalista, com as quais concordam, desenvolveu no interior da organização uma filosofia com características próprias que sinaliza seus próprios limites como organização.

As outras duas organizações AAPLuz e Fundação Lagoa não evidenciaram a existência de alguma influência externa proveniente de parcerias, porque elas não existem de maneira formal Mas ficou evidenciada uma pressão externa que provém dos outros atores sociais com o intuito de impor seus interesses no interior de cada organização.

Considerando como restrição os limites dos objetivos versus o planejamento de ações para atingi-los, das quatro organizações analisadas; a APRENDER não apresentou tendência de extrapolar esses objetivos. Esta primeira assertiva fundamentou-se na avaliação dos indicadores acima descritos, os quais não demonstram evidência em grau suficiente de algum interesse externo que não concorde com seus objetivos. O que foi identificado é uma tendência pela negociação para flexibilizar o grau de abrangência dos objetivos. A APRENDER, na perspectiva das falas dos entrevistados, está muito próxima do pensamento da ecologia profunda e dos verdes, o que poderia explicar porque não excede seus limites negociando com os possíveis parceiros os termos dos acordos. Também é considerada a diversificação dos objetivos, os quais estão ligados sempre com a preservação dos recursos naturais. Considerou-se na fundamentação também, o fato dos membros da organização desenvolverem projetos sobre esses objetivos, sem evidenciar sinais de desqualificá-los por pragmatismo, ou falta de apoio para concretizá-los, o que não indica também que não houvesse acontecido e sobre o qual não se dispunha de informação suficiente para emitir uma opinião. Outrossim, a aliança estabelecida com Petrobrás e IBAMA para trabalhar em parceria sobre a gestão da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo é uma amostra de como a ideologia do pensamento ambientalista que predomina na filosofia da organização lhes dá a liberdade de trabalhar com um ente governamental e uma empresa porque compartilham as características de diferentes correntes. Isto lhes dá a flexibilidade necessária para desenvolver suas atividades sem descuidar de seus limites no mercado.

O Instituto Ambiental Ratoles, também não apresentou alguma tendência de extrapolar seus objetivos. Esta assertiva fundamenta-se-se na avaliação feita nos indicadores acima descritos, os quais não demonstram evidência em grau suficiente da existência de algum interesse externo ou que não esteja de acordo com objetivos. Identificou-se uma tendência, durante a fase de negociação das parcerias, para flexibilizar o grau de abrangência

dos objetivos. O Instituto Ambiental Ratoes demonstrou, na percepção dos entrevistados, estar próximo do pensamento da ecologia profunda e do conservacionismo.

Também considerou-se diversificação dos objetivos, os quais sempre estiveram relacionados com a busca de soluções para a problemática do meio ambiente. Considerou-se também, o fato dos membros da organização desenvolverem projetos dentro do raio de abrangência dos objetivos, mas sempre com uma dose de pragmatismo, o qual se traduz num fator significativo para decidir quais projetos priorizar. Pode-se apontar que esse fato indicaria uma tendência por viabilidade dos projetos baseada não em tempo de realização, fontes de financiamento, apoio técnico e logístico, senão em termos econômicos, o qual pode interpretar-se como característica de uma empresa, dedicada a desenvolver trabalhos na área sócio-ambiental. Outrossim, a parceria internacional com Willoughby City Council da Austrália é um indicador do início de expansão internacional de atividades da organização, o que em termos de cooperação e troca de conhecimento é uma vantagem, dentro do mundo globalizado.

A Associação Amigos do Parque da Luz e a Fundação Lagoa, não apresentaram nenhuma tendência de vir a extrapolar seus objetivos por pressões externas. Este julgamento está fundamentado na avaliação feita dos indicadores descritos anteriormente, os quais não demonstram a existência de algum interesse externo que não esteja de acordo com os objetivos. Se considerou como razão para fundamentar esta assertiva o fato das duas organizações estarem mais identificadas com o ativismo que as duas primeiras. As diferenças apresentadas são de tipo instrumental, para operacionalizar suas ações. Do ponto de vista ético do ecocentrismo, na percepção dos seus membros, estão muito próximos do pensamento da ecologia profunda, pelo qual não excedem esses limites. Também considerou-se diversificação dos objetivos; para a Associação Amigos do Parque da Luz, é integrar os conceitos do patrimônio histórico e paisagístico com base no fator sócio-ambiental, através da educação ambiental. Para a Fundação Lagoa é integrar o resgate cultural e manifestações de arte para apoiá-los enquanto movimento.

Assinala-se que pelo fato dos objetivos existentes no interior de cada organização pesquisada, segundo a percepção dos seus membros entrevistados, estarem baseados nas correntes de ideologia do ambientalismo, desenvolvem uma filosofia com características próprias, a qual marca os limites e as caracteriza como organização.

6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1 Conclusões

Estas conclusões estão baseadas na análise dos dados obtidos através dos depoimentos dos membros entrevistados em cada uma das organizações.

As diferentes correntes do pensamento ambientalista estão disseminadas no interior das quatro organizações pesquisadas. Identificou-se a predominância de algumas características de várias das correntes de maneira constante na maioria das organizações, diferenciadas pelo grau de apropriação que cada uma faz delas. Cada organização constrói as dimensões da missão baseada em distintas correntes, não existe a exclusividade de tal ou qual corrente.

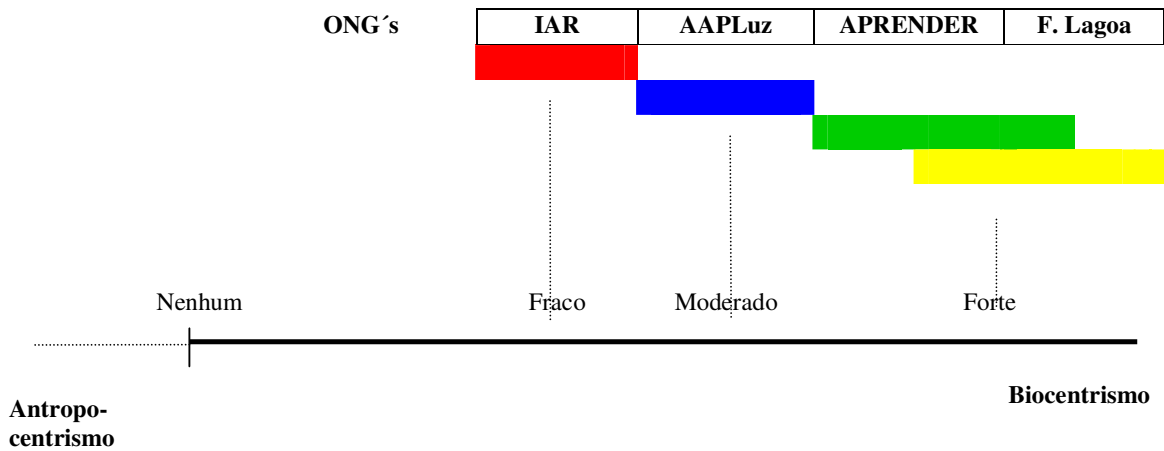
A seguir se apontam quais são as ideologias predominantes que foram identificadas no interior de cada organização analisada e consideradas na fundamentação teórica.

Dentro da abordagem da tipologia do multissetorialismo complexo de Eduardo Viola (1992), identificou-se o predomínio do ambientalismo de tipo *stricto sensu*, porque foram identificadas três organizações: APRENDER, Associação Amigos de Parque da Luz e Fundação Lagoa; e uma do tipo sócio ambientalista o Instituto Ambiental Ratonés. Assinala-se que nesta organização influenciou o fato de ser criada com o intuito de desenvolver trabalho profissional na área do meio ambiente.

Faz-se uma ressalva em relação a esta tipologia na medida em que apresenta ambigüidade entre duas categorias: *stricto sensu* e sócio ambientalismo. Todas as organizações pesquisadas são consideradas ONG's fato que as colocaria na linha do sócio ambientalismo, mas optou-se empregar como critério de diferenciação o tempo de existência e ativismo da organização.

Da abordagem da tipologia da ética ecológica considerando os princípios de inclusão e exclusão de Hector Leis e José D'Amato (1996), (Quadro5. Grau de Identificação das ONG's analisadas com a categoria delta), identificou-se uma forte identificação na relação homem-natureza e homem-sociedade com o ambientalismo da categoria delta nas organizações: Fundação Lagoa e APRENDER sendo evidenciada uma identificação mais

forte na organização Fundação Lagoa, uma identificação em grau moderado na organização Associação Amigos do Parque da Luz, e uma identificação fraca no Instituto Ambiental Ratonés. Assinala-se a característica mais comum, dentro de todas as organizações, de mudar valores no interior da sociedade humana.



Quadro 5: Grau de Identificação das ONG's analisadas com a categoria delta
 Fonte: A autora

Também é complementada pelo tipo psicológico (de Carl Jung) considerado pelos autores, nas quatro organizações pesquisadas foi identificada categoria da intuição porque antepõe o dever ser ao que é, quando se trata de semear novos valores ou mudar os arraigados ao interior da sociedade.

Desde a abordagem da tipologia da ética ecológica sob as linhas do pensamento do ecocentrismo e do antropocentrismo na tipologia construída por Guillermo Foladori (2001), (Quadro 6. Grau de Identificação das Organizações analisadas com as linhas do pensamento ecocentrista e antropocentrista) identificou-se desde a posição do **ecocentrismo**, nas quatro organizações pesquisadas, uma forte aproximação com a corrente do pensamento da ecologia profunda, dos neomalthusianos, e os verdes.

O Instituto Ambiental Ratonés se aproxima do conservacionismo, a Fundação Lagoa não apresenta nenhum grau de identificação com esta corrente e a APRENDER e Associação Amigos do Parque da Luz manifestaram uma tendência moderada pelo **preservacionismo**.

Em relação ao **antropocentrismo**, das quatro organizações pesquisadas identificou-se uma tendência moderada pelo pensamento da corrente dos tecnocentristas do

ambientalismo moderado e dos marxistas. E nenhum grau de identificação com o pensamento da corrente dos cornucopianos.

Linha do Pensamento Ambientalista		Nenhum	Fraco	Moderado	Forte
Ecocentristas	Ecologia Profunda				
	Preservacionistas				
	Neomalthusianos				
	Verdes				
Antropocentristas	Tecnocentrista de Ambientalismo Moderado				
	Cornucopianos				
	Marxista				
	Conservacionistas				
APRENDER		IAR	AAPLuz	FLagoa	

Quadro 6. Grau de Identificação das Ong's analisadas com as linhas do pensamento ecocentrista e antropocentrista.

Fonte: a autora.

O pensamento do ambientalismo nas organizações pesquisadas está presente através da missão e visão do mundo (ética ecológica) e valores individualistas/práticos. Isto é, cria-se um conjunto de crenças compartilhadas pelos membros de maneira quase homogênea. Assinala-se que pelo fato dos objetivos existentes no interior de cada organização pesquisada, segundo a percepção dos seus membros entrevistados, estarem baseados nas correntes de ideologia do ambientalismo, desenvolvem uma filosofia com características próprias, a qual marca os limites como organização

As ações práticas de cada organização analisada estão restritas aos limites que seus objetivos sinalizam, não obstante, há uma tendência pela flexibilização desses limites, com o intuito de facilitar a realização de parcerias, estabelecendo um ponto de equilíbrio dos interesses particulares de cada participante nessa, o que poderia vir a significar uma interferência no normal funcionamento da organização.

Procurou-se, de maneira complementar, estabelecer uma relação entre a ideologia predominante nas quatro organizações pesquisadas e a prática. Nesse sentido ainda faltam

mais elementos de análise para emitir uma opinião com argumentação mais sólida. De maneira inicial pode-se apontar que para pôr em prática os princípios e conteúdos na missão de cada organização, a exceção do Instituto Ambiental Ratores, as demais organizações não contam com planificação de atividades, o planejamento é feito sobre os projetos em andamento que são aprovados, a área de atuação do projeto é sinalizada pelos limites expressos nos objetivos. Estas atividades são de conhecimento dos membros internos veiculadas através de relatórios informais sem padronização, ou em reuniões. Externamente as informações são veiculadas através de relatórios formais quando solicitado por terceiros.

Identificou-se como característica comum nas quatro organizações pesquisadas, o intuito de semear e/ou mudar os valores arraigados existentes ao interior da sociedade. O mecanismo citado por todas elas é a “educação ambiental“, apoiada em atividades culturais, e pedagógicas, sensibilizando as pessoas para o termo ambiental.

Percebeu-se a preocupação com o desenvolvimento do exercício da cidadania, porque a sociedade civil precisa se organizar e agir pelo reconhecimento dos seus direitos.

Foi identificada uma tendência pela extensão do raio de ação, por compartilhar e trocar experiências e conhecimento de um âmbito local para o global.

Também identificou-se uma preocupação pelo reconhecimento e inclusão como uma prioridade na elaboração das políticas públicas do governo, do fator sócio-ambiental, porque é o gestor dos recursos naturais da sociedade.

Aponta-se uma tendência, nas ONG's ativistas, para um período de possíveis transições de um trabalho simplesmente voluntário para inclusão do trabalho profissional, mas isso não deve ser necessariamente interpretado como sinônimo de desligamento do ativismo e/ou voluntarismo para vir a tornar-se empresa.

6.2 Recomendações

O presente estudo buscou apresentar contribuições para a compreensão do pensamento das Ong's de atuação ambientalista mediante identificação da ideologia predominante no interior de cada organização analisada. No decorrer da pesquisa surgiram muitas questões e inquietudes, pelo qual sugere-se que sejam realizados estudos:

- aprofundar a pesquisa na relação de práxis e ideologia, aqui tentou-se dar um passo inicial, de maneira complementar porque o intuito na presente pesquisa foi outro, mas seria interessante identificar se as ONG's ambientalistas do terceiro setor, desenvolvem suas atividades não só dentro das correntes do pensamento ambientalista, senão também considerar os conceitos do Desenvolvimento Sustentável e Ecodesenvolvimento, dos quais sobretudo o primeiro são marco referencial para enquadrar as diretrizes das políticas públicas (sócio ambientais), porque são atores sociais que começam a ser reconhecidos pela sociedade.
- colocar questões aprofundando a pesquisa sobre se as Ong's ambientalistas de Florianópolis surgem por uma preocupação verdadeira com a questão sócio-ambiental ou por uma necessidade do mercado. Isto é, identificar se elas fazem parte do movimento ambientalista segundo os estudos dos diversos autores.
- aprofundar a pesquisa sobre a práxis das ONG's ambientalistas sob a ótica do Desenvolvimento Sustentável e Ecodesenvolvimento.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTVATER, Elmar. **O preço da riqueza: pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial.** São Paulo: UNESP, 1995.

ALEXANDRE, Agripa. **A Perda da Radicalidade do Movimento Ambientalista Brasileiro: uma contribuição à crítica do movimento.** Blumenau: Edifurb Editora da UFSC, 2000.

BABBIE, E. **The practice of social research.** California: Wadsworth Publishing company, 1998.

BAILEY, Michael. Levantamento de fundos no Brasil – Principais implicações para as Organizações da Sociedade Civil e ONG's internacionais. **Cadernos ABONG.** Campinas SP, n.27, p. 87-106, maio/2000.

BRUSEKE, Franz Josef. **O Problema do Desenvolvimento Sustentável.** In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável.** São Paulo. 2 ed.: Cortez, 1998.

BRUYNE, P. de et al. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUNGE, Mario. **Epistemologia: curso de atualização.** São Paulo: Editora da USP, 1980.

BUNN, Maria C. **Os Novos Movimentos Sociais e a Ciência Social: Transformações para além da superfície no movimento ecológico.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1990.

CASTRO, C.M. **A prática da pesquisa.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

CAVALCANTI, Clóvis. **Sustentabilidade da Economia: Paradigmas Alternativos de Realização Económica.** In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável.** São Paulo. 2a. ed.: Cortez, 1998.

COMTE, Augusto. **Discurso sobre o espírito positivo.** 2a. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CONFERENCIA DE LAS NACIONES UNIDAS SOBRE EL MEDIO AMBIENTE Y EL DESARROLLO. Declaración de Rio sobre Medio Ambiente y Desarrollo. Disponível em: www.medioambiente.gov.ar Acesso em: 01 jul. 2003.

CRESPO, Samyra (Org) **Pesquisa O que o Brasileiro pensa do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável.** Instituto de Estudos da Religião – ISER, Secretaria de Qualidade Ambiental nos Assentamentos Humanos, Ministério do Meio Ambiente – MMA. Rio de Janeiro, Brasília, 2002.

- CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 14a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHIZZOTTI, A **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- DIEGUES, Antônio Carlos. **Desenvolvimento sustentado, gerenciamento geoambiental e o de recursos naturais**. Cadernos da FUNDAP – São Paulo, v. 9, Nº 16 págs. 33-45, jun/1989.
- DORNELES, Simone Bochi. **Autogestão e Racionalidade Substantiva**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.
- DRUCKER, Peter. **Administração de organizações em fins lucrativos; princípios e práticas**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.
- DUPUY, Jean-Pierre. **Introdução à Crítica da Ecologia Política**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1980.
- DURHAM, Eunice. **Movimentos sociais: a construção da cidadania**. Novos Estudos CEBRAP, nº 10, pp. 24-30, 1984.
- DURKHEIM, Emile. **Regras para o Método Sociológico**. 7a., ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- EIR (Executive Intelligence Review). **A Máfia Verde: O ambientalismo a serviço do governo mundial**. 6a. ed. Rio de Janeiro: Capax Dei Editora Ltda., 2003.
- FERNANDES R.C. **O que é Terceiro Setor?** In: IOSCHPE, Evelyn Berg (Org.). 3ro. Setor: Desenvolvimento Social Sustentado. Editora Paz e Terra, 1997.
- FISCHER, Rosa M^a e FALCONER, Andrés. Desafios de parceria governo e terceiro setor. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.33, n.1, p. 12-19, janeiro/março 1998.
- FLACH, Leonardo. **Organizações Não Governamentais Ambientalistas existentes em Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Estágio (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.
- FOLADORI, Guillermo. **Una tipología del pensamiento ambientalista. Sustentabilidad desacuerdos sobre el desarrollo sustentable**. Cap. III, p. 81-128. Ed. Pierre, N. & Foladori, G. Montevideo: Trabajo y Capital, mimeo, 2001.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. 6^a ed. Montevideo: Ediciones del Chanchito, 1999.
- _____ **Úselo y tírelo: El mundo visto desde una ecología latinoamericana**. 6^a ed. Buenos Aires: Planeta, 2003.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1994.

GIGLO, Nicolo. **La dimensión ambiental en el desarrollo de América Latina**. Santiago: Naciones Unidas CEPAL, 2001.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

_____ Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GONÇALVES, Carlos. W. **Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1996.

GUNDERSON, Lance H. Adaptive dancing: interactions between social resilience and ecological crises. In: F. Berkes, J. Colding & C. Folke (Eds.) **Navigating social-ecological systems**. Building resilience for complexity and change. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 33-52, 2003.

GUTBERLET, J. **Produção Industrial e Política Ambiental: Experiências de São Paulo e Minas Gerais**. Pesquisas n. 7. São Paulo: Editora da Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 1968.

_____ **Teoria de la Acción Comunicativa Tomo 1**. Buenos Aires: Taurus, 1990.

HOBBS, Thomas. **Leviatán**. 2ª ed.: Madrid: Editora Nacional, 1980.

HUDSON, Mike. **Administrando Organizações do Terceiro Setor**. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda, 1999.

INGLEHART, Ronald. Values, ideology and cognitive mobilization in new social movements. In: Dalton, Russell e Kuechler, Manfred (Org) **Challenging the political order: new social and political movements in western democracies**. New York: Oxford University Press, pp. 43-66, 1990.

JOLLIVET, M. e PAVÉ, A. **O meio ambiente: Questões e perspectivas para a pesquisa**. In: VIEIRA, Paulo; WEBER, Jacques (Orgs.) **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento**. Novos desafios para a pesquisa ambiental. São Paulo: Cortez, 2000.

KAISER, Jakzam. **Florianópolis: ilha de sonhos**. 3a. ed. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2004.

KERLINGER, F.N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EDUSP, 1980.

LAKATOS, E.V. e MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Saber Ambiental**. 2 ed. São Paulo: Vozes, 2001.

LEIS, Héctor. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes; Santa Catarina : UFSC, 1999.

_____. **Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial**. In: Vários autores. Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais. São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 1995, pp. 15-43.

LEIS, Hector e D'AMATO, José L. **Para uma teoria das práticas do ambientalismo**. In: LEIS, Hector Ricardo. O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização. São Paulo: Gaia; Blumenau, SC: Fundação Universidade de Blumenau, 1996, pp. 113-142.

LEON, Yvonne. **Principales movimientos ambientales en el mundo. Importancia de su presencia y de su presión**. Revista Faces – Universidad de Carabobo, año 12, N° 21 p. 117-121, dic. 2001/jun. 2002.

MAIMON, D. **A Economia e a Problemática Ambiental**. In: VIEIRA, Paulo; MAIMON, Dalia (Orgs.) As Ciências Sociais e a Questão Ambiental: Rumo à Interdisciplinaridade. Rio de Janeiro: APED, 1993.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1986.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. 6ta. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MARINHO, Pedro. **A Pesquisa em ciências humanas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

MEADOWS, Dennis L. **Limites do Crescimento**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

MC CORMICK, John. **Rumo ao Paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

NIEVES, R. M. **Construção de um modelo para educação ambiental visando a mudança na cultura organizacional**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L.v. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. 2ª ed.:Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1989.

RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar: Pensando o ambiente humano**. Belo Horizonte: Rona, 2000.

RODRIGUES, Maria. Demandas sociais versus crise de financiamento: o papel do terceiro setor no Brasil. **RAP**. Rio de Janeiro 32(5), p. 25-67, set./out. 1998.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento sustentável, Bio-industrialização descentralizada e novas configurações rural-urbanas. Os casos da Índia e do Brasil**. In: VIEIRA, Paulo; WEBER, Jacques (Orgs.) *Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento. Novos desafios para a pesquisa ambiental*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____ **Ecodesarrollo: desarrollo sin destrucción**. México, D.F.: El Colegio de México, 1982.

SALLES, H. K. **A estruturação de Organizações Ambientistas do Terceiro Setor e a relação com o modelo de avaliação das Fontes Financiadoras**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

SALOMON, Lester. A emergência do terceiro setor - Uma revolução associativa global. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.33, n.1, p. 5-11, janeiro/março 1998.

SANCHEZ, Adolfo. **Filosofia da Praxis**. Rio de Janeiro 4ª ed: Paz e Terra, 1990.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos Sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. Florianópolis 2da. Edição revista: Editora da UFSC, 1987

_____ **Redes de Movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola. 1993.

SCHMITZ, Ma. Albertina. **A influência da variável ambiental na produtividade da indústria têxtil de Santa Catarina – O caso Cia. Hering – Itororó**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

SILVEIRA, Bueno. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo. Ed. Rev., e atual., 2000.

SOARES, André G. **A Natureza, a Cultura e Eu: Ambientalismo e Transformação Social**. Blumenau: Edifurb; Itajaí: Ed. Da Univali, 2003.

_____ **Vida de militante: um estudo sobre a complexidade do movimento ambientalista em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

STAHEL, Andri W. **Capitalismo e Entropia: Os aspectos ideológicos de uma contradição e a busca de alternativas sustentáveis.** In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo. 2 ed.: Cortez, 1998.

SUNKEL, Oswaldo e GIGLO, Nicolo. **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en América Latina.** México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

TAVOLARO, Sergio B.F. **Movimento Ambientalista e Modernidade: Sociabilidade, Risco e Moral.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 1998.

TOLMASQUIM, Mauricio T., **Economia do Meio Ambiente: Forças e Fraquezas.** In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo. 2 ed.: Cortez, 1998.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1994.

TURNER, Kerry, PEARCE, David, e BATEMAN, Ian. **Environmental Economics: an elementary introduction.** Maryland: The John Hopkins University Press, 1993.

VIOLA, Eduardo J. **A Multidimensionalidade da Globalização, as novas forças sociais transnacionais e seu impacto na política ambiental do Brasil, 1989-1995.** In: FERREIRA, Leila & VIOLA, Eduardo (Orgs.). Incertezas de Sustentabilidade na Globalização. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 15-65, 1996.

_____ **O movimento ambientalista no Brasil (1971-1991): da denúncia e conscientização pública para a institucionalização e o desenvolvimento sustentável.** In: GOLDENBERG, M. (Coord.). Ecologia, ciência e política; Participação social, interesses em jogo e luta de idéias no movimento ecológico. Rio de Janeiro: Revan, pp. 49-76, 1992.

_____ **O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v.1, n.3, pp.5-26, fevereiro 1987.

VIOLA, Eduardo J. e LEIS, Héctor. **A evolução das políticas ambientais no Brasil, 1971-1991: do bissetorialismo preservacionista para o multissetorialismo orientado para o desenvolvimento sustentável.** In HOGAN, Daniel J. & VIEIRA, Paulo (Orgs.). Dilemas socioambientais e desenvolvimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, pp. 73-95, 1992.

_____ **O Ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável.** In VARIOS AUTORES. Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as ciências sociais. – São Paulo : Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, pp. 134-160, 1995.

_____ **A Emergência e evolução do ambientalismo no Brasil.** In: LEIS, Héctor: O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização. São Paulo: Gaia; Blumenau, SC: Fundação Universidade de Blumenau, pp. 89-112, 1996.

VIOLA, Eduardo J. e BOEIRA, Sérgio. **A Emergência do ambientalismo complexo-multissetorial no Brasil (Particularmente na microrregião de Florianópolis) nos anos 80.** In: Vários autores: Universidade e Sociedade face à política ambiental brasileira. Florianópolis – Santa Catarina: IBAMA, pp.41-99, 1990.

VIOLA, Eduardo, SCHERER-WARREN, Ilse, KRISCHKE, Paulo (orgs.). **Crise política, movimentos sociais e cidadania.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações.** São Paulo: Cultrix, 1967.

_____ **Economia y Sociedad.** México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

WERLE, Denilson. **Sociedade Civil, mercado político e fundamentos da normatividade: teoria da sociedade civil de Cohen e Arato e teoria da escolha racional.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

ZEFERINO, Augusto C. et. al. **Caminhos e Trilhas de Florianópolis.** Florianópolis: IPUF, 2001.

Apêndice A: Roteiro da Entrevista

Número da Entrevista: _____

Breves dados da Organização:

Nome da Organização: _____

Tipo da Organização: _____

Nome do entrevistado: _____

Cargo exercido pelo entrevistado: _____

Tempo de vínculo com a Organização: _____

E-mail: _____

Telefone: _____

IDEOLOGIA

Missão

1. Qual foi o interesse para a criação da organização? Esse interesse mudou com o avanço do tempo? Como? Por quê? (Intuito: Conhecer em qual das correntes pelo seu objetivo ela encaixa).
2. Na sua opinião, a preocupação com o cuidado do meio ambiente é responsabilidade exclusiva de:

- a) O Governo
- b) As Empresas que o afetam (Mercado)
- c) A Sociedade
- d) a) e b)
- e) a) e c)
- f) b) e c)
- g) a), b) e c)
- h) Alguma outra alternativa _____

Explicite Por quê? Em que magnitude? (Intuito: Identificar quem é para a organização segundo o entrevistado o responsável de cuidar do meio ambiente).

Visão do mundo (ética ecológica)

Relação homem-natureza

3. Na sua opinião, na relação homem-natureza predomina:

- a) Visão do homem de dominar a natureza
- b) Visão de integração do homem com a natureza
- c) Alguma outra _____

Explicitar Como? Por quê? (Intuito: Identificar a visão antropocêntrica ou biocêntrica do entrevistado).

4. Em relação a sua resposta na questão anterior, de que maneira esta visão está refletida na filosofia/práxis da organização? Como? (Intuito: Identificar a visão antropocêntrica ou biocêntrica da organização segundo seus membros).

Relação homem-sociedade

5. Na sua opinião, a relação do homem com a sociedade prioriza:

- a) Os direitos do indivíduo por sobre os da comunidade
- b) Os direitos da comunidade por sobre os do indivíduo
- c) Alguma outra _____

Explique: Como? Por quê? (Intuito: Identificar se existem ações Individuais ou Coletivismo).

Identificação com alternativas propostas para superar o risco de crise ambiental

6. Na sua opinião, quais das seguintes alternativas podem ajudar a superar ou em seu defeito aumentar o risco de crise ambiental. Considere as propostas seguintes, mas também indique alguma outra que você considere que não foi inserida. Em qualquer um dos casos gostaríamos de conhecer seu parecer.

	Reduz	Aumenta
a) Tecnologias de pequena escala	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Limitação do crescimento populacional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Subordinação da sociedade humana às leis da natureza	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Controle da economia pelo estado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Livre mercado sem participação estatal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Tecnologias limpas ou verdes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
i) Retorno à natureza selvagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
j) Comunidades auto-suficientes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
k) Mudança das relações capitalistas de produção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
l) Revolução socialistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
m) Frear o desenvolvimento tecnológico e econômico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
n) Desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
o) Redução significativa dos níveis de pobreza	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
p) Cuidado da biodiversidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
q) Mudança da ideologia de crescimento atual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
r) O Desenvolvimento Sustentável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
s) Por em prática o ecodesenvolvimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
t) Alguma(s) outra(s) não consideradas _____		

7. Na sua opinião, o desenvolvimento do livre mercado garante o crescimento e bem-estar da sociedade. Por quê? Como? (Intuito: Identificar como os valores do mercado estão inseridos na cultura dos entrevistados).

8. Na sua opinião os avanços da tecnologia garantem a sobrevivência dos ecossistemas para as próximas gerações. Como? Por quê? (Intuito: Identificar se existe consciência dos efeitos do uso da tecnologia).

Existem outras alternativas além do desenvolvimento da tecnologia para o cuidado do meio ambiente. Quais?

Valores individualistas/práticos

9. O trabalho dos membros da organização tem algum tipo de retorno para todos ou algum membro em particular. De qual tipo estamos falando? Foi sempre assim desde seus inícios? (Intuito: Identificar se existe profissionalização e/ou amadorismo na organização).

PRÁXIS

Estratégia de ação

10. A organização possui algum tipo de planejamento para por em prática suas ações. Indique como ela desenvolve os seus planos de ação? (Intuito: Identificar como ela leva às idéias à práxis).

11. Além, da preocupação com o meio ambiente, a organização tem outros objetivos. Quais? Por quê? (Intuito: Identificar se tem preocupações na dimensão social ou outras).

12. A organização desenvolve programas/atividades/projetos em parceria com outras organizações? Com quais organizações? Por quê? Como? (Intuito: Conhecer a qual classe do setor as organizações parcerias ou colaboradoras pertencem).

13. Na sua opinião, este(s) parceiros(s) exerce(m) algum tipo de interferência no funcionamento da organização? De que maneira? (Intuito: Identificar alguma possível influência alheia à organização).

14. A organização tem de apresentar algum tipo de relatório sobre suas ações? Para quem? Com que interesse? Segue algum modelo padrão? Com que frequência? (Intuito: Identificar se ela desenvolve projetos por encomenda ou segue um plano independente).

PD. Se você tiver algum interesse em acompanhar o resultado desta pesquisa, entre em contato através de meu e-mail (fanymontenegro@yahoo.com) ou o telefone (331-9374 ramal 228).